

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM
COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

**O boato como simulacro:
uma investigação sobre a comunicação no
mercado financeiro**

Valdir Martins

Doutorado em Comunicação e Semiótica

São Paulo

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM
COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

**O boato como simulacro:
uma investigação sobre a comunicação no
mercado financeiro**

Valdir Martins

Doutorado em Comunicação e Semiótica

Tese apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Comunicação e Semiótica – Signo e Significação nas Mídias, Cultura e Ambientes Midiáticos, sob a orientação do Prof. Dr. Oscar Angel Cesarotto.

São Paulo

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM
COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

**O boato como simulacro:
uma investigação sobre a comunicação no
mercado financeiro**

Valdir Martins

Doutorado em Comunicação e Semiótica

Banca Examinadora

São Paulo

2008

A meus pais,
Antônia e José,
sempre presentes,
apesar de já terem partido.

Agradecimentos

A todos que me apoiaram e me estimularam durante os quatro anos fascinantes que se passaram ao longo da confecção deste trabalho.

Em especial, a meu orientador, Oscar Angel Cesarotto, pela paciência e pela presença amigável, que se mostrou muito mais do que orientador e intelectual, ao longo deste processo.

Agradeço a meus irmãos, Vanderlei, Márcia, Marisa e Luciana, pela confiança e pelo inabalável apoio na construção do trabalho.

A meus amigos do Banco do Brasil, que estiveram por perto durante todo o período, seja me encorajando ou confortando, com menção especial a Rodrigo Sanches, por nossas estimulantes conversas acadêmicas.

A Alexandra Pereira, por seu apoio e pela presença constante, que muitas vezes lhe custou inclusive momentos de lazer.

Igualmente a todos que não conseguiram entender esta fase, em que precisei me concentrar decisivamente neste trabalho.

Às pessoas com quem não convivi, aos lugares a que não fui, aos livros que não li, aos filmes a que não assisti, aos compromissos e viagens a que não pude ir – espero poder contar com a compreensão de todos e, na medida do possível, retomá-los.

A todos vocês,

meu muito obrigado.

Quantas belezas deixadas nos cantos da vida
Que ninguém quer e nem mesmo procura encontrar
E quando os sonhos se tornam esperanças perdidas
Que alguém deixou morrer sem nem mesmo tentar...

Adeilton Alves e Délcio Carvalho

título: **O boato como simulacro – uma investigação da comunicação no mercado financeiro**

autor: Valdir Martins

orientador: Prof. Dr. Oscar Angel Cesarotto

RESUMO

A presente Tese de Doutorado se consagra ao estudo da significação do boato, definido como elemento constituinte da comunicação e capaz de provocar alterações e influenciar o desempenho do mercado financeiro. Visa a mostrar as mudanças que sofreu o capitalismo através da evolução histórico-social da civilização moderna para a pós-moderna, com ênfase na mediação das relações, e as adaptações e os usos de suas técnicas no intuito de se perpetuar pela aceitação e renovação de suas práticas.

Para a pesquisa, a noção de cultura midiática equivale a uma organização baseada na intermediação da vida social por instrumentos comunicacionais desenvolvidos pelas novas tecnologias, eclodindo com a predominância do mercado como único universal humano e de seus desdobramentos na área financeira. Faz-se aqui uma abordagem psicossocial do mercado e do boato como elemento vital para sua dinâmica.

O problema de pesquisa reside no fato de que, como elemento imprevisível na atuação do mercado financeiro, o boato nunca recebeu tratamento adequado, nem se discutiu sua importância no condicionamento das oscilações, sobretudo na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa).

A principal hipótese de trabalho é a de que, como forma comunicacional, o boato exerce papel preponderante no comportamento dos agentes, influenciando diretamente o desempenho e as oscilações dos indicadores, refletindo a capacidade do pensamento na construção da realidade e desmistificando a suposta racionalidade dos mercados.

O objetivo é fazer uma demonstração conceitual das diversas passagens históricas e das adaptações do capital ao novo cenário infotécnico, com especial atenção aos aspectos de fluidez, liquidez e superficialidade da atualidade, sustentados pela disputa entre tempo e espaço, bem como à influência do comportamento dos participantes na alteração dos movimentos mercadológicos e à nova condição do sujeito nesse contexto de mudanças psicológicas e sociais.

Como proposta de trabalho, adotamos principalmente uma reflexão teórica e epistemológica. O percurso metodológico baseou-se em pesquisa bibliográfica, norteadas pela preocupação de uma análise crítica. Usou-se também o estudo de caso, com o acompanhamento do desempenho do ibovespa e do dólar, para revelar sua ligação umbilical com as oscilações do mercado. A estrutura da argumentação tem três partes: I) a evolução do capitalismo e suas transformações, II) a construção do mercado e suas várias facetas e III) o boato e sua função no mercado financeiro.

O quadro teórico de referência é formado por autores como Kapferer, Allport, Morin, Bauman, Debord, Baudrillard, Virilio e Trivinho, entre outros, e se baseia nas perspectivas da evolução do capitalismo alicerçado no Estado, na construção da entidade mercado, na superação do sujeito e na influência do boato como componente estruturante do comportamento do mercado financeiro. A pesquisa pretende concorrer para uma compreensão mais profícua do tema da comunicação no mundo dos negócios e para resgatar o elemento de indeterminação nos mercados.

palavras-chave: comunicação, capitalismo, mercado, finanças, boato.

Title: The Rumor as Simulacrum – an Investigation of Communication in the Financial Market

Author: Valdir Martins

Supervisor: Professor Oscar Angel Cesarotto, PhD

ABSTRACT

This PhD thesis aims at the study of the meaning of rumor, defined as a constitutive element of communication with the ability of provoking alterations and influencing the performance of the financial market. It intends to show the changes capitalism has undergone throughout the historical and social evolutions of modern to postmodern civilization, focusing on the mediatization of the relations, and the adaptations and technical employments it has made use of to maintain the acceptance and the renovation of its practices.

In our research, the concept of media culture is that of an organization based upon the mediation of social life through instruments of communication developed by new technologies, creating the predominance of the market as the single human universal and its unfoldings in the financial field. We propose a psychosocial analysis of the market and of the rumor as a vital element for its dynamics.

The challenge for the research dwells in the fact that, as an unpredictable element in the performance of the financial market, the rumor has never received an appropriate attention, and there has never been a discussion of its importance to the conditioning of the oscillations, above all in the São Paulo Stock Exchange (Bovespa).

The main hypothesis of this work is that, as a means of communication, the rumor has a preponderant role in the behavior of agents, directly influencing the performance and the oscillations of indexes, reflecting the capacity of reasoning in the construction of reality and demystifying the presumed rationality of markets.

Our goal is to make a conceptual demonstration of the various historical passages and the adaptations of capital in the new infotechnical scenario, with special attention to the aspects of fluidity, liquidity and shallowness of actuality, supported by the dispute between time and space; attention will also be given to the influence of the behavior of participants in the alterations of market movements and to the new condition of the subject in this context of psychological and social changes.

As to the approach of this work, we have chosen a theoretical and epistemological reflection. The methodological criteria have been based upon a bibliographical research guided by the concerns of critical analysis. We have also used case analysis, following closely the performance of ibovespa and the dollar, with the intention of revealing its tight connection to market oscillations. The structure of our argumentation has three parts: 1) the evolution of capitalism and its transformations; 2) the construction of market and its diverse traits; 3) the rumor and its function in the financial market. Our theoretical frame of reference is made up of authors such as Kapferer, Allport, Morin, Bauman, Baudrillard, Virilio and Trivinho, among others, and it is based upon the perspectives of the evolution of capitalism with foundation in the State; the construction of market identity; the surpassing of the subject; and the influence of rumor as a structuring component of the behavior of financial markets. This work intends to contribute to a more useful knowledge of the topic of communication in the business world and to bring into discussion the element of indetermination in the markets.

Keywords: Communication, Capitalism, Market, Finances, Rumor.

SUMÁRIO

Introdução	11
parte I – A evolução do capitalismo e suas transformações	22
Capítulo 1 – Capitalismo: das origens à globalização	23
1.1 As mutações do capitalismo	23
1.2 O capitalismo monopolista: do pós-Guerra ao final da década de 1970	31
1.3 A globalização	36
Capítulo 2 – As faces do capital	40
2.1 A globalização do capital	40
2.2 O valor imaterial e o dinheiro	42
2.3 O paradigma do tempo-espaço	50
Capítulo 3 – A financeirização global	54
3.1 As finanças mundializadas	54
3.2 O capital financeiro	59
parte II – A construção do mercado e suas várias faces	66
Capítulo 1 – O capital nas passagens históricas	67
1.1 Do moderno ao pós-moderno, a presença do capital e suas transformações ...	67
1.2 Da modernidade sólida à modernidade líquida	77
Capítulo 2 – A fragmentação do mercado	80
Capítulo 3 – Aspectos psicanalíticos do mercado	93
Capítulo 4 – A construção ficcional do mercado	105
4.1 A ficção e o mercado	105
4.2 O processo de construção de marcas	109
4.3 O mercado como resultado imagético	114

	10
Capítulo 5 – O mercado financeiro	119
5.1 O mercado financeiro antes da globalização	119
5.2 A abertura do mercado financeiro	121
5.3 Os efeitos da globalização financeira no Brasil	124
5.4 As especificidades do mercado financeiro brasileiro	127
parte III – O boato e sua função no mercado financeiro	136
Capítulo 1 – As características dos boatos	137
1.1 O boato	137
1.2 As causas dos boatos	142
Capítulo 2 – Os principais estudos sobre o boato	144
2.1 A Escola Francesa	144
2.2 A Escola Norte-americana	152
2.3 O estudo do boato no Brasil	159
Capítulo 3 – O boato na Bovespa	168
3.1 A influência do boato nos agentes da bolsa	168
3.2. O problema da quantidade de informação	170
3.3. As crises empresariais causadas pelos boatos	173
Capítulo 4 – As influências do boato no mercado financeiro	175
4.1 A análise empírica	175
4.2 A anatomia dos casos analisados	175
4.3 O ibovespa	177
4.4 A oscilação do dólar	178
4.5 O risco-Brasil	181
4.6 O boato e as variações do mercado	183
4.7 Os analistas financeiros e o boato	184
4.8 Características do boato financeiro na Bovespa	186
Considerações finais	190
Referências bibliográficas	194

INTRODUÇÃO

A escolha do objeto

No fazer da ciência, é impossível dar conta de toda a realidade que se apresenta aos olhos do pesquisador. Toda construção epistemológica se dá justamente a partir de um dado mais próximo do estudioso, e a escolha de um método epistemológico advém, no decorrer da vida, de informações, visões e contatos engendrados em sua realidade.

Se a escolha do objeto e sobretudo a perspectiva sob a qual se o estuda são determinadas segundo o ponto de vista do estudioso, ou seja, se existe uma conexão essencial entre uma teoria e uma visão de mundo, não se pode pretender uma “suspensão do julgamento” na atividade científica. É ilusão acreditar na completa isenção intelectual, e não é menos ingênuo ignorar que a história de vida do pesquisador estará inevitavelmente eivada de conteúdos ideológicos, ditados por interesses e valores específicos dos grupos aos quais interessa a produção do conhecimento. Ainda que gerada nos impenetráveis domínios de uma mente, a decisão individual é produzida socialmente.

Quando se esboçava este trabalho, na busca de ferramentas teóricas, percorremos bibliotecas, navegamos pela internet, buscamos informações e/ou dados com conhecedores do assunto e recolhemos indiscriminadamente um acervo que porventura tivesse relação com o tema.

Com todo o referencial teórico em mãos, o problema era decidir como a jornada da escrita, estritamente falando, poderia ampliar o assunto ou – por que não dizer? – criar alternativas para sua discussão e seu aprofundamento. A intenção não era apenas compilar o material disponível, o que implicaria um desaconselhável sincretismo teórico, com a possivelmente precária acomodação superficial de idéias potencialmente irreconciliáveis e pondo em risco princípios fundantes da ciência: para dizer o mínimo, a coerência epistemológica.

Assim, o texto foi orientado pela satisfação de se produzir uma matéria nova, pelo deleite de adentrar um estudo inexplorado e pelo cuidado de proporcionar ao leitor, mesmo o leigo, prazer na leitura.

Sobre o trabalho

A evolução do sistema capitalista, com suas nuances, características e agentes, ensejou uma mudança drástica na forma de organização do mundo econômico-social. Transformou as relações sociais e revolucionou as relações econômicas, galgando etapas de crescente complexidade, agregando elementos e crenças que espelharam um momento histórico específico.

A expansão do modelo capitalista rompeu com uma organização feudal e reestruturou a condição de vida do camponês, transformando-o em trabalhador assalariado submetido a condições degradantes e subumanas. Além de torná-lo subserviente a um mando hierárquico, a

passagem de trabalhador autônomo a proletário o destituiu da posse dos meios de produção (Marx, 1983).

Pela própria dinâmica do modelo e da estrutura do sistema, o capital precisava expandir-se pela competição agressiva por mercados, pela disputa por territórios e pela busca contínua de resultado e lucratividade. Essa disposição desenvolveu formas de produção com a adoção de diversas teorias administrativas e a implementação de inovações.

O capitalismo concorrencial descaracterizou a função econômica do Estado nacional, levando-o aos conflitos político-mundiais por áreas de influência e pela expansão das atividades econômicas.

O capital representado pelas mercadorias subjaz à sua própria financeirização. Aliado à evolução do sistema bancário, o capital cria novas formas de se multiplicar, encontrando no mercado financeiro terreno propício para sua evolução. O volume de capital financeiro aumenta e, com a abertura dos mercados mundiais, ganha a possibilidade de se expandir para o globo.

Essa expansão das finanças mundiais transformou o capital em elemento nômade, podendo circular por todo o globo, em busca de melhores condições de expansão: “o capital financeiro desfruta de uma posição privilegiada: tem mais mobilidade do que os outros fatores de produção e é mais volátil do que o investimento direto” (Soros, 1998: 21). Essa condição elimina a igualdade do embate capital-trabalho, devido à desterritorialização do capital (Bauman, 2001).

Para que o mercado financeiro se expandisse definitivamente, precisava de um apoio e de uma valorização teórica sobre a construção e a evolução do mercado como ente supremo da nova fase econômico-social (Frank, 2004). O mercado assume atribuições típicas de Estado e se arroga o estatuto de mecanismo auto-regulador da economia e termômetro dos anseios do consumidor, utilizando instrumentais da comunicação como a publicidade, a propaganda, o *marketing* e estratégias de divulgação dos produtos/serviços (Fontenelle, 2002), além de discursos competentes (Chauí, 2006) de personalidades, teóricos e estudiosos avalizando seus supostos benefícios.

Através de diversas matérias e artigos publicados em jornais, o mercado financeiro é terreno fértil para a reprodução de boatos, causando transtornos no mundo dos negócios. Objetiva-se aqui mostrar a influência que ele exerce no segmento financeiro, examinando o desempenho do ibovespa e do dólar, buscando identificar, de um lado, a anatomia do boato e, de outro, a veracidade de seu conteúdo.

A apreensão dos significados simbólicos e a tentativa de desvendar e descrever os mecanismos de progressão e convivência do boato como categoria de comunicação no mercado financeiro evidenciam uma retro-alimentação dessa rede de boatos no meio financeiro. A coleta de informações para categorizar os modos como se apresentam os boatos e para detectar o formato e a repercussão de seus significados simbólicos tornou-se uma ferramenta de auxílio não só à comunicação, mas sobretudo ao próprio universo dos negócios.

Talvez o pioneirismo da temática no tocante ao mercado financeiro brasileiro gere a expectativa de diagnósticos ou soluções para a atuação do boato – aqui apresentado, em particular, na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), sobretudo por sua dinâmica intensa e suas formas nada convencionais, mas não se trata aqui de sentenciar o boato como certo ou errado, positivo ou negativo. O que se pretende, sim, é interpretar essa modalidade da comunicação a partir da observação e da análise psicossocial dos agentes e dos registros e ainda lançar algumas luzes, mesmo tênues, que permitam vislumbrar como se manifestam e/ou desenrolam as relações entre os agentes do mercado e como cada um deles lida com os boatos. Esperamos que esses “clarões” lancem alguma luz sobre esse complexo processo e, a partir disso, se abram novas possibilidades de intervenção.

O Plano Real

A partir de 1994, com o advento do Plano Real, no governo de Itamar Franco, a preocupação com a inflação se intensificou ainda mais, desencadeando uma série de mudanças econômicas que visavam a adequar o Brasil à nova situação internacional. Essas mudanças levaram a outras, tirando do país muitas características que resistiam historicamente (Cardoso, 2006).

A nova configuração mundial exigia do Brasil medidas enérgicas que provocassem uma ruptura com seu passado de instabilidade

econômica, e as adaptações procuravam preparar sua inserção no mundo globalizado, dominado pelo setor financeiro.

Alicerçado na busca do controle da inflação e na conseqüente valorização da moeda, o processo de implantação do Plano Real obteve apoio do conjunto da sociedade e construiu o respaldo popular para seu êxito.

Com a conjuntura econômica favorável e convidativa a investimentos estrangeiros, a Bovespa assumiu posição de destaque na catalisação dos recursos financeiros internacionais que comporiam um importante item no equilíbrio das contas públicas.

O pragmatismo financeiro revela que o investidor externo migra entre as praças sobretudo pela atratividade da taxa de juros praticada pelas nações, o que prova que os investidores não valorizam um país pelo que lhes concedeu outrora, mas principalmente pelas possibilidades reais que oferece no presente.

Há, pois, um imperativo histórico exacerbado economicamente determinando definições radicais – delas depende a sobrevivência do país. Ao Brasil, no entanto, essa decisão, de natureza extremamente complexa, se apresentava como uma escolha dilemática entre a continuidade da situação econômica instável e o arrojo da ruptura e a entrada definitiva na internacionalização. Daí a busca pela modernidade como se fora a panacéia. Mas não se tratava de simplesmente optar por uma alternativa econômica mais arrojada. Tratava-se antes e sobretudo de discutir e repensar o Brasil internamente, o que de fato implicou uma

reavaliação de princípios e valores sedimentados na cultura da instabilidade.

É no interior desse processo que entendemos ser pertinente uma reflexão acerca do papel do mercado financeiro, que, afinal, tem estabelecido os vínculos entre os diversos segmentos da economia e o mercado internacional.

Como propulsor da economia, o mercado financeiro tem no boato um de seus elementos estruturantes, definindo uma nova configuração de seu comportamento e de sua dinâmica e, conseqüentemente, influenciando os rumos das faces sociais.

Segundo Kapferer (1993), o boato está em todas as esferas da vida social, e não se poderia discuti-lo no mercado financeiro sem essa perspectiva. Assumido esse pressuposto, é preciso compreender os modos revelados pelo boato em diversas situações e o grau de confiabilidade que nele se deposita. Trata-se do que Allport (1947) chama de *proposição de verdade*, passada de pessoa para pessoa, quase sempre verbalmente, e sem sinais seguros de evidência. Essas condições nos permitiram transitar por outras áreas do conhecimento, além da ciência da comunicação.

Tendo estado sempre no horizonte, o alerta de Geertz (1989) de que o aprofundamento num estudo pode afastar o estudioso da “superfície dura da vida” não justifica a limitação do trabalho às camadas mais evidentes da realidade, mas antes inspira o cuidado de não nos

desprender da concretude situacional que contextualiza o objeto de nossa preocupação intelectual.

Assim, o zelo de não perder de vista o chão de onde brotou o mote da pesquisa nos levou a utilizar os jornais *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S.Paulo* e *Valor Econômico*, além de gráficos de desempenho obtidos no site da consultoria financeira Economática que versavam sobre o boato nos mercados e na Bovespa.

De posse de todo esse arcabouço, não vimos sentido em escrever uma pesquisa quantitativa sistemática, ao cabo da qual certamente concluiríamos o que já se sabe, ou seja, que o boato é um elemento atuante do mercado financeiro e tampouco tivemos a preocupação de fazer uma coleta exaustiva para a constituição de nosso corpus.

Valemo-nos também de relatos verbais, colhidos em freqüentes conversas formais e informais com investidores, analistas financeiros, corretores e operadores de pregão eletrônico, especialmente quanto à influência do boato nas cotações dos papéis e ao tratamento que lhe dispensam esses agentes.

Assim como outros trabalhos desta natureza, a dificuldade mais significativa que enfrentamos foi a falta de estudos e textos na área financeira. Embora existam trabalhos sobre o boato como comunicação, nenhum deles aborda questões do mercado financeiro, e esperamos que nossa dedicação a esta pesquisa concorra para atenuar esse óbice para as vindouras.

Tentamos e, se não conseguimos, fica registrado nosso esforço de produzir um texto acadêmico que fosse atraente e que sobretudo os profissionais do mercado financeiro se disponham a lê-lo.

A organização do trabalho

Procuramos dividir o trabalho de modo a simplificar o acompanhamento do percurso teórico e, assim, a primeira parte se dedica ao desenvolvimento do sistema capitalista em suas sucessivas etapas, mostrando a função do Estado como instrumento de alavancagem¹ do modelo e desmistificando a idéia de que sua participação tenha sido secundária em sua evolução.

Na segunda parte, procuramos deslindar a construção do mercado como elemento autônomo, recuperando suas características antagônicas ao discurso reinante e as atuais condições dos agentes. A construção do mercado passa por diversas etapas, desde a sua categorização como ente soberano da economia até a sua antropomorfização. Essa análise busca identificar suas facetas e investigar seu surgimento após o processo de globalização financeira, colocando-se como inevitabilidade e infalibilidade e tentando fazer crer o mesmo sobre suas regras.

Na terceira parte, discute-se o fenômeno do boato no contexto do mercado financeiro, resgatando as principais linhas teóricas desenvolvidas sobre o tema, identificando a existência do boato no perímetro da Bovespa, caracterizando sua atuação, seu impacto sobre os

¹ Em Economia, “alavancagem” se refere ao financiamento das operações de uma empresa com recursos de empréstimo, e não de capital próprio.

agentes do mercado e sobretudo sua estrutura. O acompanhamento do boato através do índice da bolsa e da variação do dólar norte-americano demonstram a suscetibilidade das oscilações aos elementos comunicacionais.

O boato é um assunto que desperta as atenções e, por sua penetração, é um campo riquíssimo para estudos de qualquer natureza.

Optamos por investigar o boato financeiro, mas há outros tipos de boato, todos passíveis de estudo. Por isso, contextualizamos o assunto com um breve histórico sobre o boato.

Inicialmente, apresentamos o tema à luz da teoria geral do boato, detendo-nos em sua conceituação e em suas ramificações, principalmente a fofoca, e discutimos as diferenças e as aproximações entre as comunicações orais, inter-relacionadas pelos pressupostos fundamentais da comunicação como forma de interação entre as pessoas.

Depois, contextualizamos a Bovespa no bojo do mercado financeiro e este no novo cenário produzido pela globalização e internacionalização das economias. Com isso se pretendeu mostrar a importância do mercado financeiro na atual fase de desenvolvimento do capitalismo, com a presença dos especuladores e dos agentes atuantes no mercado, a globalização e suas influências no Brasil e as demais variáveis que influenciam externamente os países emergentes: “o mundo financeiro, exatamente por lidar com sonhos, assume uma feição de

extrema racionalidade, prudência, ceticismo, cuidado e previdência” (Singer, 2000: 9).

Há ainda uma apresentação da natureza global do mercado financeiro, dos fluxos de valores mundiais, das aplicações e da magnitude desse mercado no mundo.

E encerramos a pesquisa demonstrando a existência e a interferência do boato no mercado financeiro, sua importância na dinâmica dos mercados e mais especificamente no jogo de especulação de posição. A análise da presença do boato no mercado financeiro através de uma abordagem acadêmica é um marco num trabalho que nunca teve um ponto de chegada conhecido, mas antes a intenção de contribuir para o estudo do tema e aprofundar o conhecimento das variáveis comunicacionais.

parte I

A evolução do capitalismo e suas transformações

CAPÍTULO 1

CAPITALISMO: DAS ORIGENS À GLOBALIZAÇÃO

1.1 As mutações do capitalismo

A existência e a sobrevivência do modo capitalista de produção dependem de certas condições históricas e materiais, entre as quais se compreendem a transformação do dinheiro em capital, a acumulação do capital, que pressupõe a mais-valia, e a disponibilidade de grandes quantidades de capital e de força de trabalho nas mãos dos produtores de mercadorias.

Entretanto, a explicação sobre a formação das condições necessárias para o desenvolvimento do capitalismo não pode ser encontrada no modo de produção capitalista². A sociedade capitalista nasceu da estrutura econômica da sociedade feudal e, dessa forma, é no conjunto das transformações que levaram à desagregação do feudalismo que se encontram as explicações para a criação das relações de produção capitalistas. Esse processo histórico que dissocia o trabalhador dos meios de produção é chamado de acumulação primitiva³, constituindo-se na pré-história do capital e do modo de produção capitalista. As transformações que criaram as bases do capitalismo

² Entende-se que o modo de produção capitalista não criou as condições necessárias a sua evolução, mas que os Estados nacionais fomentaram os pilares para sua expansão (Magalhães: 2006).

³ A acumulação primitiva é a etapa de transição entre o modo de produção feudal e o capitalismo. O capital é necessário para o investimento na aquisição e na criação de maquinário e empresas para a produção intensiva.

começaram no século XV e se estenderam até o século XVIII⁴ (Magalhães, 2006: 64). Seu berço foi a emergente Inglaterra, onde ocorreram a Revolução Industrial e a conseqüente consolidação da classe burguesa, e disseminaram-se para todo o continente europeu e posteriormente para os Estados Unidos da América (EUA).

O processo de dissociação do trabalhador dos meios de produção tem como base a expropriação do camponês e sua destituição da posse da terra⁵. O desenvolvimento da manufatura de lã e o conseqüente aumento do preço do produto levaram à transformação das terras de lavouras em pastagens, motivando as expropriações dos camponeses. Os métodos empregados para privar os camponeses de seu principal meio de produção – a terra – foram a aceleração pela força da dissolução das vassalagens feudais implementada pelo poder real⁶, a expulsão dos camponeses, a usurpação das terras comuns pelos senhores feudais, o saque a terras da Igreja Católica, por ocasião da Reforma Protestante, sua apropriação por especuladores, burgueses ou agricultores, e a usurpação das terras da Coroa por uma oligarquia.

O conjunto dessas ações ensejou a incorporação das terras ao capital, substituindo a velha agricultura do senhorio na agricultura capitalista, e tornou a população agrícola disponível para a indústria das

⁴ Neste trabalho, os marcos históricos da desagregação do feudalismo até a Revolução Industrial serão tomados como momentos importantes na consolidação das condições e dos pilares do processo de desenvolvimento.

⁵ Lembremo-nos de que a posse dos meios de produção e da terra caracterizavam o camponês do sistema feudal.

⁶ Cabe registrar que a maior parte da expropriação de terras foi promovida e executada pelo Estado, representado pelo poder real, que teve participação decisiva na transformação do sistema de produção e no surgimento de uma nova forma de estruturação social e econômica.

idades, criando uma oferta de homens, mulheres e crianças que, não tendo meio de produção ou direitos, passaram a vender o que lhes restou – sua força de trabalho. “A força de trabalho é transformada em mercadoria e o camponês, em proletariado”⁷ (Marx, 1980).

Um outro elemento a ser analisado na constituição do capitalismo é a formação do capital, especificamente a transformação do capital dinheiro em capital industrial⁸. Esse processo, por um lado, decorre da evolução de mestres de corporação e de artesãos para capitalistas, por meio da exploração do trabalho assalariado e da conseqüente acumulação, mas, por outro, esta explicação não é suficiente para justificar a disponibilidade da grande quantidade de capitais que foram utilizados na formação do capital industrial, que têm origem no capital usurário e no capital mercantil da Idade Média. Marx mostra isso claramente:

As descobertas de ouro e prata na América, o extermínio, a escravização das populações indígenas, forçadas a trabalhar no interior das minas, o início da conquista e pilhagem das Índias Orientais e a transformação da África num vasto campo de caçada lucrativa são os acontecimentos que marcam os albores da era da produção capitalista (Marx apud Magalhães, 2006: 68).

O sistema colonial propiciava a concentração de capital, cujos mecanismos dependiam de uma forte intervenção do Estado. Os monopólios comerciais concedidos pelos Estados para a exploração das

⁷ Nesse período, emergiram o chamado desemprego estrutural e o exército de reserva, de fácil substituição e sem qualquer direito.

⁸ O investimento do capital transforma a estrutura econômica, antes ligada à posse do dinheiro, em investimentos industriais materiais.

colônias e a pilhagem e a exploração do trabalho escravo fizeram da Europa o destino final de uma soma de riquezas que depois se transformaram em capital⁹. O segundo momento importante do capitalismo é sua fase de impulso concorrencial, entre 1846 e 1873. Esse período se caracterizou por uma crescente expansão econômica, marcada pelo ritmo vertiginoso das transformações – na produção, notadamente no volume, nas técnicas e na estrutura da indústria, nas relações sociais e na extensão e na variedade do comércio¹⁰.

A transformação na esfera produtiva teve como principal elemento a introdução de máquinas, modificando a manufatura em “mecanofatura”, aumentando o grau de produtividade do trabalho, o proletariado, o campo de investimento e o mercado de bens de consumo e levando à predominância de um novo tipo de capital – o capital industrial.

Essas transformações foram possíveis graças à utilização das descobertas científicas no processo produtivo¹¹. A estrada de ferro, o vapor e o telégrafo criaram condições de comunicação, elemento vital na mudança do modo de produção, para que a economia capitalista intensificasse e multiplicasse as transações comerciais, dando-lhes caráter global¹². Concomitantemente às transformações produtivas, da

⁹ Diferentemente da propalada eficácia da iniciativa privada, as mais importantes fontes de recursos para a evolução do capitalismo ocorreram no seio do Estado Nacional.

¹⁰ As transformações foram profundas e acarretaram uma nova visão de mundo, transmutando as condições existentes e gerando uma nova estrutura social.

¹¹ As invenções substituíram o processo de produção artesanal e rudimentar, propiciando maior produtividade e, conseqüentemente, maior rentabilidade.

¹² A intensificação da produção exigia a exploração de novos mercados para as mercadorias geradas, e ocorre o primeiro momento da globalização das mercadorias no capitalismo emergente, cuja mola propulsora foi o desenvolvimento dos meios de comunicação.

dominação colonial e da formação do mercado mundial sob a égide do capital, esse período compreende movimentos fundamentais para a consolidação do capitalismo, quais sejam, o desenvolvimento do emprego industrial, da urbanização e do assalariamento e a afirmação da burguesia como classe social.

Tudo fluía perfeitamente, até que, em 1873, de forma inimaginável, o sistema foi abalado por uma crise aguda – conhecida como a Grande Depressão¹³ –, que se estenderia até meados de 1896. Esse acontecimento mudou significativamente os rumos do capitalismo e foi o marco divisor entre a fase dita concorrencial – apoiada no padrão-ouro como regime monetário internacional, na intensificação do intercâmbio internacional de capitais e mercadorias e na consolidação do capital industrial – e a fase que então se iniciava – a fase monopolista ou imperialista.

O colapso do sistema deveu-se sobretudo à intensificação da concorrência internacional, pondo em xeque as teses favoráveis ao livre-cambismo e as políticas protecionistas de potências emergentes. Como resultado da Grande Depressão, a competição passou a ser evitada nos mercados em que a concentração de capital se acentuou e a crença nos mercados livres, auto-regulados, foi cedendo espaço às intervenções do Estado, motivadas pelo princípio da nacionalidade ou da territorialidade na luta pela apropriação da riqueza mundial.

¹³ Trata-se de momento de crise do modelo, com o esgotamento das condições de expansão construídas, referenciadas por uma concorrência desmedida dos Estados por novos mercados, levando ao colapso institucional e exigindo uma nova intervenção dos Estados na regulação econômica.

Segundo Magalhães (2006), ao se analisar a evolução do capitalismo moderno, pode-se destacar, em primeiro lugar, a estrutura dos mercados marcada pelo controle dos monopólios, resultante do desenvolvimento da grande indústria. Os cartéis e os trustes são símbolos da concentração da produção e da centralização do capital. O surgimento dos trustes e de sua estrutura está ancorado na produção em grande escala e apoiado numa base determinada de monopólio, a partir dos seguintes sustentáculos: 1) acesso especial a matérias-primas; 2) controle especial de meios de transporte e distribuição; 3) vantagens na produção e na comercialização, pela posse de patentes, marcas registradas e outros processos especiais; 4) franquias, licenças e outros privilégios públicos, concedendo-se monopólio ou restringindo-se a concorrência; 5) legislação tarifária.

Além desses, a composição da estrutura do capitalismo moderno conta com um elemento novo – o papel estratégico atribuído aos homens que manejam o mecanismo monetário das comunidades industriais, a classe dos financistas¹⁴. Essa classe de capitalistas exerce uma dominação financeira sobre a indústria capitalista, fazendo com ela uma aliança informal e temporária da comunidade de negócios.

Aliada à proteção e ao incentivo do Estado, essa estrutura de monopólio criou as condições para a acumulação do capital, e, em simbiose com o capital bancário, esse capital industrial levou ao desenvolvimento do capital financeiro. Este, por sua vez, encontra

¹⁴ Esse elemento da nova configuração social surge com a necessidade de desenvolvimento do sistema bancário aliada ao conhecimento das técnicas financeiras.

ambiente propício à sua expansão, extrapolando o âmbito doméstico e atingindo o cenário internacional, onde se multiplica de forma devastadora e abarca as principais praças mundiais, impondo uma nova configuração do capital, alavancada pela área financeira¹⁵.

Esse momento histórico se caracteriza pelo desenvolvimento altamente organizado do capitalismo, pela cristalização do processo de monopólio econômico e pela emergência de uma oligarquia financeira como nova dirigente do mundo econômico¹⁶.

Esse período foi considerado pelos teóricos marxistas como a fase do imperialismo, expressão política do processo de acumulação do capital em sua competição pelo domínio de áreas do globo ainda não conquistadas pelo capital.

Lênin (1985) concebe o imperialismo como uma fase de desenvolvimento do capitalismo, a partir de cinco traços fundamentais: a afirmação da dominação dos monopólios e do capital financeiro, a importância de primeiro plano da exportação dos capitais, o início da partilha do mundo entre trustes internacionais e o fim da partilha de todo o território do globo entre as maiores potências capitalistas.

Ao interpretar as transformações do capitalismo após a Grande Depressão, a teoria do imperialismo põe em xeque a concepção liberal que defendia a eliminação do poder político do Estado para o bom

¹⁵ O capital financeiro nasce da junção de interesses do capital industrial em consonância com o capital bancário, expandindo-se para além dos limites territoriais dos países industrializados, visando ganhos excedentes ao comércio de mercadorias. Ocorre o protótipo da globalização financeira posteriormente observada (Chesnais, 1996).

¹⁶ O capital financeiro adquire *status* econômico e, conseqüentemente, exigirá um reconhecimento político, o que o transforma em protagonista da sociedade.

funcionamento do sistema¹⁷. Entretanto, o imperialismo ancorado nas práticas monopolistas e de reserva de mercado por parte do Estado resgatou a intervenção estatal no funcionamento do sistema e acirrou as disputas, passando as concorrências a ser vistas como competição entre Estados. Esse tipo de capitalismo de Estado privilegiou o poder econômico e militar dos países, saindo da esfera meramente competitiva e transformando-se em instrumento de dominação e imposição dos interesses das nações¹⁸.

A era monopolista, marcada pelas transformações estruturais nas condições de produção e dos mercados e pela relação cada vez mais orgânica entre o Estado e o capital, fortaleceu a dependência dos Estados face à economia internacional, aumentando sua rivalidade e a corrida aos armamentos, aos territórios coloniais, aos mercados, às linhas de navegação e aos investimentos e acrescentando novos elementos de instabilidade ao processo de acumulação. As disputas imperialistas tiveram como consequência a II Guerra Mundial e, com ela, a ampliação do controle das economias pelos Estados em guerra.

¹⁷ Essa discussão ainda hoje é muito presente, quando se confrontam as teorias neoliberais com as posições mais “progressistas” de necessidade de intervenção do Estado na economia.

¹⁸ Esse momento de expansão do capitalismo e de dominação de novos mercados culmina com o chamado “neocolonialismo”, através da divisão do mundo em áreas de influência, sobretudo os continentes africano e asiático, e redonda na eclosão da II Guerra Mundial.

1.2 O capitalismo monopolista: do pós-Guerra ao final da década de 1970

O pós-Guerra traz novos desafios para as economias capitalistas. As necessidades de reconstrução, a descolonização, a incorporação de extensas áreas da Ásia, da África e da América Latina aos novos padrões de consumo e produção do fordismo¹⁹ e a Guerra Fria, expressão política e militar da concorrência desse sistema com o socialismo, deram às funções econômicas do Estado *status* de dominância. A reconfiguração do mundo em áreas de influência das superpotências dividiu o globo e aumentou os interesses políticos, econômicos e sociais. Entretanto, esse período é caracterizado pela predominância do pensamento intervencionista do Estado na economia. De um lado, tem-se o modelo de planificação centralizada e a estatização da economia²⁰, de outro, a prevalência da ótica de intervenção do modelo keynesiano²¹ de intervenção parcial. O maior prejudicado com a II Guerra Mundial foi a Europa, palco dos piores conflitos e de grande destruição, além do Japão, naturalmente. Havia uma necessidade premente de reconstrução material e psicológica e de reorganização do Estado como ente capaz de ditar as regras para a retomada do desenvolvimento econômico,

¹⁹ Modelo administrativo desenvolvido por Henry Ford, que pressupõe a introdução maciça de maquinário, produção em série através de linha de montagem e padronização de procedimentos.

²⁰ Sistema econômico adotado pela antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e pelos Estados do Leste Europeu.

²¹ John Maynard Keynes (1883-1946) foi um economista liberal norte-americano que propunha a intervenção parcial do Estado na economia como forma de regulá-lo e impedir o descontrole dos mecanismos de mercado. Sua teoria foi amplamente expandida nas economias ocidentais, sobretudo por resguardar os direitos dos governos de participarem dos rumos da economia.

sobretudo para impedir o avanço das economias “socialistas” e sua forma de estruturar o Estado.

O movimento de nacionalizações ocorridas no pós-Guerra registra uma tendência à incorporação pelo Estado de um número crescente de setores produtivos, levando-o a absorver setores inteiros de valorização do capital. As nacionalizações não significaram um processo de “socialização” dos meios de produção via Estado capitalista, mas uma estratégia de ação do Estado frente às dificuldades de valorização do capital – o capital estatal funcionando como um esteio do capital privado, especialmente do monopolista.

O aumento das tensões entre os EUA e os URSS, desencadeando a Guerra Fria, levou os primeiros a investir pesadamente na reconstrução dos aliados, como forma de barrar o avanço soviético na Europa Oriental e o conseqüente aumento de sua área de influência e de desestruturação do capitalismo reinante.

Em Bretton Woods²², em julho de 1944, ainda durante a Guerra, os acordos produziram um arcabouço institucional para a maior expansão econômica da história capitalista. Os objetivos de se assegurar a estabilidade monetária, num quadro de superação do padrão-ouro, e a reestruturação da nova economia internacional estavam condicionados pelo papel hegemônico assumido pelos EUA e pela necessidade de se

²² Bretton Woods é a cidade norte-americana que sediou o encontro que definiu novos parâmetros para o capitalismo reinante, com o reconhecimento dos EUA como a maior potência mundial e econômica e o estabelecimento das regras que vigorariam no mundo capitalista.

criarem instrumentos eficazes para o gerenciamento econômico mundial que não repetissem os fracassos anteriores:

Ao lado dos importantes acréscimos verificados nas funções do Estado, nessa fase intensificaram-se a centralização, a concentração e a exportação do capital, a regulação, bem como se reforçou o papel do setor financeiro na acumulação (Magalhães, 2006: 117).

A centralização e a concentração alcançadas pelo capital e a situação hegemônica dos monopólios nas economias capitalistas geraram um maior grau de vinculação entre eles e o Estado, impondo ao poder público a interferência no mercado, contrariando a pretensa lei natural da oferta e da procura.

Essa passagem desmistifica a expressão veiculada de que, ao interferir no mercado, o Estado prejudica seu funcionamento, e a interferência gera prejuízos aos capitalistas, como podemos verificar na descrição de Sweezy:

Finalmente, devemos assinalar, quanto a isso, que as contradições do processo de acumulação e o desenvolvimento desigual entre os ramos da indústria provocam a paralisação da expansão hoje de um, amanhã de outro ramo da produção, que se torna, na realidade, não-lucrativo. Na época do capitalismo concorrencial, o resultado era o desaparecimento de inúmeras firmas, a falência e ruína de muitos capitalistas. Quando uma indústria em decadência, porém, é sede de grandes organizações monopolizadoras, com ramificações por todo o sistema econômico, as falências e bancarrotas são questão muito mais séria; torna-se necessário ao Estado intervir por meio de empréstimos de fundos públicos, subsídios, e, em certos casos, de propriedade governamental das empresas não-lucrativas. Dessa forma, os Estados capitalistas são forçados a um grau sempre maior de "socialismo". O que é

socializado, quase sempre, é o prejuízo dos capitalistas (Sweezy, 1986: 242).

O desenvolvimento do imperialismo, ou seja, o nível de centralização e concentração do capital, a exportação de capital, a luta por zonas de influência, as dificuldades crescentes de valorização do capital (supercapitalização, superacumulação) e produção sistemática da mais-valia e a nova ordem estabelecida pelo pós-Guerra impuseram um novo padrão ao processo de acumulação capitalista. Esse processo será identificado pelo modelo de industrialização fordista, cujas premissas são a rigorosa padronização dos gestos operativos e, correlativamente, a rigorosa separação entre a concepção e a execução manual das atividades, e a ampliação dos espaços de atuação do Estado.

No estágio do capitalismo concorrencial e nas primeiras fases do capitalismo monopolista, as funções econômicas do Estado eram particularmente subordinadas a suas funções coercitivas e ideológicas, sem no entanto se reduzir a elas. Ao Estado cabia fundamentalmente organizar materialmente o espaço político-social da acumulação do capital. As próprias intervenções econômicas atendiam a essa tarefa primordial²³.

Portanto, o modelo de desenvolvimento do capitalismo teve como mola propulsora fundamental a participação do Estado em praticamente todas as suas fases. A pretensão de que o Estado seria um empecilho à construção, ao desenvolvimento e à maturação do capitalismo – e

²³ Podemos perceber que a suposta isenção do Estado em relação ao desenvolvimento econômico não se sustenta, vista a profunda inter-relação de interesses econômicos e políticos dos atores que respondiam pelo Estado.

conseqüentemente do mercado atual – não resiste a uma análise mais profunda do real papel das instituições no protecionismo estatal. Pode-se ilustrar essa avaliação através do registro de Magalhães:

As dificuldades crescentes de valorização do capital na fase do imperialismo no pós-Guerra ampliaram os espaços de intervenção do Estado. Além da criação das condições gerais de produção, cujas exigências se dilatam, o Estado passou a atuar no núcleo de reprodução do capital por meio do crescimento das estatizações ou semi-estatizações, das subvenções e financiamentos. Aperfeiçoaram-se as ferramentas de regulação da circulação (regulação do sistema de crédito, aparato de planejamento, previsão e análise econômica), passando o consumo do Estado a desempenhar papel fundamental na formação da demanda efetiva. Os mecanismos de transferência de recursos do Estado para o grande capital, via dívida pública, no patamar alcançado pela exportação de capitais, ganharam novos contornos e especificidades. Coube também ao Estado assegurar, diretamente ou por meio de subsídios financeiros, a edificação de um vasto sistema geral de produção científica, tecnológica e de qualificação para garantir o desenvolvimento da tecnologia de produção aos monopólios (Magalhães, 2006: 122).

O novo padrão de acumulação não só possibilitou a reconstrução como promoveu o maior crescimento já conhecido pelos países capitalistas. No entanto, esse movimento de crescimento e especialmente a industrialização dos países periféricos acentuaram a desigualdade em escala mundial, mesmo quando as taxas de crescimento mais altas indicavam o início de um processo de nivelamento²⁴.

²⁴ Os países periféricos experimentaram um crescimento nos anos 1970, seguido de uma recessão profunda e de estagnação econômica.

Após essa fase de euforia de crescimento vertiginoso, o modelo dá sinais de esgotamento e claramente vai ficando comprometido. Nesse período, emerge a chamada estagflação – a alta generalizada dos preços, com a retração da atividade produtiva e o aumento do desemprego. Ao lado dessa situação de recessão, eclode a crise fiscal do Estado, identificada, nos países centrais, pela suposta hipertrofia do Estado de bem-estar social²⁵ e, nos países periféricos, pelo esgotamento do modelo de industrialização através da substituição de importações.

Num contexto de crise do modelo capitalista vigente, ressurgem as idéias liberais de menor participação do Estado na economia e do papel que ele deveria ter no mercado²⁶. O colapso do modelo planejado socialista, a incapacidade de o keynesianismo evitar a crise e a ascensão dos novos dirigentes neoliberais nos países centrais do capitalismo criaram um ambiente favorável ao desenvolvimento de novas teorias e políticas para o capitalismo frente aos novos desafios da globalização dos mercados.

1.3 A globalização

Advindo de um sistema de capitalismo monopolista, a maior expressão desse momento foi a consolidação dos EUA como potência

²⁵ Estrutura do Estado que amparava o bem-estar social da população como premissa de desenvolvimento do capitalismo. Esse modelo vigorou com muita ênfase na Europa, mas hoje dá sinais de esgotamento e superação através das doutrinas mais liberais de pensamento.

²⁶ Ressalte-se a predominância do pensamento cíclico de implementação de modelos já testados e incapazes de superar os obstáculos da economia.

hegemônica, sobretudo por sua condição de banqueiro do mundo e pelo fato de ser o dólar a moeda corrente nas transações internacionais²⁷.

Esse novo modelo surge da confluência de duas circunstâncias que permitiriam a constituição de uma nova reconfiguração da economia: a globalização financeira e a política deliberada de reafirmação da hegemonia mundial adotada pelos EUA²⁸ desde o final da década de 1970.

A globalização financeira é consequência das políticas liberais de desregulação dos mercados, iniciada pela Inglaterra, seguida dos EUA²⁹, e alavancada pela decisão política de suspensão do padrão dólar, pela introdução do sistema de taxas de câmbio flutuantes e pelos recursos da reciclagem dos petrodólares e da dívida pública norte-americana. Fiori (1997: 90-91) descreve precisamente a evolução desse processo:

Quase todos os analistas estão de acordo que a pré-história destas finanças privadas e globalizadas ocorreu nos anos sessenta e foi obra inicial da decisão política do governo inglês de autorizar um mercado interbancário paralelo e autônomo com relação aos sistemas financeiros (o euromercado de dólares). Para ali foram canalizados os capitais norte-americanos que começaram a fugir das baixas taxas de lucros e das regulações internas do seu país de origem [...]. Tem razão Chesnais quando diz que o mercado de câmbio se transformou no primeiro compartimento dos mercados financeiros a entrar na globalização e é a partir dele que se desenvolve o mercado

²⁷ A expansão do mercado internacional baseado na globalização de mercadorias e de capitais assiste a uma opulência da moeda norte-americana como paridade de todas as transações comerciais. O modelo concentra e carrega os recursos mundiais para o Estado norte-americano através da constituição de reservas mundiais em dólares por parte de todas as nações.

²⁸ O fenômeno ocorre após a II Guerra Mundial, do qual os EUA saem fortalecidos e impõem as condições da nova configuração mundial.

²⁹ Têm relevância os papéis desempenhados por Margareth Thatcher, na Inglaterra, e Ronald Reagan, nos EUA.

de derivativos ou de securitização com relação à variação de moedas e juros.

Mas foi nos anos oitenta que se deu o salto de qualidade responsável pela transformação da globalização financeira no carro-chefe das transformações capitalistas. Seu impulso inicial, uma vez mais, foi dado por uma série de decisões estatais, onde se destacam a revalorização do dólar decidido pelo banco central norte-americano em 1979, o fim do controle do movimento de capitais, decidido quase junto com a liberação das taxas de juros, pelos governos inglês e norte-americano. Iniciou-se ali um vasto processo de desregulamentação monetária e financeira que permitiu o surgimento dos mercados de obrigações interconectados internacionalmente, onde os governos passam a financiar os seus déficit colocando títulos da dívida pública nos mercados financeiros globais e transformando-se em reféns da ditadura dos credores. Nessa mesma década, uma outra decisão política foi absolutamente decisiva: a liberalização dos mercados de ações (o big-bang) decidida pelo governo inglês em 1986 e seguida imediatamente pelos demais países industrializados. Por fim, é possível identificar uma quarta etapa nesse movimento de internacionalização: o período pós-1990, em que são incorporados, ao mundo das finanças desreguladas e globalizadas, os emergentes.

Por esse prisma, podemos entender que o movimento que culminou com a chamada globalização do capital não foi resultante de uma ação espontânea do mercado auto-regulado, pretensamente soberano e eficiente, como muitos defendem³⁰. Toda a transformação para um novo grau de concentração financeira tem na política adotada pelos EUA de reafirmação deliberada da hegemonia econômica mundial um importante fator desencadeante.

³⁰ Os teóricos neoliberais certamente não revelam a importância do Estado na evolução do capitalismo ou na construção do mercado.

A posição central do dólar na economia mundial, o peso da economia norte-americana no pós-Guerra e sua importância geopolítica possibilitaram aos EUA imporem um conjunto de medidas de liberalização dos movimentos dos capitais e de ampliação do espaço desregulado da economia mundial de mercado. Essa política do dólar transformou os EUA no maior receptor de capitais do planeta e, portanto, no grande beneficiado pelo fenômeno da globalização do capital, como já comentado.

Muitos autores analisaram o fenômeno da globalização sob os mais diversos ângulos e exploraram exaustivamente suas potencialidades, associando-o a características que os aproximam das áreas de interesse. Mais uma vez, Fiori menciona essa passagem pela contestação à associação entre o movimento geral do capital e sua tendência endógena à mundialização, à expansão e à universalização do sistema capitalista:

A expansão e a universalização dos sistemas capitalistas não foram uma obra do capital em geral, foram, e serão sempre, o resultado da competição e expansão dos estados-economia nacionais que conseguem impor a sua moeda, a sua dívida pública, o seu sistema de crédito e o seu sistema de tributação, como lastro monetário do seu capital financeiro dentro desses territórios econômicos supranacionais e em expansão contínua (Fiori, 2004: 46).

CAPÍTULO 2

AS FACES DO CAPITAL

2.1 A globalização do capital

As características fundamentais da globalização do capital são a liberalização do comércio internacional, a expansão dos investimentos estrangeiros diretos³¹ (Chesnais, 1996) e o surgimento de massivos fluxos financeiros internacionais. O emergente regime de acumulação é predominantemente financeiro e rentista, e seu funcionamento parece estar crescentemente subordinado às necessidades próprias das novas formas de centralização do capital dinheiro, concentrado em âmbito mundial.

O novo modelo de expansão capitalista está centrado na hipertrofia da esfera financeira, com a expansão desenfreada abrangendo a imensa maioria das praças interessantes³² para o próprio capital. Essa hipertrofia e o grau de hegemonia desse capital mudaram a estrutura do sistema financeiro, mas a autonomia desse crescimento vertiginoso é relativa, posto que as fontes primárias do capital que financiam o setor continuam as mesmas:

³¹ Os investimentos estrangeiros diretos (IED) são os recursos internalizados no País para serem investidos nas atividades produtivas, conhecidos como capitais produtivos em confrontação aos chamados recursos especulativos que são destinados às bolsas de valores.

³² Por praças interessantes entendem-se os lugares capazes de reproduzir os capitais e seus ganhos através dos mecanismos do mercado financeiro e de sua livre circulação. Tais propriedades estão presentes nos países desenvolvidos e nos emergentes e em alguns subdesenvolvidos com potencial de crescimento e mercado abrangente. Essa caracterização exclui a maior parte dos continentes africano e asiático.

O capital que se valoriza na esfera financeira nasceu, e continua nascendo, da esfera produtiva. Assumiu, no começo, ou a forma de lucros (lucros não reinvestidos na produção e não consumidos, parte dos lucros cedida como juros ao capital do empréstimo), ou a forma de salários ou rendas agrícolas que foram depois objeto de punções mediante impostos, ou que sofreram a forma moderna de usura “os créditos do consumo”, ou, finalmente de 40 anos para cá, a forma de salários adiados depositados em fundos privados de pensão cuja natureza vai se modificando assim que penetram a esfera financeira e se tornam massas, buscando a máxima rentabilidade. A esfera financeira alimenta-se da riqueza gerada pelo investimento e pela mobilização de uma força de trabalho com múltiplos níveis de qualificação (Chesnais, 1995: 21).

Entretanto, ao contrário do discurso segundo o qual a globalização estenderia os benefícios a todas as regiões do globo³³, o que acontece é a intensificação da concentração, pela constituição de oligopólios e da eliminação da concorrência pelo uso do poder econômico:

A natureza expansiva do capitalismo não é inclusiva em sua nova forma de estruturação, beneficiando poucos e descartando a maioria, “incentivando” inclusive o surgimento de atividades ilegais como evasão de impostos, tráfico de drogas, comércio do sexo, entre outras (Santos, 2002: 34).

A globalização é um processo extremamente estudado e muito explicado pelos especialistas, sejam seus defensores ou opositores, e tem um traço característico sobre o qual convergem as opiniões e análises – a reorganização de toda a vida social sofreu mudanças significativas, seja pelo maior impacto do âmbito econômico na vida de todos, seja pelo acesso ao conhecimento e à cultura do outro,

³³ Essa premissa é adotada pelos teóricos favoráveis ao processo de globalização, sobretudo ao fenômeno da internacionalização econômica, que levaria a abundância, as benesses e o conforto à maioria da população mundial.

aproximação que certamente se deve à tecnologia da comunicação e seus instrumentos.

A possibilidade de se ter acesso ao outro sem precisar ir até ele gerou uma situação inusitada e paradoxal – o distante ficou mais familiar do que o próximo. Mudou o foco das interações sociais e as relações passaram a ser intermediadas por instrumentos tecnológicos, através de uma interface computacional³⁴.

Para alguns autores, a globalização é fruto da transformação das vertentes representadas pela unicidade da técnica, da convergência dos momentos, da cognoscibilidade do planeta e da existência de um motor único na história, representados pela mais-valia globalizada³⁵.

2.2 O valor imaterial e o dinheiro

“A crise da medição do valor põe em crise a definição da essência do valor. Ela põe em crise, por conseqüência, o sistema das equivalências que regula as trocas comerciais” (Gorz, 2005: 30). No sentido econômico, o valor designa sempre o valor de troca de uma mercadoria na sua relação com outras, ou as diferentes quantidades de diversas mercadorias pela qual se pode trocar uma quantia de mercadoria.

O dinheiro vale por seu valor de troca, por seu poder de compra, como as outras mercadorias. A história do dinheiro mostra que esse

³⁴ O avanço tecnológico, sobretudo pelas novas tecnologias da comunicação, facultaram a expansão das relações e o acesso ao outro e a seu universo.

³⁵ Essa argumentação é desenvolvida por Milton Santos (2002), numa análise crítica do fenômeno da globalização, defendendo e sintetizando o processo como “globalitarismo” e tirania do dinheiro no mundo atual.

elemento é vital na vida social e sobretudo nas relações comerciais. A atual mudança revolucionária na natureza e no uso do dinheiro constitui sua terceira grande mutação³⁶.

O primeiro período começou com a invenção da moeda pelos lídios³⁷, há cerca de três mil anos, e resultou no primeiro sistema de mercados abertos e livres. A criação e a disseminação da moeda e, portanto, do mercado criaram um sistema cultural totalmente novo – as civilizações clássicas do Mediterrâneo –, e esse sistema monetário e de mercado se propagou pelo mundo e gradualmente destruiu os grandes impérios tributários da história.

A segunda fase do dinheiro predominou desde o início do Renascimento até a Revolução Industrial e resultou na criação do moderno sistema capitalista mundial. Nasceu nos bancos da Itália e acabou dando origem ao sistema de bancos nacionais e ao papel-moeda que emitiram para uso no comércio diário. A invenção do sistema de operações bancárias e do papel-moeda destruiu o Feudalismo, mudou a base da organização da hereditariedade para a posse do dinheiro e também a base do poder econômico, que passou da posse de terras à de ações, títulos e corporações.

Cada uma dessas etapas criou sua própria cultura, que diferia notavelmente das anteriores. Agora, no início do século XXI, o mundo está entrando na terceira etapa de sua história monetária – a era do

³⁶ O dinheiro digital representa a evolução do conceito abstrato de valor, sendo o terceiro momento da constituição da paridade da forma-mercadoria.

³⁷ Civilização que viveu na Lídia, na antiga Anatólia, por volta de 2000 a.C. e implantou a primeira forma material de dinheiro, com a cunhagem de moedas entre 640 e 630 a.C.

dinheiro eletrônico e da economia virtual. O nascimento do dinheiro eletrônico produzirá na sociedade mudanças tão radicais e amplas quanto as duas anteriores. O dinheiro virtual está criando sua própria civilização:

O dinheiro constitui o ponto de convergência da cultura mundial moderna. Define as relações entre as pessoas não só entre cliente e comerciante no mercado ou empregador e funcionário no local de trabalho. O dinheiro forma as instituições centrais da economia e do mercado modernos, e em torno dele se encontram, agrupadas, as instituições subordinadas por parentesco, religião ou política. O dinheiro é o idioma do comércio no mundo moderno (Weatherford, 2005: 11).

O dinheiro adquiriu importância fundamental – hoje, ele sozinho põe o mundo em movimento e possibilita a organização da sociedade numa escala muito maior e mais complexa do que qualquer relação de parentesco. Seu uso não exige a interação direta entre pessoas e mantém a impessoalidade social. De certo modo, o dinheiro reorganizou as relações e ligou as pessoas de uma forma mais extensiva e eficiente do que qualquer outro meio³⁸.

O dinheiro é estritamente uma invenção humana e, por se tratar de uma metáfora, expressa necessariamente outra coisa – permite que as pessoas estruturem a vida de forma extremamente complexa. A qualidade metafórica lhe dá um papel de enfoque na organização do significado na vida.

³⁸ O dinheiro conseguiu traduzir os anseios pessoais em relações impessoais, intermediando as necessidades sociais sem contudo aproximar ou criar laços entre os personagens.

Podemos aceitar a argumentação de Weatherford (2005: 46), segundo a qual, “por toda parte em que o dinheiro esteve, criou mercados”.

Entretanto, o dinheiro do atual momento histórico é o chamado eletrônico ou virtual, e promete expandir seu papel em nossa sociedade muito mais do que o metal, o papel ou o plástico – pretende unir os mercados e disseminar-se para todo o mundo³⁹.

No século XX, vimos o dinheiro se transformar rapidamente de papel em plástico e, depois, em meros dados eletrônicos, sendo transferido por linha telefônica e terminais de computadores, sem existência material. Ao longo da história, o dinheiro ficou cada vez mais abstrato. Movendo-se quase instantaneamente, o dinheiro eletrônico se tornou a força financeira, política e social mais poderosa do mundo. Ele ficou muito mais parecido com Deus – totalmente abstrato e sem existência corpórea⁴⁰.

Segundo Milton Santos (2005: 38), “a tirania do dinheiro e a tirania da informação” são os pilares da produção da história atual do capitalismo globalizado e, sem o controle dos espíritos, a regulação pelas finanças seria impossível⁴¹. Daí o papel avassalador do sistema financeiro e a permissividade do comportamento dos atores

³⁹ A grande portabilidade do dinheiro eletrônico torna exequível sua pretensão de unir o mundo através da transmissão e da troca de sinais digitais, produzindo uma sensação de instantaneidade e ligação.

⁴⁰ A analogia se refere à crença no Deus caracterizado pelas religiões ocidentais, sobretudo as cristãs, baseado na abstração da imagem.

⁴¹ Para Santos (2002: 38), a forma de imposição do dinheiro e da informação na sociedade atual se caracteriza por uma violência contra as pessoas, criando-se uma suposta inevitabilidade do sistema.

hegemônicos, que agem sem contrapartida, levando ao aprofundamento da situação, isto é, da crise.

Embora seja pertinente, essa avaliação da tirania do dinheiro e da informação explicitada por Santos não é nova, pois estes sempre estiveram no centro das relações humanas, mesmo antes da globalização financeira.

Saliente-se a apreciação que faz George Soros (1997) do comportamento dos atores, quando analisa o capitalismo pela construção teórica da reflexividade⁴² como elemento/reflexo da atuação descentrada e imprevisível dos agentes do mercado.

A simbiose entre dinheiro e informação acelera os processos hegemônicos, legitimados pelo pensamento ideológico único e amparados por um discurso de inevitabilidade e de percepções fragmentadas dos acontecimentos. Assim, os interesses do capital globalizado são impostos através de um uso da técnica⁴³ que a apresenta ao indivíduo comum como um mistério, por escapar à sua percepção, sendo mais aceita que compreendida.

Essas características alimentam o imaginário, alicerçado nas suas relações com a ciência, na sua exigência de racionalidade, no absolutismo com que, a serviço do mercado, conforma os comportamentos; tudo isso fazendo crer na sua inevitabilidade (Santos, 2002: 45).

⁴² Com o termo “reflexividade”, Soros pretende mostrar a interferência do comportamento dos agentes na adoção das estratégias racionais no mercado financeiro.

⁴³ Técnica é o procedimento ou o conjunto de procedimentos que visam a obter um determinado resultado, seja no campo da ciência, da tecnologia, das artes ou em outro, e esses procedimentos não excluem a criatividade. A técnica implica o conhecimento das operações e o manejo das habilidades, tanto das ferramentas como os conhecimentos técnicos e a capacidade de improvisação.

Inicialmente, o conceito de capital surge num grau muito alto de abstração. Tendo desenvolvido o conceito de *valor*, Marx (1983: 53) parte da constatação empírica de que o dinheiro circula de maneira diferente daquela que seria esperada na circulação simples da mercadoria – o dinheiro que circula em busca de incremento é declarado capital⁴⁴, assim como também o é a mercadoria que serve de intermediária entre os pontos de partida e de chegada dessa circulação.

Em seguida, sugere-se que essa é a aparência do conceito e que o verdadeiro agente do processo da circulação é o valor. Por isso, capital é valor, mas numa fase mais desenvolvida das relações sociais mercantis, na qual ele adquire novas características. Então, o dinheiro e a mercadoria aparecem como formas de sua existência, meras expressões do capital, que é um valor que, através de determinado processo de circulação, se autovaloriza pela produção da mais-valia: “Capital é o nome simplificado do valor-capital” (Marx, 1983: 125).

As novas características do valor, quando ele se converte em valor-capital, são as capacidades de se autovalorizar e, menos evidentemente, a *substantivação*⁴⁵. O valor adquire a capacidade de se autovalorizar justamente ao converter-se em capital. Isso significa que o capital é um valor com mais determinações, mais desenvolvido, que corresponde a uma sociedade na qual as relações mercantis estão mais difundidas e evoluídas. O capital é um valor em sua maturidade, que

⁴⁴ Toma-se como base a característica principal do capitalismo – a reprodutibilidade dos investimentos.

⁴⁵ Ao gerar valor próprio, o capital se torna um substantivo.

superou sua juventude: ele é capaz de gerar novo valor⁴⁶. Na época do capitalismo desenvolvido, a existência do valor ocorre através do capital; ele existe fundamentalmente como capital. Analogamente, a mercadoria e o dinheiro existem fundamentalmente como formas de existência do capital. O capital domina tudo, até a própria lógica da sociedade.

Uma das premissas estruturantes do capitalismo global é a conformação da mente⁴⁷ das pessoas à aceitação do modelo colocado e a adoção implacável de seus cânones na disputa individual de mercado. Ele se expressa como elemento familiar que impulsiona o homem na busca incessante de seu desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional, entre outros.

Assim como o dinheiro, toda forma social, mesmo imaterial, tende a assumir uma conotação de capital e, conseqüentemente, de objeto de troca com valor monetário:

O capital não pode deixar de tratar e de fazer funcionar o conhecimento como se ele fosse um capital. O problema, para o capital, é o de se apropriar, valorizar e subsumir uma força produtiva que, em si mesma, não se deixa devolver às categorias da economia política. (...) O interesse da Bolsa pelos ativos imateriais, também chamados intangíveis, foi, na segunda metade dos anos 1990, a excrecência mais espetacular de uma alta da Bolsa que não teve precedente (Gorz, 2005: 31/40).

⁴⁶ A sociedade capitalista tem como premissa a transformação de valor em capital, e o capital multiplica seu valor numa circularidade que o coloca no centro do modelo – possuir capital equivale a gerar valor.

⁴⁷ Como aponta Freud (1974), a dominação psicológica precede qualquer outro tipo de dominação, e a sociedade atual utiliza-se intensamente das ferramentas do *marketing* para gerar uma pretensa lógica racional nos indivíduos.

Quando, na Bolsa, a cotação das sociedades ultrapassa muito o valor estimado dos ativos tangíveis, a coisa começa a surpreender. O capital fixo material não é tudo. Há também o capital imaterial, intangível, que não é facilmente avaliável com rigor e precisão⁴⁸, e que, ademais, é a chave do crescimento e dos lucros futuros. Separados, então, o intangível e o tangível, é preciso cotá-los separadamente na Bolsa, o que não acontece. A alta do valor dos intangíveis pode continuar a se acelerar, e essa cotação não poderá nunca parecer superavaliada, já que eles não têm valor preciso.

Assim, a separação dos capitais material e imaterial está num contexto em que a massa de capitais fictícios⁴⁹ já se descolou da economia real e, sobre o mercado de derivativos, pôs-se a fazer dinheiro comprando e vendendo dinheiro fictício muitas vezes por dia. A ficção ultrapassa a realidade e se passa por mais real do que o real, até o dia em que, imprevisível e inevitavelmente, a bolha estoura.

Sua implosão começou em 2000 e deu lugar, em menos de dois anos, ao maior *crash* desde 1929. O desmoronamento da Bolsa dos intangíveis reflete a dificuldade intrínseca que há para se designar um equivalente monetário – um valor – a ativos não permutáveis no mercado, não divisíveis, imensuráveis e, assim, sem valor de troca comercial (Gorz, 2005: 43).

⁴⁸ Embora amplamente difundidos, os métodos de avaliação imaterial das companhias são muitas vezes questionados e até desacreditados, devido à imprecisão e à variabilidade dos modelos.

⁴⁹ Os capitais fictícios são reconhecidos como capitais que não têm concretude física.

2.3 O paradigma do tempo-espaço

Um olhar para a evolução da cronologia e de seus instrumentos mostra que a preeminência da física e do ponto de vista naturalista é relativamente recente. Até a época de Galileu⁵⁰, o que chamamos “tempo” e mesmo o que chamamos “natureza” centravam-se sobretudo nas comunidades humanas. O tempo servia aos homens essencialmente como meio de orientação no universo social e como modo de regulação de sua coexistência.

No centro da longa polêmica sobre a natureza do tempo, havia duas posições diametralmente opostas. Alguns sustentavam que o tempo constitui um dado objetivo do mundo criado e que não se distingue, por seu modo de ser, dos demais objetos da natureza, exceto justamente por não ser perceptível. Outros afirmavam que ele é uma forma de se captarem em conjunto os acontecimentos que se assentam numa particularidade da consciência humana, ou, conforme o caso, da razão ou do espírito humano, e que, como tal, precede a experiência humana. Pode-se sintetizá-lo como uma forma inata de experiência e, portanto, um dado não modificável da natureza humana.

Diante desse espectro de hipóteses e visões sobre a função e a caracterização do que vem a ser o tempo, pode-se afirmar que não

⁵⁰ Galileu Galilei (Pisa, 15 de fevereiro de 1564 — Florença, 8 de janeiro de 1642) foi um físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano que teve um papel preponderante na revolução científica, desenvolvendo os primeiros estudos sistemáticos dos movimentos uniformemente acelerados e dos pendulares. Descobriu a lei dos corpos e enunciou o princípio da inércia e o conceito de referencial inercial, idéias precursoras da mecânica newtoniana. O método empírico, defendido por Galileu, foi um corte com o método aristotélico mais abstrato usado na época, devido ao qual Galileu é considerado o pai da ciência moderna.

houve consenso em relação a sua essência, embora essas teorias tenham alguns pontos convergentes. Os ensinamentos de Elias podem ilustrar esse debate filosófico:

A expressão “tempo” remete ao relacionamento de posições ou segmentos pertencentes a duas ou mais seqüências de acontecimentos em evolução contínua. Se as seqüências em si são perceptíveis, relacioná-las representa a elaboração dessas percepções pelo saber humano. Isso encontra expressão num símbolo social comunicável – a idéia de tempo, a qual, no interior de uma sociedade, permite transmitir de um ser humano para outros imagens mnêmicas que dão lugar a uma experiência, mas que não podem ser percebidas pelos sentidos não percebidos (Elias, 1998: 13).

Seja qual for sua natureza, os instrumentos de medição do tempo sempre transmitem mensagens⁵¹. Destes, os principais são os relógios, mecanismos físicos construídos pelo homem para representar símbolos.

A particularidade do tempo está no fato de que se usam símbolos como meios de orientação no seio do fluxo incessante do devir, e em todos os níveis de integração.

Os conceitos de espaço e tempo fazem parte dos instrumentos de orientação primordiais de nossa tradição social. Compreender a relação entre eles torna-se mais fácil quando, mais uma vez, substituímos os substantivos pelas atividades correspondentes. “Tempo e espaço” são símbolos conceituais de tipos específicos de atividades sociais e institucionais. Eles possibilitam uma orientação com referência às posições ou aos intervalos entre essas posições, ocupadas pelos acontecimentos, seja qual for sua natureza, tanto em relação uns aos outros, no interior de uma única e mesma seqüência, quanto em relação a posições homólogas dentro de outra

⁵¹ A transmissão de mensagens é a essência do processo de aprisionamento do tempo ou da tentativa de mensurá-lo. Entretanto, dada a dificuldade de precisão, a emissão de mensagens já serve ao propósito.

seqüência, tomada como escala de medida padronizada. A percepção e a determinação de posições espaciais e temporais só se tornam possíveis como tais, portanto, num estágio de evolução social em que os homens tenham aprendido a traçar os acontecimentos e a refletir sobre eles com a ajuda de instrumentos de orientação de nível relativamente elevado de generalização e síntese (Elias, 1998: 79-80).

Dentro da evolução histórica, a relação tempo-espaço passou por diversas mudanças, sobretudo no campo econômico, em especial a partir do advento do capitalismo como modo de produção e estruturação das sociedades modernas e pós-modernas. Tem-se como premissa básica a correlação de forças entre o poder do capital e sua contraparte, o poder da força de trabalho. A dimensão da expansão do capital através da evolução da tecnologia e da implementação de novas formas de distensão da convivência entre interesses conflitantes, desde o desenvolvimento sustentável à inclusão da faceta humana no processo produtivo, leva a uma paralisia da análise crítica da realidade e a um esgarçamento do tecido social e suas conseqüências introduzidas pela globalização econômico-financeira.

A supressão da dicotomia espaço-tempo pela prevalência da ótica temporal sobrepujando a espacialização histórica como forma de demonstrar domínio e poder se desloca para o controle do tempo como forma de acompanhar a dinâmica do movimento empreendido pela evolução da técnica colocada a serviço do desenvolvimento da comunicação e eclodindo na inter-relação dos interesses econômicos e

na união dos mercados, ente maior do capitalismo contemporâneo, sustentado pela ideologia neoliberal.

Observadas especialmente na tecnologia, essas evoluções coincidem com o que alguns autores consideram a passagem da modernidade para a pós-modernidade, e Bauman (2001), em particular, a passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida. Segundo o autor, a sociedade sofre uma alteração significativa, que definirá toda uma estruturação social baseada em laços de fluidez e volatilidade.

A modernidade é, por excelência, a era das grandes conquistas tecnológicas e da superação dos limites do homem e de seus paradigmas. As conseqüências dessa modernidade alteram completamente o espectro da realidade objetivada e coloca novas características para o mundo em transformação.

A predominância de um discurso fundado na modernidade e na ruptura dos vínculos de tradicionalidade extemporânea dos fenômenos desloca toda a análise sobre como se adaptar a condições tão distintas de um passado recente para a indagação sobre se a maioria das pessoas está preparada e conseguirá sobreviver na nova realidade.

Essa nova realidade está calcada na implementação em massa de tecnologias da comunicação, na competitividade concorrencial, na adoção da velocidade como vetor fundamental de êxito na execução dos objetivos, na individualidade como valor social e no mercado como algo inevitável.

CAPÍTULO 3

A FINANCEIRIZAÇÃO GLOBAL

3.1 As finanças mundializadas

Na nova distribuição e atuação do capital globalizado, a velocidade é o vetor mais impactante. Sua interferência se faz sentir em todas as esferas da vida social e nos negócios, em particular, tem sido objeto de profunda atenção, para a multiplicação do capital. Muitos estudiosos a consideram uma violência subliminar, invisível e silenciosa da técnica⁵². A velocidade se impõe aos processos, caracterizando-se como uma violência simbólica a que todos sucumbem. E, no mundo financeiro pela própria dinâmica representativa da proliferação do capital, essa violência tem presença intensa: “Ela açoda o sistema financeiro e o mundo dos negócios, faz balançar as bolsas de valores, nutre a mundialização cotidiana da vida humana” (Trivinho, 2002: 262). Quanto à velocidade, a análise de Paul Virilio é bem enfática:

A questão da velocidade é uma questão central, que faz parte da questão da economia. A velocidade é simultaneamente uma ameaça, na medida em que é capitalizada, tirana e, ao mesmo tempo, ela é a própria vida. Não se pode separar a velocidade da riqueza. Se se der uma definição filosófica da velocidade, pode dizer-se que ela não é um fenômeno, mas a relação entre os fenômenos. Por outras palavras, a própria relatividade (Virilio, 2000: 14).

Em sua conseqüência direta, ela representa a violência em sua técnica refinada, invisível, heterodoxa, nunca dita e escondida.

⁵² A condição de acompanhar e adaptar-se à realidade é chamada por Virilio (1996) e Trivinho (2002) dromoaptidão, fenômeno que inspira violência à natureza humana.

Trata-se de um totalitarismo invisível, sem força. É a violência da técnica através dos meios comunicacionais (Trivinho, 2007: 92).

A violência da técnica organizada como comunicação se coloca como “não violência”. Essa violência atinge todas as esferas humanas, sobretudo o mundo corporativo, sensivelmente influenciado pelas novas tecnologias e pelos novos discursos de produtividade. Tem como base a aceleração dos processos e acaba por impor à execução de tarefas um ritmo desenfreado conhecido como dromoaptidão, ou a velocidade e a habilidade nessa execução.

A condição imposta pela velocidade mudou a relação entre os mercados e tornou o capitalismo algo imponderável⁵³. De modo geral, os mercados financeiros fugiram ao controle de todos. Tornaram-se uma espécie autômatos, com movimentos súbitos que seguem não uma lógica econômica rigorosa, mas uma lógica de complexidade caótica, resultado da interação de muitas decisões, reagindo em tempo real e âmbito global, em meio a turbulências de informações de várias origens, inclusive boatos especulativos⁵⁴.

O imperativo do capitalismo se apropriou dessa mudança drástica da aceleração dos processos tangenciados pela velocidade desmedida e construiu um discurso de reprodução desse fenômeno para todas as esferas humanas, tendo como pólo irradiador a economia e, mais

⁵³ A aceleração dos processos, principalmente no mercado financeiro, mudou radicalmente a dinâmica do sistema e aprofundou a complexidade e o tempo das respostas às demandas existentes.

⁵⁴ A presença do boato é facilitada pela necessidade de rapidez nas decisões, baseada na informação verbal e de fontes diversas.

precisamente, o mundo das finanças, sustentadas pela inquestionabilidade do mercado e de suas ilações racionais⁵⁵.

Nesse contexto, os chamados tempos modernos e o advento da internacionalização das economias têm provocado mudanças drásticas nas formas de produção organizada, inaugurando uma nova realidade mundial – a dita globalização.

O progresso técnico tem sido tão extraordinário que parece envolver uma ruptura de paradigma técnico-científico⁵⁶. Nesse sentido, pode-se argumentar em termos de destruição criadora, com a substituição de antigas por novas combinações, tanto em termos de produtos e processos como em termos de métodos de organização da produção. Como resultado, o sistema produtivo é afetado por mudanças prejudiciais, que têm levado à reestruturação produtiva em escala mundial, e a alterações em padrões de concorrência e competitividade.

A globalização tem afetado todas as partes do mundo, gerando uma necessidade de revisão do comportamento e constituindo uma nova forma de trabalho (Sennet, 2006: 75). A abertura da economia dos países propiciou o acesso aos mais diversos produtos e serviços provenientes de todas as regiões, sobretudo por parte dos países detentores de alta tecnologia. O avanço da tecnologia permitiu a existência de um processo de comunicação digital que aproximou as pessoas e possibilitou o

⁵⁵ A suposta racionalidade dos mercados será tratada adiante, através da análise de George Soros (1998) e Ricardo Estalcochic (1997).

⁵⁶ As técnicas e as descobertas científicas têm sido fortemente introduzidas nas atividades práticas e transformado o mercado. No caso do mercado financeiro, as tecnologias da comunicação provocaram uma revolução estrutural.

intercâmbio tanto de informações como de produtos, contribuindo para o fenômeno da globalização e da reformulação das relações.

As críticas ao modelo de globalização adotado e suas características encontram diversos discursos contundentes, como ilustra a análise de Santos:

Entre os fatores constitutivos da globalização, em seu caráter perverso atual, encontram-se a forma como a informação é oferecida à humanidade e a emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômica e social. São duas violências centrais, alicerces do sistema ideológico que justifica as ações hegemônicas e leva ao império das fabulações, a percepções fragmentadas e ao discurso único do mundo, base dos novos totalitarismos – isto é, dos globalitarismos – a que estamos assistindo (Santos, 2002: 38).

O desenvolvimento dos países emergentes alicerçou-se em capitais externos de investidores e especuladores⁵⁷, gerando um fluxo monetário instável e muito volátil. Essa condição de crescimento sustentado em capitais externos fragilizou o sistema financeiro das nações envolvidas e tornou-as reféns de agentes internacionais, fato extremamente perigoso.

A globalização é dado da realidade, isto é, existe um processo novo na configuração do capitalismo contemporâneo que se expressa em dois eixos: na reestruturação produtiva e na especulação financeira de caráter global. Trata-se de um fenômeno contemporâneo, fruto do capitalismo organizado e transnacionalizado. Vivemos uma época em

⁵⁷ Entendem-se aqui especuladores os agentes que buscam otimizar seus investimentos em bolsas de valores visando “apostar” com os indicadores e atingir resultados em curto prazo.

que os velhos ramos de produção estão sofrendo mudanças abruptas nos processos e a transição gera novos paradigmas, provenientes do avanço do conhecimento científico, ocupando a hegemonia do sistema produtivo, conforme assinala José Carlos de Souza Braga:

Diante desse quadro, pode-se compreender que o processo de circulação do capital na órbita financeira está em processo de velozes transformações e busca seu autocrescimento na esfera especulativa, num movimento que nega a tradição clássica de valorização por meio da produção. A ousadia do mercado financeiro tem configurado um novo fenômeno nas relações mundiais: a financeirização da riqueza. Nunca na história observamos uma dinâmica em que a órbita financeira superasse de forma tão abrangente a produção, hegemonizando as relações econômicas internacionais e disciplinando a alocação de recursos até mesmo na esfera produtiva (Braga, 1991: 13).

Com a globalização, o uso das técnicas disponíveis permite a instalação de um dinheiro fluido, relativamente invisível e praticamente abstrato. A velocidade de circulação do capital é tão alta e suas alternativas são tantas, que vivemos a ininterrupta saga do capital deslocando-se em todas as partes do globo sem a preocupação com a dimensão limitadora do tempo, como expõe Edmilson Costa:

O capital financeiro especulativo pode movimentar-se hoje 24 horas por dia. A partir de operações sofisticadas, aliadas à informática e à internet, o capital pode estar presente em qualquer hora do dia e da noite em alguma parte do mundo onde possam realizar-se operações financeiras, através das bolsas de valores presentes nos principais centros financeiros do globo. Ganhou a possibilidade de valorizar-se continuamente, rompendo a barreira do espaço-tempo e fechando assim o ciclo da multiplicação (Costa, 1997: 25).

O impressionante nesse contexto é que, enquanto a Terra gira de oeste para leste, o capital circula de leste para oeste, isto é, em sentido inverso, o que causa curiosidade e torna sua compreensão um tanto desafiadora. As relações entre o capital e as respectivas nações globais sofrem profunda transformação, passando o dinheiro a sintetizar a capacidade dos estados. Segundo Milton Santos, a mudança que o dinheiro provoca torna-o um tirano mundial:

Como equivalente geral, o dinheiro se torna um equivalente realmente universal, ao mesmo tempo em que ganha uma existência praticamente autônoma em relação ao resto da economia. Assim autonomizado, pode-se até dizer que esse dinheiro, em estado puro, é um equivalente geral de si próprio. Talvez por isso sua existência concreta e sua eficácia sejam resultados das normas com as quais se impõe aos outros dinheiros e a todos os países, permitindo-se, desse modo, a elaboração de um discurso sem o qual sua eficácia seria infinitamente menor e a sua força menos evidente. É, aliás, a partir desse caráter ideológico, equivalente a uma verdadeira falsificação do critério, que o dinheiro global é também despótico (Santos, 2002: 100).

3.2 O capital financeiro

A expressão “capital financeiro” tem sido amplamente usada para descrever uma das características mais marcantes do nosso tempo. Existe consenso sobre o fato de que um dos aspectos mais significativos da globalização é a expansão e o domínio do capital financeiro – aquele capital cuja remuneração é constituída basicamente pelos ganhos especulativos obtidos em operações financeiras dos mais diversos tipos, além da que deriva dos juros.

Embora não haja consenso sobre a precisão da definição de capital financeiro, ela é freqüentemente utilizada como se fosse um conceito teórico. Aqui, o consideramos um “conceito” teoricamente vazio, pois refere-se a um conjunto de formas indefinidas de capital cujas articulações com as formas funcionais do capital industrial são indeterminadas.

O conceito de capital financeiro tem uma história particular dentro do pensamento marxista. O próprio Marx nunca usou essa expressão, mas deixou para a posteridade uma série de escritos não muito articulados sobre o processo de circulação de diferentes tipos de capital-dinheiro. A definição de capital financeiro que derivaria da perspectiva de Marx relaciona-se com o tipo particular do processo de circulação de capital que se baseia no sistema de crédito. Os autores posteriores tenderam a abandonar esse ponto de vista do processo e passaram a tratar o conceito referindo-se a uma configuração particular de alianças dentro da burguesia, um bloco de poder que exerce imensa influência sobre os processos de acumulação em geral (Harvey, 1982: 287).

Hilferding e Lenin utilizam a expressão como um conceito mais concreto e institucional, no sentido de descrever o fato histórico da unificação do capital produtivo com o capital bancário, sob a hegemonia deste último⁵⁸ (Magalhães, 2006: 92).

Na nova era, observamos a ação da lógica transformativa e especulativa do capital, o qual, valendo-se de sua concatenação interna e das bases mutantes de sua sustentação, constrói um novo discurso,

⁵⁸ A dificuldade e a imprecisão fazem com que adotemos a expressão para designar a intenção multiplicadora do capital na esfera das finanças, sobretudo aquele destinado à especulação.

subsidiado na mudança como forma de convencimento e de reflexo da vida social. David Harvey examina esse fenômeno de forma cristalina:

O capital é um processo, e não uma coisa. É um processo de reprodução da vida social por meio da produção de mercadorias em que todas as pessoas do mundo capitalista avançado estão profundamente implicadas. Suas regras internalizadas de operação são concebidas de maneira a garantir que ele seja um modo dinâmico e revolucionário de organização social que transforma incansável e incessantemente a sociedade em que está inserido (Harvey, 2004: 307).

O capitalismo como sistema econômico baseia-se na premissa de se perpetuar historicamente através de transformações possíveis que não comprometam sua integridade e sua lógica interna, desenvolvendo diversos instrumentos ligados a seu funcionamento: “Por intermédio desses mecanismos, o capitalismo cria sua geografia histórico distintiva. Sua trajetória de desenvolvimento não é previsível em nenhum sentido comum, exatamente porque sempre se baseou na especulação” (Harvey, 2004: 307).

Marcado por oposições, o capitalismo, como já sabemos desde Marx, tem como característica imanente a necessidade de transformar constantemente suas condições de produção para que continue a existir e a superar suas limitações, impostas pelas contradições inerentes a seu próprio fundamento.

A atuação cada vez mais agressiva do capitalismo provoca alterações profundas na forma como as pessoas se relacionam com as dificuldades de seu tempo. Citando uma abordagem de C. Wright Mills sobre a classe média norte-americana, Isleide Fontenelle mostra essa

característica de forma bastante preocupante: “o novo homem pequeno de hoje parece não ter raízes firmes, qualquer segurança que dê sentido a sua vida. Está freneticamente apressado, talvez porque não saiba para onde vai; vive paralisado pelo medo, talvez porque não saiba o que o amedronta” (Fontenelle, 2005: 11). Essa passagem revela os aspectos psicológicos afetados por um tempo de incertezas em que o aspecto temporal saiu de vez do controle do homem, fragmentando o sujeito moderno e ensejando um novo desencantamento do mundo⁵⁹, sinais inequívocos da velocidade pós-moderna.

A face mais agressiva e arraigada do capitalismo atual está na área financeira, onde, segundo constata Manuel Castells (2003), a atuação dos mercados financeiros é resultado da evolução do capitalismo de risco, alicerçado numa busca incessante de multiplicação desterritorializada e atemporal mediada por tecnologias comunicacionais:

O que estamos testemunhando é o desenvolvimento gradual de um mercado financeiro global, independente, operado por redes de computadores, com um novo conjunto de regras para o investimento de capital e a avaliação de ações e de títulos em geral. À medida que as regulações nacionais são atropeladas por fluxos de capital e comércio eletrônico, os mercados financeiros vão se tornando integrados, acabando por operar como uma unidade em tempo real por todo o globo. Assim, a capacidade de interconexão por computador de sistemas de comércio está transformando os mercados financeiros, e as regras destes estão fornecendo o capital necessário para financiamento da economia da internet (Castells, 2003: 68).

⁵⁹ Essa característica de prejuízo psicológico às pessoas será abordada adiante.

A introdução de novas tecnologias no mercado financeiro alterou bruscamente as transações e a realização das operações, originando uma nova era tecno-financeira⁶⁰, mediada pelas ferramentas desenvolvidas para conectar e aproximar os mercados, além de permitir um maior afluxo de investidores aos centros financeiros mais desenvolvidos ou especulativos. Para ilustrar o impacto das novas tecnologias, acompanhemos a abordagem de Manuel Castells:

Portanto, a transação eletrônica aumenta o número de investidores, com estratégias extremamente diversificadas, operando através de uma rede descentralizada de fontes de investimento num mercado interdependente, global, que opera em alta velocidade. O resultado geral leva a um aumento exponencial da volatilidade do mercado, pois complexidade, tamanho e velocidade induzem um padrão de comportamento de reação rápida entre investidores que fazem uso da internet, gerando uma dinâmica caótica e a tentativa de adivinhar o mercado em tempo real. Assim, as transformações tanto das finanças quanto da tecnologia de transação convergem para a volatilidade do mercado como uma tendência sistêmica (Castells, 2003: 73).

A mudança repentina da realidade nos leva à necessidade de adaptações para prosseguirmos nossa existência. Dentre os fatores envolvidos, a passagem do real para o virtual deve ser considerada das mais significativas e, nesse sentido, é ilustrativa a análise de Kurz:

O triunfo da virtualidade sobre a realidade, sob o impacto da computadorização e da nova mídia, já vem sendo discutido há duas décadas pelas ciências sociais. Se o espaço virtual domina a realidade material e produz assim uma realidade de segunda

⁶⁰ A expressão traduz a importância da introdução das tecnologias da comunicação na estruturação do mercado financeiro.

ordem, isso é menos uma questão dos meios de comunicação do que um problema da economia (Kurz, 2003: 3).

A imagem, o som e a informação constroem o espectro da comunicação como técnica e desta, como violência deliberada, introjetada por nós com naturalidade. O espaço-tempo – tempo da simultaneidade e da instantaneidade, em que se obliteram o espaço e o tempo locais – em que a velocidade passa a ser o motor da violência. Nesse sentido, pode-se dizer que riqueza e velocidade convivem intrinsecamente, como faces da mesma moeda, o que, para Virilio (1995: 35) “modificou-se foi a forma, onde a monética tornou a circulação em sinônimo de dinheiro, e a velocidade de circulação suplantou o dinheiro, que se desmaterializou”.

O conceito de visibilidade midiática está relacionado à aparência, ao que aparece aos sentidos perceptuais tal como é sugerido na sociedade do espetáculo (Debord, 1997). Do ponto de vista da produção/reprodução, ela se relaciona com a vigilância do mundo. Há um olhar técnico institucional ou não, com interesse comercial, de controle etc. Há uma ideologia da perpetuação da perdurabilidade do efêmero, utilizando-se da visibilidade como signo que se recicla para permanecer e aparentar uma mudança freqüente.

Esses elementos constitutivos da civilização mediática estão presentes no mercado financeiro pela representação sígnica da construção de um real aparente e interpretativo, do uso de equipamentos e dispositivos interligados em rede e sobretudo do acoplamento do

sujeito humano ao objeto máquina, sofrendo uma transmutação de importância e a proeminência desta última como um ditador implacável do mundo pós-moderno⁶¹.

A espacialização e a temporalização se tornaram irrelevantes na saga de resultados vorazmente objetivados pelo capital, referendados por um discurso único, deliberado, e sobrepujante de qualquer alternativa e reiterativo do inquestionável conformismo das estruturas vigentes e da potencialização do capitalismo e de suas reverberações.

⁶¹ Os signos do mundo pós-moderno estão presentes na obra de Jameson *Pós-Modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio* (2004).

parte II

A construção do mercado e suas várias faces

CAPÍTULO 1

O CAPITAL NAS PASSAGENS HISTÓRICAS

1.1 Do moderno ao pós-moderno, a presença do capital e suas transformações

Considerando-se a evolução do capitalismo como forma suprema de organização econômica e social, destaca-se a teoria proposta por Hardt e Negri em *Império* (2004), que identifica alguns pontos fundamentais na análise política mundial – a globalização dos fluxos econômicos, a nova divisão internacional do trabalho, a explosão dos meios eletrônicos de comunicação e o enfraquecimento do operariado tradicional – como sintomas de mudanças nas forças produtivas e nas relações de produção⁶².

O cerne dessa análise é a concepção de *império* como a forma política do capitalismo globalizado, fundamentado sobretudo na forma de rede, e pode-se inferir que, analogamente, o neoliberalismo é sua expressão no campo econômico.

O império seria representado pelo conjunto descentralizado de instituições transnacionais que detêm a soberania, entendida como capacidade efetiva de coordenar a produção, circulação e acumulação em escala global. Assim, constituem o império as organizações internacionais (ONU, FMI, Unesco, Nafta etc.), as empresas

⁶² A Teoria do Império destaca a supremacia das organizações internacionais na constituição do capitalismo atual, deslocando o poder dos Estados para as instituições.

multinacionais, o sistema financeiro (bolsas de valores, bancos, entidades financeiras etc.), as organizações não governamentais (igrejas, grupos ambientais, grupos de defesa dos direitos humanos etc.) e todo tipo de instituição que opera acima dos Estados individuais. O fato é que nenhuma nação e nenhum governo têm a efetiva capacidade de mando e organização como a que caracterizou o período moderno⁶³. Todos têm que levar em conta as determinações das forças imperiais, embora esta não seja a única forma de dominação imperialista conhecida na história da humanidade.

De acordo com Hardt e Negri, o capitalismo é inerentemente expansionista, buscando constantemente novos lugares para se disseminar, sempre com a subjacente noção de modernidade. Daí Jameson (2004) afirmar que a pós-modernidade começa quando a modernidade não tem mais como se expandir. Essa expansão foi tão intensa que se esgotou, e se adotaram novas formas de reconstrução do capitalismo, sobretudo a intensificação da exploração das áreas já capitalistas, buscando-se uma produtividade baseada na tecnologização das práticas produtivas, como defendem Hardt e Negri.

Portanto, o império é uma construção ideológica com elementos advindos da sobreposição das instituições e entidades sobre os Estados nacionais a partir do poder econômico e dos interesses dos grandes grupos de pressão.

⁶³ Os autores entendem que a formulação do império com as características destacadas inaugura uma nova forma de legitimação do poder das instituições, fenômeno que marcaria o período pós-moderno.

Entretanto, a coexistência do avanço do capitalismo com a temática da modernidade tem provocado diversas reflexões e hipóteses de avanço defendido pelas mais divergentes vozes de estudiosos da modernidade e da pós-modernidade⁶⁴, fenômeno controverso e polêmico.

Giddens (1991: 12) afirma que “Lyotard vê a pós-modernidade como um deslocamento das tentativas de fundamentar a epistemologia, e da fé no progresso planejado humanamente” e acrescenta que ela pode ser vista como uma evaporação da *grand narrative* – o enredo dominante por meio do qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro passível de predição. Essa pós-modernidade teria como característica a pluralidade de reivindicações heterogêneas de conhecimento, na qual a ciência não tem um lugar privilegiado. Outro autor que discute a pretensão dos pós-modernos é Habermas (2000: 35), para quem a modernidade pretende “demonstrar que uma epistemologia coerente é possível – e que um conhecimento generalizável sobre a vida social pode ser alcançado”.

As colocações inerentes à disputa epistemológica entre modernidade e pós-modernidade são vistas por Giddens como mera banalização do fulcro da discussão e do entendimento do mundo social e suas transformações, além de sua incompreensão, o que levaria a essa rivalidade:

[...] a desorientação é decorrente da sensação de termos sido apanhados num universo de eventos que não compreendemos plenamente e que parecem em grande parte estar fora de nosso

⁶⁴ Cabe esclarecer que a discussão sobre modernidade e pós-modernidade não encerra um consenso, mas inúmeras classificações diferentes dos períodos compreendidos.

controle. Para analisar como isso veio a ocorrer, não basta inventar novos termos, como pós-modernidade e o resto. Ao invés disso, temos de olhar para a natureza da modernidade, a qual, por certas razões bem específicas, tem sido insuficientemente abrangida, até agora, pelas Ciências Sociais. Em vez de pós-modernidade, estamos num período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes (Giddens, 1991: 12).

Essa visão da modernidade explica e fundamenta os novos movimentos da vida social⁶⁵. Para Giddens, o dinamismo da modernidade deriva de pilares fundamentais da episteme, ou seja, da separação do tempo e do espaço, do desencaixe dos sistemas sociais, da ordenação e da reordenação reflexiva e das relações sociais à luz das contínuas entradas de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos.

O desencaixe dos sistemas sociais pode ser entendido como “o deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (Giddens, 1991: 29). Os mecanismos de desencaixe são representados por fichas simbólicas, entendidas como meios de intercâmbio que podem circular sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular. O dinheiro é um exemplo de ficha simbólica, pois possibilita a realização de transações entre agentes muito distantes no tempo e no espaço.

⁶⁵ Esse momento histórico se caracteriza pela radicalização dos processos sociais com a introdução de novas tecnologias, da aceleração das atividades e da fragmentação dos aspectos sociais.

O segundo mecanismo é representado pelos sistemas peritos, que “são sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambiente material e social em que vivemos hoje” (Giddens, 1991: 35). A fé não é tanto nos peritos, mas na sua competência e na autenticidade do conhecimento especializado que eles aplicam – algo que não pode ser verificado pela maioria das pessoas. A exemplo das fichas simbólicas, os sistemas peritos removem as relações sociais das intermediações do contexto. Frequentemente, há forças reguladoras além e acima das associações profissionais, com o intuito de proteger os consumidores dos sistemas peritos.

Para que funcionem, os dois mecanismos de desencalxe dos sistemas sociais dependem da confiança, que pode ser descrita como crença ou crédito em alguma qualidade ou atributo de uma pessoa ou coisa ou a verdade de uma afirmação. A confiança é uma forma de fé na qual a segurança adquirida em resultados prováveis expressa mais um compromisso com algo do que uma simples compreensão cognitiva⁶⁶.

Desse modo, para Giddens, a distinção entre modernidade e pós-modernidade não é importante, mas sim as características intrínsecas das mudanças drásticas da sociedade, que têm como premissa o uso e a validação da confiança no seu âmago.

Assim como toda transição, a passagem da era moderna para a era pós-moderna propôs à humanidade situações incompreensíveis, controversas, polêmicas e paradoxais, além de um debate acalorado e

⁶⁶ Como veremos adiante, a confiança é o pilar fundamental do mercado financeiro, pois através dela se estrutura todo o sistema e seu funcionamento.

apaixonante. O constructo do projeto moderno passa a ser questionado, e uma nova ordem emerge, com novas propostas e posições. O esboço único proposto pelo projeto moderno é questionado pela proliferação colocada pela pós-modernidade⁶⁷. A teoria pós-moderna vem para desbancar a essência, representada pela unicidade do telos da modernidade, tendo como característica revolucionária a hidridização dos elementos, formando um terceiro diferente dos dois anteriores⁶⁸ (Trivinho, 2004).

Ela é intensamente discutida e, com várias nuances e visões, propõe uma mudança radical da leitura do mundo, e uma possibilidade aceita é a descrita por Jameson:

É mais seguro entender o conceito do pós-moderno como uma tentativa de pensar historicamente o presente em uma época que já esqueceu como pensar dessa maneira. Nessas condições, o conceito ou exprime um irreprimível impulso histórico mais profundo, ou efetivamente o reprime e desvia, dependendo de que lado da ambigüidade nos colocamos (Jameson, 2004: 13).

A cultura pós-moderna nasce como produto de diversos fatores contraditórios e confluentes colocados na segunda metade do século XX, representada pela sociedade do conhecimento apoiada na tecnologia. As definições acerca do pós-moderno são muito abrangentes em termos de

⁶⁷ A pós-modernidade traz em seu bojo muitas mudanças do modo social, mas uma das principais é a proliferação de visões e de alternativas e, conseqüentemente, a fragmentação.

⁶⁸ Trivinho trabalha essa passagem de forma analítica e precisa – na construção da teoria pós-moderna, ele considera as teorias moderna e tradicional como sustentáculos de sua emergência. (Nota de aula da disciplina Sistemas Socio-organizacionais, em 25/08/2004.)

números e de conceituações. Uma que nos permite uma aproximação de seu objetivo é explicitada por Charles Jencks, através de Kumar:

A era pós-moderna é um tempo de opção incessante. É uma era em que nenhuma ortodoxia pode ser adotada sem constrangimento e ironia, porque todas as tradições aparentemente têm alguma validade. Esse fato é em parte conseqüência do que se denomina explosão das informações; o advento do conhecimento organizado, das comunicações mundiais e da cibernética (Jencks apud Kumar, 1997: 115).

O pós-moderno representa o pólo de irradiação da fragmentação, e conseqüentemente, a morte do único. A diversidade passa a ser vista como qualidade do pensamento humano, em contraposição ao modelo tradicional de pensamento ocidental, calcado na etiqueta religiosa da utopia, alicerçado numa fonte do pensamento e baseado numa tradição arraigada, com uma proposta de ruptura com o estado atual, e visando ao melhor porvir para a humanidade.

Assim, o pós-moderno provoca uma ruptura com o único, referendando a existência da fragmentação através da mediação dos signos que lhe dão aparência. Apesar de pressupor um afastamento do clássico, o esquema do pós-moderno constrói um novo telos baseado na tecnologia como ente supremo das mudanças, e a ruptura acaba sendo muito violenta e sem aparente controle político, econômico ou militar, pois a revolução tecnológica ocorre silenciosamente, a todo o momento e é feita por todos, embora não haja um líder identificado.

A teleologia da tecnologia aponta para algum lugar que nos escape, onde o ser atual vive no plano do simbólico, cercado por signos

representativos da nova ordem cultural e social. A família sofre uma desagregação devido à possibilidade de novas formas de estruturação da base de relação, com a mulher indo para o mercado de trabalho e provocando uma mudança irreversível, baseada na valorização do trabalho, na emancipação do ser humano e no consumismo hedonista⁶⁹ como valores do pós-modernismo.

Nesse contexto, o capitalismo encontra as condições adequadas para seu desenvolvimento e apogeu e, assim como a perspectiva teleológica, a metanarrativa do protestantismo permite o surgimento do capitalismo como ideologia do mercado (Weber, 1989), podendo-se entender as metanarrativas pelo cuidadoso trabalho de Kumar explicando a concepção de Lyotard:

As metanarrativas, ou narrativas empolgantes de que fala Lyotard, são os grandes esquemas histórico-filosóficos de progresso e perfectibilidade criados pela era moderna. Embora as narrativas, que são prescritivas e práticas, sejam diferenciadas por Lyotard de ciência, que se interessa pela verdade e por alegações de verdade, não pode haver a menor dúvida de que grande parte do interesse das metanarrativas da modernidade dependia de sua associação à ciência e ao método científico (Lyotard apud Kumar, 1997: 143).

Entretanto, a comunicação se coloca como ideologia, telos e metanarrativa e busca a totalidade, visando atingir o mundo inteiro,

⁶⁹ Valoriza-se o consumo baseado na idéia do prazer inesgotável, e as pessoas buscam satisfazer todos os seus anseios através do incessante acesso aos produtos.

embora não como narrativa única. Para tanto, faz uso dos aparelhos de massa⁷⁰, permitindo a recepção de mensagens por milhões de pessoas.

A comunicação mediada pelos aparelhos tecnológicos se disseminou por toda a esfera social, gerando um novo telos tecnológico, diferente das metanarrativas, baseadas na lógica da reciclagem estrutural⁷¹, e, assim como toda produção capitalista, o destino da sociedade cibercultural está nas mãos do mercado, onde quem alegadamente dita as regras é o consumidor⁷².

Assim, segundo alguns autores, a pós-modernidade nasce com o sistema mercado. Ela se realiza a partir da revolução tecnológica ocorrida no mercado, impondo-se como algo que positivamente é seu motor fundamental – a própria tecnologia, com desenvolvimento autônomo. O capitalismo e o seu representante incontestado – o mercado – descaracterizam o valor de uso dos bens (Marx, 1983), transformando-os em mercadorias de troca, como aponta Jameson na análise da cultura e de suas alterações histórico-sociais:

[...] o que ocorre é que a produção estética hoje está integrada à produção das mercadorias em geral. A urgência desvairada da economia em produzir novas séries de produtos que cada vez mais pareçam novidades, com ritmo de *turn over* cada vez maior, atribui uma posição e uma função estrutural cada vez

⁷⁰ A comunicação de massa se vale de aparelhos como a televisão, o rádio e o cinema, entre outros, e, mais recentemente, também de meios digitais como o computador, a internet, os inúmeros aparelhos de telefonia etc.

⁷¹ A reciclagem estrutural é um dos pontos centrais do capitalismo atual, em que as mercadorias têm ciclos de vida cada vez mais efêmeros, pela obsolescência planejada, de modo que a substituição do bem é necessário e alimenta a lógica de consumo.

⁷² A construção discursiva coloca o consumidor como protagonista do mercado, mas, na prática, só lhe é dado optar pelos produtos/serviços oferecidos e planejados pelas empresas. Sua aparente liberdade se limita às necessidades das organizações.

mais essenciais à inovação estética e ao experimentalismo (Jameson, 2004: 30).

A tecnologia não se reduz à máquina, mas é algo mais abstrato – um signo. Ela passa a ser objeto de culto, assim como o mercado, sendo algo espetacular, reproduzindo o conceito de Guy Debord (1997: 3), em que “o espetáculo não é o conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. Pode-se traçar uma analogia entre o mercado e uma reflexão religiosa do uso de elementos sagrados no terreno profano. O mercado atua como um Deus e, assim como a religião, tem seus dogmas sagrados⁷³ e seus seguidores e não admite a discussão ou a existência de erros conceituais – nós é que não sabemos interpretá-lo corretamente. A semelhança é muito grande, tirando do mercado um de seus pilares de sustentação lógica, que é a aparente racionalidade do sistema.

A modernidade sustenta que o homem é o sujeito social e domina a tecnologia. Na pós-modernidade, o sujeito não é o homem, mas a máquina. O homem faz exatamente o que a máquina lhe determina, tornando-se caudatário e anexo ao processo. Ocorre a morte simbólica do sujeito frente à dependência tecnológica, demonstrando sua impotência diante de uma situação insolúvel. O homem é destituído da condição de sujeito e passa a ser objeto da cena social, atropelado pela velocidade que lhe foge ao controle, típica da pós-modernidade, originando as dromopatologias:

⁷³ Alguns dos dogmas sagrados do mercado podem ser a auto-regulação (ausência do Estado), a livre concorrência/competitividade e a formação espontânea dos preços.

Um dos sintomas mais ostensivos de que a velocidade é *per se* violência diz respeito a seu caráter patogênico. De par com todo elemento cultural que, existindo, não escapa à sua sombra, a velocidade engendra as enfermidades que lhe são correspondentes (Trivinho, 2007: 99).

Essa transição abrupta e sem violência revolucionária do moderno para o pós-moderno foi possível através da comunicação. A comunicação eletrônica passa a ser aquilo que deve ser aceito, consumido. Disseminam-se teorias sobre o pós-moderno e a afirmação do poder comunicacional. Aqui, cabe uma análise a respeito do trabalho intelectual que esbarra na crítica da nova ordem mundial baseada na sociedade tecnológica. A crítica da nova sociedade tem sido velada, quando muito apegada aos antigos constructos e sistemas da modernidade:

A teoria social, no que concerne à reflexão sobre a lógica da civilização gestada pelas tecnologias digitais e do virtual, vive uma de suas mais profundas crises. A teoria social contemporânea – herdeira, em grande medida ainda, do modelo tradicional e moderno de visão e sensibilidade de mundo – perdeu a capacidade de apreender a lógica das coisas, bem como a natureza e os rumos da sociedade tecnológica. O real, totalmente pulverizado e reconstruído pela técnica, passou a suplantá-la (Trivinho, 2001: 13-14).

1.2 Da modernidade sólida à modernidade líquida

Bauman (2001) analisa a modernidade como a tentativa de operar distinções e classificações capazes de restringir a presença do caos na sociedade, infligindo-lhe uma paralisação pela clareza e transparência advindas da razão. Enfim, para o autor, o que realmente caracteriza o projeto moderno é sua ânsia de controlar a ambivalência, entendendo

toda existência pura e livre de intervenção como uma existência não ordenada, associada à natureza e, portanto, não confiável – algo que deve ser dominado, remodelado e subordinado de modo a se ajustar às necessidades humanas. Assevera que a história do tempo começou com a modernidade: “De fato, a modernidade é, talvez mais que qualquer outra coisa, a história do tempo: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história” (Bauman, 2001: 115). Muitas reflexões e discussões se fizeram em torno da importância do tempo e do espaço, mas o principal motivo pelo qual eles se tornaram tão relevantes e objeto de estudos foi a construção de veículos que podiam se mover mais depressa que os homens e os animais.

Bauman defende que o tempo empreendeu uma disputa com o espaço visando superá-lo e vencer suas resistências. Se antes a posse de espaço era de suma importância⁷⁴, hoje a prioridade é encurtar distâncias e superar obstáculos e limites à ambição humana através da conquista do espaço pelo tempo. A modernidade nasceu sob a égide da aceleração e da conquista de terras.

A relação entre tempo e espaço deveria ser de agora em diante processual, mutável e dinâmica, não predeterminada e estagnada. A conquista do espaço veio a significar máquinas mais velozes. O movimento acelerado significava maior espaço, e acelerar o movimento era o único meio de ampliar o espaço. O espaço era até então o valor, o tempo, apenas a ferramenta (Bauman, 2001: 131).

⁷⁴ Desde as origens do capitalismo e a desapropriação das terras dos camponeses (como destacamos na primeira parte do trabalho), a posse do espaço demonstrava robustez, poder e importância, até que o tempo suplantou o espaço na saga multiplicadora do capital.

Para Bauman, a era do *hardware* – ou a modernidade pesada – era a modernidade obcecada pelo volume, uma modernidade do tipo “quanto maior, melhor”, em que tamanho era poder e volume, sucesso. A conquista do espaço era o objetivo, e o progresso significava tamanho crescente e expansão espacial. Era a rotinização do tempo que mantinha o lugar como um todo compacto e sujeito a uma lógica homogênea. Nessa saga, o tempo tinha que ser flexível e maleável e, acima de tudo, tinha que poder encolher pela crescente capacidade de devorar espaço de cada unidade. Entretanto, quando chegava o momento da fortificação do espaço conquistado, de sua colonização e domesticação, fazia-se necessário um tempo rígido, uniforme e inflexível:

O tempo rotinizado prendia o trabalho ao solo, enquanto a massa dos prédios da fábrica, o peso do maquinário e o trabalho permanentemente atado acorrentavam o capital. Tudo se altera com a chegada do capitalismo do *software* e da modernidade leve (Bauman, 2001: 132).

A mudança em questão é a irrelevância do espaço, disfarçado de aniquilação do tempo. O espaço não impõe mais limites à ação, e seus efeitos contam pouco ou nada. Quando as distâncias podem ser percorridas à velocidade de sinais eletrônicos, todas as referências temporais se alteram.

Aparentemente, a instantaneidade se refere a um movimento muito rápido e a um tempo muito curto, mas, de fato, denota a ausência do tempo como fator do evento e, por isso mesmo, como elemento no cálculo do valor. O tempo não é mais o desvio na busca e, assim, não mais confere valor ao espaço. A quase instantaneidade do tempo do *software* anuncia a desvalorização do espaço.

CAPÍTULO 2

A FRAGMENTAÇÃO DO MERCADO

Diante de todas as circunstâncias já descritas, passaremos a analisar o mercado brasileiro, suas características e seus desdobramentos.

Para entender o comportamento e as regras que regem o mercado brasileiro precisamos antes entender como funciona o mercado norte-americano, dada a inter-relação entre eles. Por algumas circunstâncias essenciais e por seus fundamentos econômicos⁷⁵, o mercado norte-americano é o mais desenvolvido do mundo.

Desde a II Guerra Mundial, a evolução do mercado está atrelada à concepção de consumo e à construção discursiva que embala e justifica a ansiedade sagaz da contínua substituição de produtos, mas o comportamento do mercado é um desdobramento do próprio modelo capitalista de produção e consumo por meio do qual sua natureza expansionista transformou todos os conceitos em mercadorias portadoras de valor de troca e procurou atingir o máximo de mercados consumidores considerados viáveis para seus produtos.

Nesse período de expansão, romperam-se regras e normas dos Estados nacionais, que se viram obrigados a abrir seus mercados. Assim, diminuiu a interferência dos Estados nos relacionamentos dos mercados,

⁷⁵ Os chamados fundamentos econômicos são constituídos pelo saldo da balança comercial, das reservas cambiais, da variação da moeda e do índice de crescimento, entre outros.

culminando com a eliminação do controle de capitais especulativos e da taxa fixa de câmbio, instituídas pelo sistema de Breton Woods. A nova configuração se baseava na livre circulação de mercadorias e de capitais financeiros e na adoção da taxa flutuante de câmbio. Eis o cerne do processo de globalização, sustentado sobretudo pela globalização financeira.

Um aspecto fundamental da matriz capitalista é a relação capital-trabalho e seus conflitos inerentes. A visão clássica da teoria administrativa (Ford, Taylor, Fayol) se preocupava com que o trabalhador desenvolvesse suas atividades de forma especializada e correta, no corpo de uma sociedade disciplinar baseada no rígido controle e no acompanhamento por parte dos superiores. Entretanto, na sociedade globalizada, a relação passa a ser regida por uma suposta flexibilidade nas ações e na tolerância com os funcionários. A grande lógica construída impõe uma ideologia de trabalho flexível e sem vínculos empregatícios, sem o apego entre trabalhador e empresa. O que se propõe é uma relação de prestação de serviços e, conseqüentemente, nenhuma segurança de manutenção do emprego⁷⁶.

Em função da própria essência do modelo de expansão, essa nova estruturação do capitalismo atinge os mercados e se esgota, impondo a necessidade de se repensarem seus pilares constitutivos. Assim, intensificam-se o processo produtivo e a exploração qualificada dos

⁷⁶ O trabalhador não tem mais vínculo empregatício, reduzindo-se a um prestador de serviços. No entanto, se, por um lado, essa mudança reveste o trabalhador de uma certa autonomia e de maiores ganhos financeiros, por outro, deixa-o desprotegido legalmente, desamparado nos imprevistos e, em muitos casos, despreparado para a competitividade do mercado.

mercados já constituídos (Hardt e Negri, 2004), e merece destaque a maneira como isso se dá. Para viabilizar esse novo constructo, introduziram-se métodos criativos e inovadores na produção, que geraram produtos cada vez mais diferentes e sofisticados, com características sedutoras para os consumidores⁷⁷. No entanto, o ciclo não estava fechado ainda – havia o problema da finitude dos mercados e, assim, um novo esgotamento do consumo. A grande descoberta foi tornar descartáveis esses produtos, por meio de constantes mudanças e inovações, com o intuito de inspirar no consumidor uma permanente sensação de mudança, graças à rapidez da substituição dos produtos.

Lacan classifica as mercadorias como pequenos objetos para causar desejo (*objeto a*). Ora, se o discurso capitalista estrutura um modo de laço social em que o objeto convém ao sujeito, isso parece implicar uma satisfação que seria incompatível com a estrutura do desejo. Mas uma mercadoria consumida não consuma a satisfação, relança sempre uma falta. Uma coisa é o que anuncia o discurso corrente, o imaginário propagado em que se fala de adequados objetos de satisfação, outra coisa é a estrutura do denominado discurso capitalista (Gonçalves, 2000: 68).

Naturalmente, para que o projeto obtivesse êxito, faltava uma justificativa racional para o comportamento consumista incentivado, de que se incumbiu o discurso da inovação, da evolução e da tecnologia

⁷⁷ E o correspondente massacre promovido pelo *marketing* e pela mídia – inclusive a dita “informativa” e “cultural” – na produção e na disseminação de uma verdadeira hegemonia ideológica, entendido esse adjetivo com o sentido que lhe atribui a filósofa Marilena Chauí (2001).

sempre presente e criativa⁷⁸. Nessas bases, há no mercado uma certa amoralidade e o predomínio do utilitarismo.

Essa construção ideológica empresarial pode ser considerada populismo de mercado, em que os termos do discurso capitalista do momento ganham respaldo de supostos “intelectuais do mercado”, aliados à propaganda incisiva e freqüente nos meios de comunicação, abusando de elementos mercadológicos e de uma aura definitiva e irreversível do momento histórico. Ressalte-se ainda a promessa dos teóricos do mercado e de seus defensores, de que, através do livre mercado, os cidadãos atingiriam a real democracia, reduzida à liberdade de escolha dos produtos a consumir. Essa suposta democracia de mercado prescinde até mesmo – e sobretudo – da presença do Estado, aí entendido como agente bloqueador dos anseios de liberdade popular. Essa construção ideológica e mercadológica não aceita contrapontos e descarta a argumentação de seus opositores pela desqualificação, taxando-os de ultrapassados, saudosistas, conservadores e defensores da inépcia e da inoperância empresarial. Observamos hoje uma preponderância dos valores de mercado sobre todos os demais, mudando completamente a rotina das pessoas e tirando-lhes as referências, como aponta Soros:

Os valores de mercado impregnaram áreas da sociedade que antes eram governadas por considerações não relacionadas ao próprio mercado. Refiro-me às relações pessoais, à política e a profissões como Direito e Medicina. Ademais, constata-se uma

⁷⁸ São diversos os autores que destacam as mudanças de enfoque e atestam os discursos correntes; entre eles, Kotler, Drucker, Ohmae e Hill, por exemplo.

alteração sutil e gradual, ainda que profunda, na maneira como operam os mecanismos de mercado (Soros, 1998: 118).

A fundamentação argumentativa chega a deslocar a própria elite⁷⁹, até então identificada com o ócio, com uma riqueza que lhes chegava sem esforço e com um estilo de vida frívolo. Os empresários da nova economia são identificados com estilos arrojados, com a informalidade, a juventude e a contraposição à sociedade aristocrata. Inaugura-se o “estilo de vida” da nova economia. Naturalmente, o trabalho de construção e valorização desse estereótipo está ligado aos modismos e interesses divergentes da nova estrutura empresarial e social. Incentiva-se o empreendedorismo e se valorizam essas características. Muitos intelectuais⁸⁰ alardeiam a chegada do novo tempo, empolgados sobretudo com a adoção em larga escala da tecnologia.

Observa-se o avanço do mercado pelo deslocamento dos interesses da economia baseada na produção para o ganho obtido na bolsa de valores. Esse encantamento com os mecanismos de mercado leva a um estado de euforia, com a constante valorização das ações das corporações. Todos são instruídos a se valer das benesses desse mercado, que parece ilimitado e não dá sinais de esgotamento.

Casos de sucesso repercutem em diversos países, provando que o mercado de ações é uma possibilidade para todos os cidadãos, desde os grandes investidores até o mais humilde operário do interior. Ocorre o

⁷⁹ Essa elite é composta dos tradicionais industriais, comerciantes e prestadores de serviços, além de empresários e fazendeiros.

⁸⁰ O ícone do momento é o teórico Thomas Friedman, que encabeça os discursos de chegada dos novos tempos e da “nova economia”, baseada na liberdade de ação e circulação do capital, e com o afastamento radical do Estado na regulação do mercado.

que Thomas Frank⁸¹ (2004) chamou de *fundamentalismo de mercado*, em que nenhuma de suas regras pode ser contestada, e a crença nos pilares ajuda a solidificar o sistema.

Nessa perspectiva, observam-se a busca desenfreada por ganhos constantes e a inabalável solidez do mercado de ações, em especial o norte-americano. Outro desdobramento do momento histórico das décadas de 1980 e 90 foi a afronta direta às entidades sindicais⁸², que evidentemente discordavam dos métodos de mercado empregados pelas corporações, bem como da condenação da intervenção do Estado nas engrenagens do mercado.

Entretanto, para aniquilar o movimento sindical, o capital se utilizou de um dispositivo muito interessante: passou a remunerar os executivos das empresas com bônus e ações da própria corporação, incentivando-os sutilmente a aderirem aos instrumentos valorizados pelo mercado – a valorização da empresa significava ganho para o próprio executivo possuidor das ações. Na linguagem de mercado, isso representava maior produção, enxugamento de despesas e, conseqüentemente, demissões. Aliado à desterritorialização da estrutura das empresas, esse instrumento quebrou o vínculo entre elas e seus funcionários. Era chegado o momento de o capital se deslocar para lugares mais atraentes em um

⁸¹ O fundamentalismo de mercado caracterizado por Frank (2004) é análogo ao conceito religioso de não se aceitarem contrapontos ou mesmo alternativas de estruturação econômica.

⁸² Os sindicatos foram enfraquecidos por essas regras – a transformação do trabalhador em prestador de serviços, a auto-regulamentação do mercado e a ausência do Estado esvaziaram os sindicatos.

curto espaço de tempo. Ele não tinha mais compromisso com aquele local onde estavam instaladas as empresas⁸³.

Esse fenômeno se radicalizou com o advento da internet e com as possibilidades de investimento rápido não só nas bolsas de valores norte-americanas, mas em qualquer região do globo que interessasse, tudo isso balizado sempre por um discurso extremamente competente. “Chega-se a defender que o operário demitido terá um futuro melhor ao investir sua indenização no mercado acionário e receber eternamente ganhos capazes de superar seus vencimentos como empregado” (Frank, 2004: 133). Além disso, busca-se destruir a noção de Estado protetor e que visa o bem-estar social. Definitivamente, esse interesse não devia existir e cada um devia ser capaz de cuidar de si. Estavam postos todos os ingredientes para a ditadura do mercado, a competitividade crescente e o individualismo social.

Graças à desterritorialização do capital, a lógica introduzida pelo discurso mercadológico se propaga por todo o globo, sobretudo pela tecnologia da informação, que propiciou a aceleração dos processos através do uso do vetor velocidade. Assim, a velocidade se torna fator fundamental para a transmutação dos meios. Para Paul Virilio:

[...] a velocidade absoluta dos novos meios de transmissão telemáticos vem dominar, por sua vez, a velocidade relativa dos antigos meios de transporte, e a aceleração local dos veículos dá lugar à aceleração global dos vetores de uma informação em vias de globalização (Virilio, 1999: 117).

⁸³ Essa medida transformou o capital num “sujeito nômade” em busca da melhor condição para investir. Já o trabalhador continuava preso a seu lugar, inviabilizando qualquer tipo de embate na relação capital-trabalho.

O mundo se reduz espacialmente, suprimindo-se as distâncias pela velocidade e sua derivação da aceleração. Mais uma vez, é Virilio quem comenta com muita acuidade essa passagem:

Cada vez que inauguramos uma aceleração, não só reduzimos a extensão do mundo, mas esterilizamos também os deslocamentos e a grandeza dos movimentos, tornando inútil o gesto do corpo locomotor. Da mesma forma, perdemos o valor mediador da ação em proveito da imediatez da interação. [...] Assim, as grandes velocidades substituem progressivamente as grandes extensões, e a superfície – as imensas superfícies do globo terrestre – cede lugar à interface da velocidade global (Virilio, 1999: 119).

Por fim, o autor descaracteriza a própria fórmula da aldeia global (McLuhan, 1964), que referenda o impacto da velocidade no novo mundo social:

De fato, a velocidade-limite das ondas que veiculam mensagens e imagens é a própria informação, independentemente de seu conteúdo, a ponto de a célebre fórmula de Marshall McLuhan precisar sofrer uma correção: A mensagem não é o meio, mas apenas sua velocidade (Virilio, 1999: 136).

Verifica-se que o discurso de inabalabilidade do mercado e de suas regras, de nossa incapacidade de vivermos fora desse sistema e da impossibilidade de se promoverem mudanças nessa estrutura ideológica e prática consegue respaldo e aceitação popular, levando as pessoas a agirem de forma predeterminada. O discurso se torna eficaz por contrastar aspectos da realidade com os anseios das pessoas, como ilustra Gonçalves:

Entre discurso e realidade, a relação não é de cunho fotográfico. Também não é o caso de considerar o discurso como abstração, síntese geral, que, partindo da realidade, encontra tradução na escrita correspondente. A estrutura discursiva está inscrita na realidade, está lá, produzindo-a e sustentando-a. Da mesma forma, o discurso, que funda e define cada realidade, não se reduz a uma espécie de visão de mundo; esta pertence mais ao imaginário relativo ao discurso vigente. Vale dizer ainda que o discurso tampouco se confunde com cultura. O que existe é liame social, modo de enlaçamento, que só se instaura e reina na medida da imersão na linguagem, a qual atravessa e constitui o falante. Nessa dimensão, importam o sujeito, a função da palavra e o campo da linguagem (Gonçalves, 2000: 32).

Com base na estruturação do mercado de consumo, em que a democracia está vinculada à possibilidade de se escolherem os produtos e serviços de sua preferência – e às supostas diferenças significativas que haveria entre eles –, deparamos com o mercado financeiro como o maior beneficiário da predominância desse modelo⁸⁴.

Por sua natureza, o mercado financeiro se pretende racional e infalível. Entretanto, permeiam o comportamento do mercado e de seus agentes fenômenos não baseados em fórmulas matemáticas e estatísticas preditivas. Não fosse a interferência de aspectos incontroláveis, o comportamento do mercado seria basicamente o mesmo e manteria uma determinada coerência, visto o acesso aos mais diversos instrumentos de mensuração e acompanhamento. Esse aspecto imponderável é a participação dos agentes e de seus comportamentos subjetivos, ou seja, as atitudes dos agentes/participantes influenciam

⁸⁴ O modelo privilegiou aspectos que favoreceram o deslocamento de capitais, fundamentalmente na órbita financeira, e permitiu sua total desterritorialização.

profundamente o mercado financeiro, sobretudo as atitudes impensadas, drásticas e radicais que contrariam a suposta lógica adotada pela maioria⁸⁵.

A essa interferência da subjetividade dos agentes George Soros chamou de *reflexividade*, que “exprime que o nosso pensamento influencia ativamente os eventos de que participamos e que são o objeto do nosso pensamento” (Soros, 1998: 38). Soros discute a reflexividade nas esferas das ciências sociais e econômicas e acrescenta que seu conceito é tão elementar, que não entende como outros estudiosos não o cunharam. Enfatiza, entretanto, que não foi seu descobridor; outros pensadores introduziram algum elemento de indeterminação em suas análises científicas. No campo dos assuntos econômicos, há uma crença generalizada de que eles estão sujeitos a leis naturais inelutáveis, comparáveis às leis da física. Naturalmente, a crença está equivocada⁸⁶.

Soros defende que, como qualquer outra organização humana, o sistema de mercado é intrinsecamente falho: “Os constructos sociais, em geral, e os mercados financeiros, em particular, são intrinsecamente imprevisíveis” (Soros, 1998: 67). A aceitação da validade absoluta da economia de mercado e de seus pressupostos pode levar a uma análise errônea e interferir na leitura adequada dos fenômenos sociais e econômicos.

⁸⁵ O comportamento adotado e seguido pela grande maioria é designado no mercado como “comportamento de manada”.

⁸⁶ Está equivocada justamente por não considerar a interferência do agente, através de seu comportamento, que nem sempre é previsível.

Segundo essa lógica, a teoria econômica é a tentativa mais abrangente para se buscar uma aderência às ciências naturais – os economistas clássicos se inspiraram na física newtoniana, para estabelecer leis de validade universal, que servissem tanto para explicar como para prever o comportamento econômico, e esperavam atingir esse propósito mediante o conceito de equilíbrio⁸⁷. Esse tipo de postura fez com que esses pensadores focalizassem os resultados definitivos desconsiderando as perturbações temporárias, ou seja, buscavam entender o princípio do equilíbrio e do conhecimento perfeito do mercado. No caso dos participantes do mercado financeiro, a grande expectativa é antever os preços de mercado, sobretudo no mercado acionário⁸⁸.

Embora sejam importantes, os preços de mercado não revelam a atitude dos participantes, ou seja, a interpretação convencional supõe a variável dos preços de mercado com base nos balanços patrimoniais, nos lucros e dividendos e nas perspectivas de desempenho das empresas – os chamados fundamentos de mercado. Entretanto, as análises desses fundamentos estão sujeitos às interpretações dos agentes, o que de plano inclui a imprevisibilidade.

Assim, embora se considere o passado, o que importa no mercado financeiro é o comportamento futuro. As estimativas e apostas levam em conta um conjunto de elementos indicativos das empresas para uma

⁸⁷ “A teoria do equilíbrio na economia se baseia numa falsa analogia com a física. Os objetos físicos se movem à sua maneira, independentemente do pensamento de qualquer pessoa. Mas os mercados financeiros tentam prever um futuro que depende das decisões do presente. Em vez de apenas refletir de forma passiva a realidade, os mercados financeiros criam ativamente a realidade que eles, depois, acabam refletindo” (Soros, 2004: 26).

⁸⁸ A antevisão dos preços no mercado acionário significa ganhos financeiros.

avaliação dos participantes. Entre esses elementos, contam-se a capacidade de colocação de suas ações no mercado e o conseqüente levantamento de capital, as configurações de seus empréstimos e a imagem da empresa, que influirão definitivamente na valorização das empresas e de seus fundamentos.

Diante de todas essas razões, o comportamento esperado dos agentes é supostamente previsível, e Soros faz a seguinte análise:

A constatação justificaria o comportamento de seguir a tendência, que é capaz de arrastar mercados financeiros para o que chamo de território distante do equilíbrio [...] o importante a perceber é que o comportamento de seguir a tendência não é necessariamente irracional (Soros, 1998: 81).

Visto dessa forma, analisadas as condições e seguindo a tendência dos demais agentes, os participantes do mercado, abastecidos de informações, teriam o desempenho previsto. Acrescentando-se, entretanto, o componente da reflexividade, caracterizado pelo comportamento dos agentes e por suas intenções, verificam-se a imprevisibilidade do contexto e a influência de um fator contundente.

O comportamento do agente é afetado por diversos aspectos, e, no mercado financeiro, o boato se reveste de importância fundamental. Sua interferência não só nas cotações dos papéis, mas principalmente nas engrenagens do sistema financeiro incorpora informações de caráter duvidoso e pode conduzir a diversas possibilidades. E o boato como fenômeno da comunicação, aliado à reflexividade do agente, encontra terreno fértil para a disseminação de informações que interferem no mercado.

Além disso, a composição psicológica do boato e o comportamento dos agentes denotam a presença desses elementos no mercado financeiro, construindo uma condição analítica de avaliação psicanalítica do mercado financeiro.

Portanto, discutidos os pressupostos e alicerces do mercado financeiro, entendemos ser perfeitamente viável uma construção metodológica do tratamento psicanalítico do mercado através da inferência do boato e de suas ilações. Essa abordagem pretende expressar as manifestações humanas do mercado e, como consequência, a sistematização dos elementos de modo a racionalizar seu entendimento como semiótica e comunicação.

CAPÍTULO 3

ASPECTOS PSICANALÍTICOS DO MERCADO

O mundo atual convive com o liberalismo econômico⁸⁹, que se arroga o mérito do conceito de liberdade de mercado, pelo qual o mundo estaria tendo a oportunidade de ver os maiores avanços da tecnologia de consumo e das mercadorias como expressão máxima do desenvolvimento da humanidade.

O chamado mundo livre está diretamente ligado à expansão e à difusão da ideologia do neoliberalismo e da globalização como fenômeno maior de sua atuação. Na opinião de muitos, o termo “globalização” se aplica a uma fase do pós-modernismo, ou seja, posterior aos sistemas teóricos desenvolvidos. Essa determinada ordem mundial resulta de um embate entre o capitalismo e o socialismo dito real e do triunfo daquele. O passo seguinte foi disseminar os conceitos do capitalismo e sua base de sustentação na doutrina que faz do indivíduo o fundamento da sociedade e dos valores morais, em contrapartida aos conceitos de solidariedade. A competição e o acirramento da atuação das empresas no mercado coincidem com o culto ao individualismo e a superação de seus pares a qualquer custo.

A maior parte das pessoas assume os pressupostos capitalistas sem ao menos refletir sobre os motivos do atual estado de coisas ou

⁸⁹ O liberalismo econômico tem em Adam Smith seu principal teórico. Para ele, o Estado não deveria intervir na economia, mas justamente assegurar que o mercado não sofresse intervenções, pois a “mão invisível” do mercado era capaz de se auto-regular, constituindo-se um elemento independente, eficiente e eficaz (Smith, 1776).

sobre as conseqüências de seus atos. Entendem apenas que fazem parte de um determinado sistema e que devem cumprir suas obrigações. O discurso tem sido extremamente exitoso, desagregando laços sociais e transformando as relações entre as pessoas, que, mesmo vivendo em sociedade, estão cada vez mais sozinhas e deprimidas, sujeitas à busca de mais objetos de consumo. É o estabelecimento de uma nova ordem social através da dimensão econômica, com o triunfo do sujeito sobre o outro, na perspectiva de um “darwinismo de mercado”, em que o mais forte – ou mais adaptado – supera o outro, com o simples intuito de vencer o concorrente. Enfim, uma batalha sem nexos. Segundo Soros:

O sistema capitalista global se fundamenta na competição. Relaxar na luta pela sobrevivência e interessar-se pelas coisas mais refinadas da vida talvez seja perigoso. Algumas pessoas e sociedades fizeram essa tentativa e amargaram perdas elevadas (Soros, 1998: 149).

Cabe ressaltar que a época contemporânea se caracteriza pelas profundas alterações psicológicas verificadas nos indivíduos, seja como consumidores ou trabalhadores, considerando-se principalmente o modelo de produção em série, que não só modificou a relação de construção social do trabalho e a do trabalhador com seu instrumento de trabalho como também a relação entre o indivíduo e os bens de consumo. Agora se valoriza o consumo conspícuo e alienante – ou, como preferem os mercadólogos, o “consumo estimulado” –, e o sujeito moderno passa a ser determinado pelo discurso da tecnociência e da economia.

A expansão do capitalismo se tornou uma verdadeira obsessão para capitalistas, especialmente os norte-americanos, e logrou aliciar grande parte do mundo para a disputa com a União Soviética e todos os países que não participavam da economia de mercado. Com a queda do socialismo, o capitalismo atingiu um patamar muito avançado e já não se dá o trabalho de sequer dissimular seus reais interesses, como fazia antes, quando a contraposição se dava alegadamente também quanto a posições ideológicas e sociais, além de comerciais. A queda do muro de Berlim, símbolo máximo do esfacelamento do modelo burocrático soviético, consagrou o triunfo do capital e revelou suas fabulações.

A idolatria do capitalismo e da sociedade de consumo tinha o mercado à sua disposição e fez com que ele sucumbisse à hegemonia de uma fórmula baseada na competitividade, na expansão desmedida e no culto ao individualismo. Nesse contexto, o sujeito sofre com as adaptações a um mundo que só atende estímulos de natureza estritamente econômica, relegando o ser e suas demais necessidades.

Assim, o mercado adquire um *status* acima do indivíduo e passa a ser considerado uma divindade, sem erros, equívocos ou injustiças:

É o que se explicita na realidade do mercado: o sujeito é sempre individual e só existe socialmente enquanto tem algo para comprar ou vender, ou pelo menos assim pense. Mas ao mesmo tempo trata-se de viés idêntico ao da profecia, por oferecer-se em última análise como ponto de vista absoluto (porque onividente e ubíquo) sobre o mundo, como uma espécie de “boca de Deus” sem nenhum sagrado ou nenhuma divindade por detrás, a não ser o capital como lei universal de organização do mundo (Sodré, 2002: 52).

A pressuposição de que o modelo vitorioso seria a soma de todas as vontades individuais é reforçado no sentido da busca do lucro como resultado final de todas as ações humanas, e as pessoas passam a ser valorizadas não pelo que são, mas pelo que produzem para alimentar uma sociedade doente, no sentido psicológico do termo.

Essa forma de valorização do homem deságua na coisificação do humano⁹⁰ e, ao mesmo tempo, na antropomorfização de coisas e seres inanimados⁹¹. Essa formulação moderna nos parece no mínimo paradoxal, mantendo coesão com as contradições fundamentais e os cânones históricos do modelo capitalista.

Sua exacerbação está expressa numa de suas variantes – o mercado financeiro, ápice de idealização do modelo⁹². O mercado financeiro desperta um profundo interesse nas pessoas, seja por seu caráter mítico, por seu estímulo ao lucro rápido, pelo encanto de entendê-lo ou mesmo de satanizá-lo pelos tropeços da sociedade ou dos indivíduos.

A discussão sobre a universalização dos valores sociais tem suscitado diversos questionamentos, indagações e perturbações, pela forma como se vem estruturando a vida social diante da implacabilidade do domínio das tecnologias e da expressão máxima da ditadura do mercado –

⁹⁰ O homem passa a ser identificado apenas por números e senhas, nas mais diversas esferas sociais: no trabalho, na escola, no sistema de saúde etc.

⁹¹ A antropomorfização é a atribuição de características humanas a coisas ou seres inanimados. Esse dispositivo mercadológico é largamente utilizado para revestir as mercadorias de certo aspecto humano.

⁹² Pode-se considerar o mercado financeiro como coração do atual modelo capitalista. Todas as esferas sociais demandam uma análise econômico-financeira, dependendo menos ou mais do sistema financeiro.

que rivaliza com o entendimento do homem e, ao mesmo tempo, tem um discurso avassalador, com características autoritárias e abstratas.

Muito já se falou sobre o mercado, inclusive sobre seus elementos ditos humanos, ou a antropomorfização de sua dinâmica. Segundo Freud, “é, de fato, natural ao homem personificar tudo o que deseja compreender, a fim de, posteriormente, controlá-lo (a dominação psíquica como preparação para a dominação física)” (Freud, 1974: 31).

A elevação do mercado à categoria de entidade portadora de características humanas e universais representa a evolução do capitalismo em sua face mais visível. O capitalismo conseguiu se reinventar através de mecanismos de estruturação do mercado cuja lógica é a mercantilização de todos os setores da vida social, na produção intensiva de resultados, na competição levada às últimas conseqüências e na exclusão da maior parcela da população mundial. Na avaliação de Salecl:

Nessa fase tardia da sociedade capitalista, o mercado surge como uma forma de grande sujeito. Seguindo as previsões de Benjamin sobre o capitalismo como nova forma de religião, alguns dizem estar o Mercado agora se parecendo com um novo Deus, e qualquer oponente do dogma do livre mercado é rapidamente chamado de herege. Na cultura de hoje, o sujeito está permanentemente descentralizado, mas também o espaço simbólico ao seu redor se torna cada vez mais alienante e difuso. Debates sobre a pós-modernidade têm se focado no fato de não existirem mais grandes narrativas, de não haver mais poderosas autoridades com as quais o sujeito possa se identificar, que o indivíduo parece ter sido levado ao seu limite e, assim, o sujeito percebe cada vez mais a si mesmo como um autocriador (Salecl, 2005: 31-32).

A condição do sujeito num mundo em completa mudança e desorientado de seus ideais (Sennett, 2004) tem instigado diversos estudiosos a desvendarem o mercado e o real papel do indivíduo, como aponta Kehl:

Esse outro pode ser, simbolicamente, o Mercado, filho enviado à Terra por seu Pai, o Capital – abstrações sem nome e sem rosto que determinam nosso destino e, de um lugar simbólico fora do nosso alcance, nos submetem às leis inflexíveis do seu Gozo. Pautar escolhas de vida segundo os ditames do Mercado, ou do Capital, para a maioria das pessoas, parece mesmo uma questão de fé. Mas esse novo Deus laico cuja face ninguém vê enuncia seus desígnios por meio da palavra revelada a seus sacerdotes (Kehl, 1985: 81).

As contradições do modelo são supostamente compensadas pelo benefício do bem-estar geral e pela liberdade de consumo como forma de se obter a satisfação de nossas mais intrínsecas necessidades e sonhos.

Para que isso se concretizasse, superaram-se os Estados nacionais e se os substituiu pela lógica global da circulação das mercadorias. Entretanto, esse fenômeno da materialização das relações vem acompanhado de um discurso pretensamente lógico, consistente, ideológico e eivado de simbologias próprias do capitalismo imagético⁹³.

As características do capitalismo e do mercado atuam como desejos inatos dos seres humanos, através da ativação dos mecanismos de *marketing*, tornando a volição de consumo uma total ilusão. Nesse contexto, resgatamos a proposição freudiana segundo a qual “o que é

⁹³ A expressão “capitalismo imagético” pretende dar a ver os aspectos e a importância da imagem na sociedade contemporânea.

característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos” (Freud, 1974: 39).

Essa força implacável do domínio do mercado frente a nossos anseios de consumo gera um sentimento constante de frustração e torna o sujeito incapaz de satisfazer suas “necessidades” e, conseqüentemente, infeliz, sem um motivo razoável ou uma racionalidade atestada.

O sistema, no entanto, continua sua saga conquistadora e transformadora da vida social e demonstra toda sua volúpia ao eleger o segmento financeiro como propulsor de seus ganhos e vanguarda de suas necessidades dominadoras.

O segmento financeiro atingiu o *status* de locomotiva do capitalismo graças à evolução dos mecanismos de comunicação e seus derivados, ensejando o investimento de capital em qualquer parte do globo, em qualquer momento e sem qualquer disciplina.

Com a evolução tecnológica e o desenvolvimento dos meios de comunicação, reduziram-se as distâncias territoriais, predominando o vetor tempo como barreira a superar. A velocidade acelerou os processos e se tornou uma violência contra a natureza humana. A adaptação do sujeito a essa nova realidade o impele à competição desenfreada, ao individualismo, à superação do outro e, por fim, à própria aniquilação (Teixeira, 1998).

Esse sujeito é fruto e reflexo de uma sociedade que subverteu seus valores e criou um mal-estar em sua existência. Freud ilustra essa transformação:

É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação – isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida (Freud, 1974: 130).

A aceitação da universalidade do mercado balizada por um discurso justificativo nasce necessariamente de um determinado grupo/sujeito que internaliza situações racionalizantes e as dissemina entre os demais membros da sociedade. A vida social é constituída de discursos dominantes disseminados pela estrutura social, que recebe acolhida psicológica de seus indivíduos, que passam a agir da forma desejada.

Esse comportamento vai ao encontro do que Freud defende em “Psicologia de grupo e a análise do ego”: “Se os indivíduos do grupo se combinam numa unidade, deve haver certamente algo para uni-los, e esse elo poderia ser precisamente a coisa que é característica de um grupo” (Freud, 1974: 84). O grupo originário, portanto, busca disseminar as idéias coincidentes, apesar das divergências que possam existir.

No caso específico dos membros constituintes do mercado – e, conseqüentemente, seus defensores –, a situação é a mesma. O sujeito pode ter uma certa opinião individual, mas, quando se vê dentro de um grupo, ele assimila aspectos característicos desse grupo, e seu comportamento muda.

Como relata Freud (1974: 85), o pensador Le Bon analisa as razões que provocam a alteração substancial do comportamento do indivíduo num grupo:

- quando participa de um grupo, o indivíduo adquire um sentimento de poder invencível, que não existe quando está isolado;
- num grupo, todo sentimento e todo ato são contagiosos, de modo que o indivíduo prontamente sacrifica seu interesse pessoal ao interesse coletivo;
- a sugestionabilidade é uma característica pela qual um indivíduo pode ser posto numa condição em que, tendo perdido inteiramente sua personalidade consciente, obedece a todas as sugestões do operador que o privou dela e age em desacordo com seu caráter e seus hábitos.

Assim, esses fatores fazem com que, quando mergulhado num determinado grupo, o indivíduo altere seu comportamento e assuma personalidade diversa da sua. A transformação se dá inconscientemente e muitas vezes não tem a pretensão de ser fiel à racionalidade ou à verdade. Segundo Freud:

[...] os grupos nunca ansiaram pela verdade. Exigem ilusões e não podem passar sem elas [...] E o resultado mais notável e também o mais importante da formação de um grupo é a exaltação ou intensificação de emoção produzida em cada membro dele (Freud, 1974: 91/95).

Para fazer preponderarem seus interesses, o grupo defensor do mercado fundamenta sua lógica mecanicista e consumista nos pilares

econômicos disponíveis, como também procura cooptar todas as camadas sociais, desde a elite política até a classe social mais desprovida, através dos meios de comunicação e da disseminação de uma ideologia fundada basicamente na construção de um discurso convincente a respeito da realidade e das regras que quer impor. Marilena Chauí descreve precisamente a construção desse discurso:

[...] o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica de identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante (Chauí, 2006: 15).

A postura do mercado tende a embaraçar os questionamentos sobre sua infalibilidade, onipotência e racionalidade⁹⁴. Entretanto, muitos momentos da vida social são completamente antagônicos a esse discurso, o que mostra que a tentativa de se moldarem os comportamentos passa necessariamente por uma aceitação ideológica, pela resignação aos desígnios do mercado, além de uma intensificação dos meios de comunicação⁹⁵.

De acordo com Chauí, para que um discurso seja aceito, ele precisa ser competente e naturalmente instituído: “É aquele no qual a linguagem sofre uma restrição que poderia ser assim resumida: não é

⁹⁴ Segundo Frank (2004), esses são alguns dos fundamentos do mercado, ou “os chamados fundamentalismos”.

⁹⁵ Os meios de comunicação são massivamente utilizados na tentativa de disseminação e na aceitação dos pressupostos mercadológicos.

qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância” (Chauí, 2006: 19).

Portanto, para que o discurso tenha eficácia, é preciso que se construa e dissemine por um interlocutor que tenha credibilidade, reconhecimento e certa reputação⁹⁶, e vale-se, ainda, de características que o tornam anônimo e impessoal, pretensamente fundado na pura racionalidade dos fatos.

O mercado, especialmente o segmento financeiro, fundamenta sua atuação com elementos da racionalidade econômica, instrumento de proa da nova configuração capitalista. Entretanto, esse discurso competente se choca com os dados da realidade social, quando analisados através dos instrumentos da psicanálise, primorosamente elaborados por Ricardo Estacolchic (1997), na percepção de como o mercado vem sendo tratado atualmente, elevado à categoria de ciência, antropomorfizado, e totalmente paradoxal. Na palavras do próprio autor:

[...] habitualmente nos referimos ao mercado, como se este fosse um sujeito, o que pode ser constatado em enunciados como “o mercado reagiu bem à declaração do ministro”, ou “o mercado ficou nervoso com a venda da companhia tal” (Estacolchic, 1997: 69).

Estacolchic sugere que, se nos referimos ao mercado como se ele fosse um sujeito, poderíamos fazer, então, seu diagnóstico. Como, no decorrer de um mesmo dia, se mostra ora maníaco, ora deprimido, ora esquizóide, ora paranóico, além de histérico, fóbico e obsessivo, concluir-

⁹⁶ Daí a utilização de personalidades conhecidas para se divulgarem produtos/serviços nas propagandas empresariais, e o depoimento de estudiosos nas questões mais complexas.

se-ia, portanto, que esse sujeito é completamente irracional. E o autor termina por ironizar o fato de que o mercado é tido como o paradigma da racionalidade e da objetividade, o que pode ser questionado com base nos elementos antropomórficos demonstrados.

Aliado a sua abstração e a seu anonimato, o imponente discurso do mercado infunde elementos de racionalidade nos atores sociais através dos meios de comunicação, criando neles uma sensação de impotência frente a sua pujança e irreversibilidade, arrogando-se a condição de única alternativa possível e sugerindo nossa total aceitação de suas regras.

Embora muito discutido, o mercado se apresenta como o grande paradigma a ser decifrado, analisado e superado, para que outras faces da vida social possam emergir e estruturar novos modos de relações humanas.

CAPÍTULO 4

A CONSTRUÇÃO FICCIONAL DO MERCADO

4.1 A ficção e o mercado

Segundo o dicionário, “ficção” é o “ato ou efeito de simular, fingimento; criação do imaginário, aquilo que pertence à imaginação, ao irreal; fantasia, invenção” (Dicionário Aurélio, 2004).

Se ficções forem quaisquer produções humanas que representam a realidade sem contudo interferir materialmente nela, então, qualquer discurso – melhor, qualquer expressão de linguagem – seria uma ficção.

O homem é o único animal que produz ficção. É o único ser vivo que cria uma aparência de realidade para enganar a si próprio ou a seus semelhantes. Os outros seres interagem com a realidade material, e só com ela, ao passo que o homem procura também criar uma espécie de nova realidade⁹⁷ – a ficção.

Dessa forma, a ficção cria um espaço “simulador de realidade” (Zizek, 2003: 9), realizando os desejos inconscientes do homem e moldando sua vivência aos aspectos oníricos do sonho e da imaginação.

Ao longo da história do pensamento humano, a teoria da comunicação vem estudando os modos de se delimitar a fronteira entre

⁹⁷ Na ficção, é possível criar uma nova realidade, conforme nossos anseios e satisfazendo a nossas necessidades, mesmo que aparentes.

ficção e realidade⁹⁸ – o que dá sentido ao problema é a camuflagem do limite entre representação e realidade.

Numa sociedade regida pelas imagens, a ilusão especular da construção imagética ganha relevância e agrava o problema. Se nenhuma imagem é o real, como transmitir o real? Se, mesmo na realidade das imagens, há muita ficção, como transmitir confiabilidade, com base na interferência da realidade ficcional?

A imagem comunica instantaneamente o complexo de emoções e significados a ela conexos, num todo indiviso de significados e sentimentos que não nos permite discernir e isolar o que nos serve.

É a linguagem⁹⁹ que condiciona o homem, sua forma de agir e de se relacionar com o mundo e com os outros homens – enfim, com a cultura, tomada em seu sentido mais amplo, como o ambiente construído pelo homem e que o constrói segundo seus próprios códigos, que agem sobre os corpos e delimitam seu campo de percepção.

O uso de instrumentos e ferramentas tecnológicas conduziu à construção e à tentativa de se mostrar o real como ele é, o que acabou produzindo uma simulação. Entretanto, essa simulação é reificada, quando se a considera um referente único, ou seja, quando se a toma pela própria realidade. Esse processo é o que Jean Baudrillard chamou de hiper-real, um real mais real que o próprio real, posto que se trata de uma amplificação da simulação que satura a realidade.

⁹⁸ Essa questão é extremamente discutida no filme *Matrix* e, posteriormente, por Žižek (2003) e outros estudiosos, no livro *Matrix – Bem-vindo ao deserto do real* (2003).

⁹⁹ Entende-se aqui por “linguagem” toda forma de comunicação com o mundo.

A simulação tem características próprias e se assemelha à imitação, constituindo com esta fenômenos de desvio da percepção:

[...] a imitação nada mais é do que um primeiro passo rumo à metamorfose. Uma forma de transição da imitação para a metamorfose que conscientemente se detém no meio do caminho é a simulação (Canetti, 1995: 370).

Os mecanismos utilizados na expressão da simulação têm correlação com o avanço dos meios comunicacionais, em especial com o uso da tecnologia para esse fim. Naturalmente, as formas tradicionais de representação – as expressões corporal, verbal, escrita etc. – são empregadas em larga escala:

A partir do computador, a simulação se digitaliza, e, nos atuais termos tecnológicos, passamos da dominância analógica à digital, embora os dois campos estejam em contínua interface. Daí decorre a conformação atual da tecnocultura, uma cultura da simulação ou do fluxo, que faz da “representação apresentativa” uma nova forma de vida. Saber e sentir ingressam num não registro, que é o da possibilidade de sua exteriorização objetivante, de sua delegação a máquinas (Sodré, 2002: 17).

Assim como a ficção, um outro texto cultural elaborado pela inventividade humana é o conceito de mercado.

Como toda criação social, também o mercado é uma relação comunicativa. Não é uma entidade autônoma, mas um ser de ficção, por assim dizer, inventado, alimentado pelas pessoas, pelas sociedades e pelas culturas que o criaram. Ora, se o mercado é uma relação ou uma rede complexa de relações comunicativas, será um exercício de pensamento mágico-mítico acreditar que ele em si possa regulamentar algo, já que sua intencionalidade reside na intencionalidade de seus participantes (Baitello, 2005: 77).

No entanto, como centros formadores de matrizes ideológicas liberais, as grandes corporações elaboram e disseminam discursos e interpretações que reforçam diariamente a ideologia segundo a qual cabe ao mercado a resolução dos problemas de toda ordem. Esses discursos e essas interpretações exercem um amplo e profundo efeito de contaminação em todos os setores de produção cultural e ideológica.

Baitello (2005) resume muito precisa e oportunamente a gênese constitutiva da função e do discurso do mercado. O entendimento e as tentativas de elevá-lo à condição de ente dotado de vontade e regulamentação própria são contraditórias com a presença dos participantes e agentes. Como destaca Arbex Jr.:

Foi por meio desse efeito de contaminação que o discurso-para-o-mercado adquiriu hegemonia ideológica nos anos 1990. O mercado, por meio de instituições como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e outras, criou o discurso-para-o-mercado, diariamente reproduzido e multiplicado em escala internacional pelas fontes emissoras de notícia e entretenimento (Arbex Jr., 2001: 76).

Na década de 1990, esse discurso se assumiu como uma proposição indiscutível e consolidada de um dado axiomático. Fredric Jameson (2004) nota uma capitulação universal, ainda que quase imperceptível, face ao discurso orientado para o mercado, que desautoriza imediata e implacavelmente qualquer tentativa de formulação alternativa.

As relações comunicativas que constituem o mercado exprimem anseios humanos de se transferir características supervalorizadas de

uma entidade criada pelo homem para dimensões ocupadas pelas construções idílicas: “Dizendo de outra forma, o mercado tem o mesmo *status* abstrato que deuses e demônios, criados pela imaginação do homem e alimentados por seus hábitos culturais” (Baitello, 2005: 77).

Esse enredo mercadológico engendra a transformação das relações sociais e comerciais, ganhando destaque uma nova visão de mundo, baseada na valorização das imagens e em tudo o que elas representam.

4.2 O processo de construção de marcas

Onde está o valor das coisas? As marcas são constituídas por um conjunto de valores subjetivos que acrescenta valor financeiro a seu detentor, conforme assinala Néelson Blecher:

Os valores são tradicionalmente reconhecidos pelas características originais dos produtos ou serviços, os benefícios que concedem aos consumidores (seus desejos e exigências e o que as marcas fazem por eles), além das associações percebidas (maior *status*, conforto, beleza, segurança etc.). A soma positiva dos valores vincula os consumidores a determinadas marcas, levando-as a repetirem o ato de consumo. O valor de uma marca é a sua contribuição de riqueza para quem a produz, distribui ou comercializa (Blecher, 2003: 48).

Esse processo se inicia nos anos 1950-60, quando os ganhos de produtividade levaram a uma explosão de produtos fabricados em série por diferentes empresas, o que levou à necessidade de se criar uma “imagem de marca” como elemento determinante da diferenciação dos produtos. Foi nesse momento, como lembra Jameson (2004), que a

produção da cultura começou a ser integrada à produção de mercadorias em geral, pois a concorrência entre as empresas passou a acontecer no plano da produção e da veiculação de imagens, quando o capitalismo começou a se voltar para a importância do desenvolvimento de signos, por meio do forte investimento em propaganda e publicidade¹⁰⁰.

Nesse sentido, a crescente paridade do nível tecnológico entre as empresas fez da marca o grande diferencial na concorrência entre os capitais individuais, em resposta à tensão homogeneização-diversificação, inerente ao capitalismo como um todo.

Esse processo se intensificou infinitamente no pós-fordismo, cuja palavra de ordem é “flexibilização” – da produção, do mercado de trabalho e do consumo –, a ponto de David Harvey afirmar que, a partir desse novo modelo de desenvolvimento, é possível pensar que a “tensão que sempre existiu no capitalismo entre monopólio e competição e entre centralização e descentralização de poder econômico está se manifestando de modos fundamentalmente novos” (Harvey, 2004: 143).

Se na base da sobrevivência do capitalismo está sua necessidade imanente de revolucionar constantemente suas condições de produção, a rigidez a que ele foi submetido durante o período fordista não poderia continuar por muito mais tempo.

Nesse processo de produção constante de novos produtos e serviços, a marca assume importância competitiva crucial, já que ela

¹⁰⁰ A produção e a veiculação de imagens despertaram os sentidos da visão humana, construindo uma realidade perfeita através dos signos transmitidos pela propaganda e pela publicidade como forma de demonstrar vida idílica.

entra com a força de um padrão sedimentado no mercado, garantindo “segurança” ao consumidor que experimenta as novidades e permitindo, com isso, a venda e a difusão mais rápida dos novos produtos – daí a explosão publicitária dar muito mais atenção à marca do que a seus produtos, veiculados apenas durante seu lançamento no mercado¹⁰¹.

É no plano da concorrência que a marca é considerada decisiva no processo de expansão do mercado, graças à força de seu nome. Mas aqui, segundo Kotler (2006: 292), é preciso distinguir duas estratégias: a “extensão de marca” e a “extensão de linha de produto”. A primeira refere-se a qualquer esforço para usar um nome de marca bem-sucedido a fim de se lançarem produtos novos ou modificados. A extensão de marca evita ao fabricante os altos custos de promoção de novos nomes e cria um reconhecimento instantâneo do novo produto. Ao mesmo tempo, uma estratégia de extensão de marca envolve algum risco – se fracassa, isso pode prejudicar a atitude dos consumidores em relação a outros produtos que levam a mesma marca, e ela pode perder sua posição especial na mente do consumidor, devido à superutilização. Já a extensão de linha de produtos significa aumento no número de itens dentro de uma mesma linha. A empresa corre o risco de, no caso do fracasso do lançamento, não cobrir os investimentos aplicados em seu desenvolvimento e lançamento e ainda de prejudicar a marca como um todo.

¹⁰¹ A marca passou a sobrepujar o produto em si, dadas a efemeridade dos produtos e a suposta longevidade da marca e de suas características inerentes.

Por outro lado, Zyman (1999: 118) desmistifica o poder da “imagem da marca”. É evidente que ele acredita na força da imagem e em sua importância na estratégia global de *marketing*, mas o que procura mostrar é que ela só tem importância quando “acrescenta valor, faz dinheiro”, ou seja, quando se traduz na razão do *marketing*, que é levar ao consumo e gerar lucro¹⁰². Nesse sentido, o grande desafio dos criadores de imagem é construir uma imagem de marca que gere percepção de valor para o consumidor. Com efeito, o autor deixa claro que “marca” não é apenas imagem, ao mesmo tempo em que demonstra como a relação entre *marketing* e marcas é fundamental. A estratégia de *marketing* cria marcas, e as marcas hoje transcendem os produtos; elas representam muito mais do que o que se come, bebe ou usa para escovar os dentes – estratégia de marca é o somatório de toda a sua comunicação¹⁰³.

Desse ponto de vista, cria-se um “valor virtual”, baseado em algo intangível – a marca –, que se reverte num aumento maior do preço das ações e num aumento do valor de mercado que, no entanto, só pode ser materializado com a venda da companhia ou de suas ações.

Opera-se, então, um deslocamento no qual a forma-valor produzida materialmente cede cada vez mais espaço a uma “criação virtual de valor” – na perspectiva do capitalismo financeiro – no qual a

¹⁰² A expectativa última do *marketing* é gerar vendas, consumo e, conseqüentemente, lucro para a empresa. Atualmente, ele é um instrumento importantíssimo no desempenho das organizações, detendo uma parte significativa do orçamento das corporações.

¹⁰³ A marca abrange os componentes comunicacionais e sintetiza todas as estratégias idealizadas pelas empresas – ela comunica os valores primordiais da organização.

marca ocupa o lugar do dinheiro como signo, dando-lhe “materialidade”. É também dessa perspectiva que Robert Kurz (2002: 57) acusa a nova economia de faz-de-conta, já que os mercados financeiros passam a ter mais importância do que a produção real de bens e serviços¹⁰⁴.

É a marca que define, particulariza e diferencia um produto ou um conjunto de produtos além de seu aspecto material. Isso pode ser explicado com a expressão “imagem de marca”: a associação da marca não às características e funções físicas dos produtos ou serviços, mas aos valores, ideais, sonhos e desejos de uma sociedade numa determinada época. Sua intenção não é refletir uma “realidade objetiva”, mas ser capaz de falar sobre como os consumidores vêem a si mesmos ou da maneira com que gostariam de ver a si mesmos.

Segundo a literatura de *marketing*, a “imagem de marca” é construída e sedimentada por um conjunto de imagens como embalagem, símbolos, *slogans* e *jingles* veiculados pelos mais diversos meios de divulgação – televisão, rádio, cinema, jornais, revistas, *outdoors* – através de publicidade e propaganda. Nesse sentido, ela é um “símbolo complexo”, exigindo que todas essas diferentes imagens com que opera sejam coerentes entre si, cuidadosamente remetidas à imagética principal com a qual a marca quer ser identificada.

¹⁰⁴ A preocupação das empresas com a marca e a imagem se justifica pelos modelos de mensuração de valor, em que a marca tem peso significativo no valor total da organização, freqüentemente muito superior a seu patrimônio físico.

A marca é uma ilusão de forma numa cultura que se tornou descartável¹⁰⁵. Daí por que, no final das contas, não interessa se se acredita ou não na marca. Basta perceber a existência do vazio que ela promete preencher, hoje provocado pela própria impossibilidade de essa cultura ser o outro do sujeito, sem o qual é impossível se pensarem as condições para a constituição de sujeito.

Reafirma-se que a marca é uma ilustração primorosa desse limite, pois nos mostra como se dá a contradição no funcionamento do próprio mercado: ao mesmo tempo em que a concorrência impele a uma implosão constante das imagens construídas por uma determinada marca, esta deve continuar estabelecendo um padrão, algum sentido de permanência, para que continue existindo. A questão, então, é: como estabelecer esse padrão, numa sociedade que já se mostra distante e cínica? Se se reafirma a crítica à ideologia do “império das imagens” e insiste em que a realidade contemporânea não é constituída só por imagens, mas por diversas dimensões, pode-se entender que é a partir dessas dimensões que a marca constrói seu significado, embora, paradoxalmente, siga afirmando em seu discurso que tudo são imagens.

4.3 O mercado como resultado imagético

Vivemos hoje sob a égide da sociedade da imagem, cuja visibilidade sobrepujou os demais aspectos da existência, impulsionada pela evolução tecnológica e pela transmutação das relações sociais.

¹⁰⁵ Assim como a ficção, a marca se torna uma ilusão, ou construção imaginativa, aproveitando a volatilidade dos aspectos da realidade social contemporânea.

Imagem, forma de certo modo desconcertante, por situar-se a meio caminho entre o concreto e o abstrato, é um princípio gerador de real – mas o real do “quase”: quase-presença, quase-mundo, quase-verdade. Investida dos poderes de ubiquidade correspondente ao efeito tecnológico de simultaneidade, instantaneidade e globalidade, ela se torna homóloga ao *ethos* mítico-religioso e permite a interiorização psicológica de todo um mundo com valores prontos e estabelecidos. No caso da imagem midiática da contemporaneidade, trata-se do “mundo” do capital, um regime de poder orientado pela busca da riqueza em geral, expresso por dinheiro e valor de troca (Sodré, 2002: 71).

Como toda inovação, a tecnologia surgiu respaldada por discursos científicos eufóricos e revestidos de pretensas racionalidade e inevitabilidade¹⁰⁶. Entretanto, sua aceitação incondicional causou um distanciamento crítico de suas funções reais, transformando a tecnologia em objeto de idolatria e culto.

Os elementos tecnológicos seduziram os usuários e os agentes do mercado, e seu uso assumiu proporções de uma verdadeira obsessão. Seu maior impacto foi a aceleração do tempo e das sincronizações sociais.

Para muitos, o maior malefício causado à cultura pelos meios de comunicação de massa tem sido a banalização cultural e a redução da realidade à mera condição do espetáculo¹⁰⁷.

No mercado financeiro, a espetacularização se dá na construção de um ambiente propício ao jogo de imagens pelos agentes e pelas

¹⁰⁶ A exemplo da idéia de inevitabilidade do mercado trabalhada por Frank (2004), a noção de tecnologia é imbuída da mesma pretensão, como assinala Trivinho (2007).

¹⁰⁷ A realidade se tornou espetacular, e a exploração dos extremos sociais em shows e pirotecnias ganhou dimensão mercadológica e seduziu as massas.

corporações. A aura de um ambiente restrito e complexo concorre para a mitificação do mercado, posto como um espectro muito distante do cidadão comum:

[...] o efeito de mercado contamina os mais distintos campos de produção cultural, incluindo as ciências humanas e a filosofia, já que, para adquirirem visibilidade na mídia, devem se provar sedutores e vendáveis como produtos. Intelectuais, analistas, artistas, economistas e especialistas dos mais diversos campos do conhecimento não raro optam por restringir a autonomia e soberania de sua própria produção, em nome de serem aceitos pela mídia, que deles espera o discurso mais adequado às expectativas do mercado (Arbex Jr., 2001: 92).

Espetáculo e especulação têm as mesmas características de encenação e representação e se ligam à idéia do conhecimento como operação do olhar e da linguagem. O mercado financeiro está impregnado de seu próprio espetáculo, do fazer ver e do deixar-se ver. Marilena Chauí é decisiva nessa avaliação, defendendo que “a questão não se coloca diretamente sobre os espetáculos, mas sobre o que sucede ao espetáculo quando capturado, produzido e enviado pelos meios de comunicação de massa” (Chauí, 2006: 14).

“O espetáculo não se refere ao acontecimento, e sim a sua encenação, a seu simulacro”¹⁰⁸ (Baudrillard, 1991: 151). Transformado em simulacro, o que é o espetáculo? Guy Debord o elucida, em seu *A sociedade do espetáculo*:

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como instrumento de unificação. Como parte da sociedade, ele é expressamente o

¹⁰⁸ Entende-se por “simulacro” uma encenação não fiel à realidade, com o intuito de disfarçar, de criar uma suposição.

setor que concentra todo olhar e toda consciência. Pelo fato de esse setor estar separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza é tão-somente a linguagem oficial da separação generalizada (Debord, 1997: 14).

Assim, o espetáculo se torna simulacro, e o simulacro se põe como entretenimento, seduzindo e construindo um ambiente festivo, segundo a lógica do consumo e da banalização. O fascínio hipnótico¹⁰⁹ exercido pelos meios de comunicação de massa só pode ser adequadamente compreendido como um componente central do próprio desenvolvimento da modernidade. É um mundo em que o simulacro (a construção artificial e controlada de uma ordem que é a sua realidade) se opõe ao mundo da ilusão. O simulacro é o esgotamento, a exaustão do mundo vivido, seu aprisionamento no mundo-clichê.

“Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo, a uma ausência” (Baudrillard, 1981: 11). E o mercado financeiro se vale dos dois procedimentos para persuadir e conduzir o comportamento dos agentes.

A questão terá sempre sido condicionada pelo poder das imagens, poder assassino do real, que se contrapõe ao das representações como poder dialético, mediação visível e inteligível do real.

A simulação parte do princípio de equivalência, parte da negação radical do signo como valor, parte do signo como reversão e aniquilamento de toda a referência. Enquanto a

¹⁰⁹ O fascínio hipnótico dos meios de comunicação e dos produtos tecnológicos é semelhante ao fascínio provocado pelos objetos que os portugueses ofereciam aos índios brasileiros no período do descobrimento – espelhos e *gadgets* que, embora não tivessem qualquer valor especial e como lhes fossem estranhos, foram revestidos de uma certa aura de especialidade, em função da forma – “espetacular” – de sua apresentação. Mais que nunca, o que se vê é a atuação do fetiche da mercadoria descrito por Marx (1983).

representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, a simulação envolve todo o próprio edifício da representação como simulacro (Baudrillard, 1981: 13).

Para Debord (1997: 25), “o espetáculo consiste na multiplicação de ícones e imagens”, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos e religiosos e dos hábitos de consumo – enfim, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum.

O espetáculo “é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida. É a forma mais elaborada de uma sociedade que desenvolveu ao extremo o ‘fetichismo da mercadoria’” (Arbex Jr., 2001: 69).

CAPÍTULO 5

O MERCADO FINANCEIRO

5.1 O mercado financeiro antes da globalização

O mercado financeiro desperta um profundo interesse no ser humano, seja por seu caráter mítico, por sua propensão a incentivar o lucro rápido ou pelo desafio de entendê-lo, ou mesmo para satanizá-lo pelos tropeços da sociedade ou dos indivíduos:

Desde o momento em que se criou o protótipo do mercado financeiro, no século XVII, e foi regulamentado o funcionamento integrado das instituições financeiras, começaram a emergir as operações de bolsa de valores vinculadas ao crescimento do movimento de sua produção (Cavalcanti, 1998: 137).

O desenvolvimento do mundo das finanças era acompanhado por uma evolução das atividades produtivas¹¹⁰, a que ele se vinculava intimamente, criando uma simbiose financeira entre produção e finanças e correlacionando o movimento financeiro ao desempenho produtivo.

Classificavam-se as atividades das nações de acordo com o grau de industrialização¹¹¹ do país, levando-se em conta o setor secundário da economia, representado pelas indústrias, e principalmente o nível de produção obtido.

A produção atingida por cada país dava-lhe uma posição econômica de destaque e sustentava a evolução do mercado financeiro,

¹¹⁰ A correlação entre patrimônio físico e capacidade de produção permitia às empresas emitirem papéis até determinado limite. Esse mecanismo funcionava como regulador de expansão do mercado financeiro.

¹¹¹ As economias eram classificadas de acordo com o grau de complexidade e diversidade industrial. O Brasil chegou a ocupar a oitava posição, nesse modelo.

sobretudo as atividades das bolsas de valores, que comercializavam os papéis das empresas de maior performance produtiva. O fato de haver um inter-relacionamento entre os setores equilibrava a economia e diversificava¹¹² as contradições do mercado.

A evolução econômica refletia um correspondente crescimento da produção e das finanças mercadológicas. Podia-se controlar a produção e, conseqüentemente, a expansão do mercado financeiro. O acesso a esse mercado era restrito aos conhecedores do assunto e dos negócios referentes ao mundo econômico-financeiro, que acompanhavam o desempenho das cotações dos papéis negociados e o próprio índice da bolsa de valores. A comunicação integrada¹¹³ se limitava às instituições financeiras, reduzindo-se a atuação mais abrangente de todos os agentes do mercado.

O panorama internacional contava com um mercado financeiro pouco evoluído, atuando localmente, nos limites das fronteiras dos países e integrado às demais áreas geográficas apenas morosa e seletamente. Os mercados mais desenvolvidos influenciavam o outros, mas seus reflexos eram observados tardiamente ou atenuados por algumas providências¹¹⁴. Os agentes econômicos dos países do Terceiro Mundo encontravam muitos obstáculos para atuar nos mercados considerados desenvolvidos. Além da superação de barreiras legais e mercadológicas,

¹¹² Antes, havia as contradições relativas ao patrimônio concreto e as contradições relativas ao patrimônio virtual (que era incipiente). Agora, as contradições se unificaram.

¹¹³ A comunicação integrava apenas as principais instituições financeiras mundiais, dificultando aos potenciais investidores o acesso e o conhecimento necessário para atuarem no mercado acionário.

¹¹⁴ Os reflexos do comportamento dos mercados internacionais eram precedidos de análises de impacto e de medidas institucionais que amenizavam as conseqüências.

era preciso conhecer bem a dinâmica e a legislação para conseguir um investimento.

As transformações causadas pelo avanço tecnológico, sobretudo a expansão da internet, integrou as práticas financeiras, permitindo uma atuação global e unindo os mercados financeiros. A lógica da correlação entre produção e finanças foi rompida, devido à possibilidade de se investir em qualquer mercado mundial sem a respectiva paridade produtiva. A partir daí, há uma completa transmutação dos princípios regulamentadores dos mercados financeiros internacionais e o antigo modelo sofre mudanças, com novas possibilidades para o investidor, agora voltado para o exterior e com medidas legais que atraem capitais internos e externos, facilitando inclusive a presença de capital especulativo, de curto prazo e sem compromisso com os investimentos das nações e seu equilíbrio econômico.

5.2 A abertura do mercado financeiro

A dinâmica especulativa que envolve as economias atuais – o efeito dominó¹¹⁵ – está diretamente ligada a um processo que teve como mola mestra um sistema de comunicação integrado, confiável e com acesso a todos os investidores do globo. Aliado à flexibilização das operações e integrado a uma rede de comunicação eficaz, o desenvolvimento dos negócios na área financeira possibilitou aos investidores acessarem os investimentos do mundo inteiro, na busca da

¹¹⁵ A inter-relação das economias provoca reflexos simultâneos, tendo como parâmetro as economias mais desenvolvidas.

melhor aplicação para seus recursos. Assim, a disparidade entre o capital investido na produção e o investido no mercado de capitais é impressionante:

Para se ter uma idéia, o mercado de capitais existentes na bolsa de valores de todo o mundo movimenta diariamente cerca de 1,9 trilhão de dólares, quantia cerca de dez vezes maior que os recursos que giram na área produtiva, um panorama sem precedentes na história do capitalismo (Kurtzman, 1995: 55).

Cabe ressaltar que, quanto mais se expandem as praças das operações, mais se diversificam as aplicações e mais essa conjuntura realimenta o frenesi do capital, configurando um processo de retroalimentação que favorece a área financeira em detrimento da produção. Estão vinculados a essa ciranda não só o mercado de títulos, o mercado de futuros e o mercado de ações, mas também o mercado cambial, o que completa o círculo da especulação, incrementando a financeirização da riqueza.

Esse quadro está alicerçado numa coincidência de discursos, representantes de um pensamento único, que leva em conta certas fabulações que podem ser identificadas:

a) a idéia da aldeia global, onde a comunicação se faz em escala planetária, fazendo saber instantaneamente o que se passa em qualquer lugar do mundo. Por outro lado, o que se observa é que a comunicação com lugares distantes ficou mais fácil do que com a própria aldeia. A

comunicação se dá pela intermediação de objetos¹¹⁶, e não com a interação entre pessoas;

b) a contração do espaço e do tempo, graças à velocidade. No entanto, essa velocidade está ao alcance de um número reduzido de pessoas.

Esses fatores permitem imaginar um mundo único e próximo, mas o grau de concentração a que se chegou revela o paradoxo da idealização:

O fato é que apenas três praças – Nova Iorque, Londres e Tóquio – concentram mais da metade de todas as transações e ações; as empresas transnacionais são responsáveis pela maior parte do comércio dito mundial; os 47 países menos avançados representam juntos apenas 0,3% do comércio mundial, em lugar dos 2,3% em 1960, enquanto 40% do comércio dos Estados Unidos ocorrem no interior das empresas (Santos, 2002: 41-42).

Esses dados permitiram que muitas empresas intensificassem suas relações com a imprensa a fim de gerar informações que as beneficiassem na valorização de seus papéis nas bolsas de valores ou que melhorassem sua imagem junto aos investidores potenciais. Esse movimento impulsionado pelos grandes conglomerados pode ser chamado “capitalismo da mentira” e ilustrado com casos conhecidos de corporações que contrataram consultorias milionárias para trabalharem suas informações e sua imagem, escondendo seus defeitos e protegendo-as de situações embaraçosas – reais.

¹¹⁶ Os grandes facilitadores são o computador e a internet.

E a mídia desempenha papel central na construção da imagem e na credibilidade dos grandes conglomerados, em especial dos norte-americanos:

Para as megacorporações da mídia, a defesa da ordem econômica globalizada ultrapassa a questão ideológica. Tornou-se uma medida de sobrevivência, já que apenas um sistema internacional que permitiu a desregulamentação e a privatização dos veículos de comunicação na maior parte dos países pode garantir a própria existência das grandes corporações transnacionais (Arbex Jr., 2001: 100).

5.3 Os efeitos da globalização financeira no Brasil

No Brasil, a liberalização financeira teve início no final dos anos 1980. Alguns preferem chamar essa liberalização de integração financeira, já que o sistema financeiro doméstico se integra a um sistema financeiro maior, composto por diversos mercados domésticos: o sistema financeiro global. Outros preferem o termo conversibilidade (ou abertura) da conta de capitais do balanço de pagamentos, o que significa que a moeda nacional é livremente conversível em moeda de outros países (principalmente o dólar e o euro) e vice-versa e, assim, recursos poderiam ser enviados e recebidos do exterior sem quaisquer restrições, pela via financeira da conta de capital.

A liberalização financeira da economia brasileira tem sido implementada pelo Banco Central do Brasil (BCB) e pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) desde o final dos anos 1980. Segundo o BCB (1993), as medidas de controle vigentes até então se justificavam pelo

racionamento de divisas, devido às dificuldades crônicas de financiamento do balanço de pagamentos. Entretanto, o BCB concluiu que:

[...] a escassez de divisas se transforma em abundância especialmente no início dos 1990, quando são reforçadas as entradas de capital no país, e a balança comercial continuava a registrar os mesmos superávits observados no final dos anos 1980 (BCB, 1993: 6).

Para aqueles que defendem a plena conversibilidade da conta de capital, a fase atual é de consolidação das normas cambiais brasileiras liberalizantes. Para alguns economistas, essa consolidação é necessária, porquanto lhes parece que a taxa básica de juros, a selic¹¹⁷, e o risco país são altos em virtude das restrições formais – mas não efetivas – existentes na legislação. Mas, na verdade, vários argumentos fundamentaram a necessidade de novas normas cambiais, como a necessidade de se eliminarem as assimetrias entre os dois mercados de câmbio ou o aumento do controle sobre as remessas de recursos ao exterior, embora caiba sublinhar que, nesse caso, “controle” seja a mera identificação de origem e destino, e não a imposição de limites à quantidade de capital movimentado.

No Brasil, a situação não foi diferente da dos demais países considerados emergentes. Após o processo de liberalização do mercado interno e da maior abertura, o capital externo foi usado para alavancar a atividade econômica e equilibrar o fluxo monetário interno, mas os pilares dessa nova fase econômica são causa de constantes preocupações,

¹¹⁷ A selic é a taxa de juros definida pelo BCB para referenciar as demais taxas praticadas na economia. Por sua manipulação, o governo controla o grau de liquidez da economia.

sobretudo devido às instabilidades vividas pelas nações em desenvolvimento.

A globalização e a internacionalização das economias transformaram o mercado financeiro em segmento estratégico e de suma importância para o mercado e para a gestão do país, além de ser o termômetro que condiciona o país a reagir às crises internacionais. Hoje, mais do que nunca, o desempenho da economia de um país se reflete em todo o globo, influenciando as atividades de grande parte do mundo financeiro, pois, como os investidores e especuladores têm aplicações em diversos países, quando há qualquer acontecimento negativo para a economia de um deles, os capitais imediatamente migram para outros mercados, mais atraentes. Com a internet, essas mudanças de cenário têm reflexos instantâneos nos demais mercados, sobretudo com as turbulências e a fluidez das economias diante das crises conjunturais.

O Brasil, na condição de país dependente de capitais externos, tem sofrido muito para manter seus investidores e equilibrar suas contas, adotando sempre políticas atraentes para o capital externo, como forma de evitar uma crise monetária, conforme aponta Cardoso (2005).

Nesse contexto de dinâmica das relações, da internacionalização das economias e da atuação cada vez mais contundente da globalização, o capital financeiro é representado sobretudo pelas bolsas de valores de todo o mundo, ditando as regras e provocando mudanças bruscas e significativas no quadro internacional.

Muito discutido e analisado, o processo de globalização também pode ser interpretado como a abertura das economias nacionais para a expansão do comércio mundial ou como a livre circulação do capital financeiro, que faz os índices das bolsas se desvalorizarem com a crise econômica ou a instabilidade política de qualquer país, configurando o que se chama de inter-relação dos mercados. Além disso, pode-se entender a globalização como a busca de eficiência forçada pela nova dinâmica do mercado, seja na disputa de mercados consumidores ou de fontes globais de suprimento, impondo aos países uma participação integral em suas conseqüências.

5.4 As especificidades do mercado financeiro brasileiro

No Brasil, o primeiro ano do governo do Partido dos Trabalhadores (PT)¹¹⁸ surpreendeu pela rígida ortodoxia aplicada na direção da economia. Atendendo aos mercados, essa conduta desfez rapidamente a bomba da profecia auto-realizadora da ruptura econômica.

Procurarei mostrar que a “surpresa” pode ser entendida sociologicamente como efeito de uma homologia de posições. Ela vinha sendo engendrada em períodos anteriores, na prática cotidiana de diversos grupos ligados ao PT, e se fazia lado a lado com outros desenvolvimentos na esfera das elites, sobretudo as econômicas. Assim, o fenômeno corresponde a uma evolução da sociedade brasileira, em

¹¹⁸ O PT foi criado no início da abertura política – depois de um longo período de ditadura militar – e situou-se historicamente como oposição e de inequívoca orientação à esquerda, do qual se esperavam significativas mudanças econômicas.

especial a uma recomposição e diferenciação de suas elites, resultado da interação – não totalmente percebida como tal em suas conseqüências em termos de integração de perspectivas – de ordens de atores situados em subespaços aparentemente antagônicos do tabuleiro político e social.

Para fundamentar a análise, trarei evidências das atividades legislativa e financeira, do espaço da previdência privada e do relacionamento entre os atores políticos e os econômicos. Essas evidências surgem: (1) do comportamento dos agentes e do resultado de suas interações em processos que dizem respeito à tramitação de aspectos da legislação financeira; (2) da análise da face pública de alguns empreendimentos econômicos ligados direta ou indiretamente à onda de privatizações; e (3) de um contraponto geral, vindo dos resultados de pesquisas recentes no universo em contração das organizações brasileiras.

No âmbito intelectual, o trabalho pretende ser um exercício de sociologia econômica, em particular, do ramo que se ocupa das questões financeiras. Os últimos anos assistiram ao desenvolvimento de um novo subespaço nas ciências sociais, os chamados “estudos sociais das finanças”, em torno do qual se congregam dois grupos de autores: um, de nomes conhecidos da sociologia econômica e outro, de cientistas mais ligados aos estudos sociais sobre a ciência. Ambos registram a centralidade das articulações financeiras na definição dos contornos da sociedade contemporânea, e cada um procura pôr em andamento as

idéias centrais de sua respectiva modalidade para penetrar cientificamente nesse espaço.

Grosso modo, a corrente analítica originária da sociologia econômica reivindica o prosseguimento do caminho iniciado na obra seminal de Polanyi (2001), que inaugura um veio analítico em que se desenvolve a idéia da construção social dos mercados como ponto de entrada e como a afirmação da relevância de um ponto de vista sociológico para os fenômenos normalmente estudados exclusivamente pelos economistas (Callon, 1998).

Por sua vez, os teóricos dos estudos sociais da ciência procuram usar o ferramental de estudos de rede, desenvolvido originalmente para dar conta da construção da veracidade e da aceitação de enunciados científicos. Aí, mais do que evidenciar suas condições sociais de existência, como procura fazer a primeira corrente, pretende-se “abrir a caixa-preta” do mundo das finanças para explicar seu funcionamento.

Com contribuições das duas vertentes, nosso objetivo teórico é mostrar a pertinência do enfoque da “sociologia das finanças” para a compreensão do Brasil contemporâneo.

Os primeiros desenvolvimentos isolados de cada um dos grupos internacionais que se ocupam do tema convergem institucionalmente para espaços de diálogos virtuais e analiticamente para a recuperação parcial do antigo programa da Sociologia das Finanças (Guex, 2003), do início do século XX, de que Schumpeter (1991) é talvez o representante mais conhecido no presente. Trata-se de mostrar que os

desenvolvimentos havidos ou em curso na esfera financeira são uma espécie de esqueleto ou da infra-estrutura em torno da qual a sociedade, em especial suas elites, encontra ou encontrou um novo molde para se conformar.

As finanças são um dos melhores pontos de entrada para estudar os mecanismos sociais, em particular, ainda que não exclusivamente, os mecanismos políticos. A fecundidade desse ponto de vista se revela justamente nos momentos, ou melhor, nas épocas de mudanças, quando o presente começa a morrer e a se transformar em alguma coisa de novo (Schumpeter, 1991: 101).

Assim, o estudo do espaço das finanças pode nos conduzir a uma aproximação com o que Bourdieu (1989) chamou de “campo do poder”: o lócus social em que as diversas elites ou, na linguagem do autor, os pólos dominantes dos diversos campos, mais ou menos autônomos, se encontram, gerando formas mais ou menos regradas de convívio, por meio do estabelecimento de critérios de equivalência para os valores dos “capitais” de cada grupo.

A sociologia das finanças, nos seus dois ramos, acaba dando um bom indício das formas pelas quais se constrói o consenso sobre as taxas de câmbio, corroborando a idéia de que em torno do léxico das finanças se instaura uma espécie de língua franca das elites contemporâneas que, entre outros efeitos, acaba redefinindo a ordem de prioridades das agendas societárias modernas (Boyer, 2002). No âmago do gênero de análise, aparece sua preocupação principal – explicitar o

caráter mimético dos processos cognitivos que informam as decisões dos agentes financeiros.

Esse veio aparece como uma contraposição direta ao pressuposto maximizante, que é central na explicação econômica do comportamento dos indivíduos nos mercados (Soros, 1998). Assim, o mundo das finanças recebe um tratamento que pode ser considerado uma evolução do programa da construção social da realidade da sociologia do conhecimento dos anos 1960 (Berger e Luckmann, 1966). Explica-se como, dados os novos suportes informáticos advindos do estabelecimento e do uso da rede mundial de computadores, os corretores de câmbio acabam produzindo um novo nível de realidade (virtual?) no seio da qual as notações (*ratings*) estabelecidas pelas agências de risco se tornam um ponto de referência comum obrigatório e, ainda que amplamente insatisfatórios como representação acurada da realidade econômica dos países ou das empresas que classificam, terminam por direcionar os comportamentos dos membros da comunidade financeira internacional, com os efeitos já sabidos sobre o destino de milhões de pessoas em todo o mundo. E, mais do que isso, a abordagem contribui para elucidar os mecanismos por meio dos quais as crises desencadeadas pela hipertrofia do espaço das finanças acabam sendo “patrocinadas” pela sociedade, a qual, temendo seus “efeitos sistêmicos”, ingênua e generosamente banca os excessos da especulação, absorvendo seu custo nas freqüentes operações de salvamento de manobras financeiras malsucedidas.

O grupo “construção social do mercado”, o outro ramo de origem da especialidade, trata o mimetismo por um viés que normalmente é catalogado como um neo-institucionalismo sociológico (Powell e Dimaggio, 1991). Nesse caso, fala-se mais em isomorfismo e se buscam os constrangimentos sociais que induzem as organizações ou os indivíduos ao comportamento imitativo. Essa abordagem é mais presente, e mesmo tradicional, na análise das organizações. Ela passou a se interessar pelos aspectos financeiros da realidade econômica provavelmente impressionada pela centralidade que o ponto de vista financeiro ganhou recentemente na definição dos destinos das empresas (Dimaggio, 2001; Fligstein, 2001). De modo geral, as duas abordagens acabam chamando a atenção para a dificuldade de um agente individual agir na contramão do consenso estabelecido por essa arena social que é o mercado financeiro, principalmente em momentos de euforia como os períodos de crescimento vertiginoso dos valores bursáteis¹¹⁹, que, como a experiência mostra, antecedem quedas igualmente vertiginosas (Galbraith, 1998). Assim, o caráter sacrossanto da hipótese da racionalidade dos agentes fica bastante comprometido (Boyer, 2002).

Outro ponto que deve ser salientado é a chamada teoria do Estado mínimo (Guex, 2003). A sociologia econômica, em especial o ramo da construção social do mercado, tem seu fundamento moral na luta contra a transformação dos Estados de Bem-Estar Social construídos no pós-Guerra nos países desenvolvidos. Afiançando intelectual e

¹¹⁹ Consideram-se bursáteis os valores de mercado de todas as empresas listadas numa bolsa de valores.

operacionalmente aquele desenvolvimento, a economia financeira construiu uma nova idéia de como se devem comportar as finanças públicas, em contraposição ao fundamento keynesiano do Estado de Bem-Estar Social. Dando conta das políticas, aparentemente sem sentido, de produção de déficit fiscal perseguidas pelos governos republicanos dos EUA a partir de Reagan e sobretudo pelo último Bush, surge o enunciado de que o Estado deve estar permanentemente deficitário para, por meio da contínua repactuação de suas dívidas com os mercados financeiros, voltar a ser controlado pelos setores que perderam a primazia absoluta de sua condução. Esse controle se teria perdido com a democratização crescente e a diferenciação de interesses que começou no pós-Guerra e se ampliou a partir dos anos 1960.

A doutrina da economia financeira predica que as riquezas da sociedade se tornam mais produtivas se estiverem nas mãos de particulares, e não do Estado ou das empresas. Afinal, só os indivíduos diretamente interessados na frutificação de seus capitais são sistemáticos no objetivo de maximizar o lucro de suas aplicações. As grandes empresas sofrem do problema do gigantismo – seus gerentes, que controlam os processos decisórios internos por causa da assimetria de informações, teriam mais interesse em fazer as organizações crescerem, para aumentar seu poder pessoal, do que em aplicar diligentemente o capital que lhes foi confiado pelos acionistas. Da mesma forma, os Estados seriam presas inevitáveis de seus burocratas, que, analogamente, também prefeririam o crescimento dos aparelhos e,

conseqüentemente, de seu poder, à eficiência no gasto público. A sociologia das finanças entra na guerra cultural contemporânea procurando desvendar o fundamento ideológico dessas considerações. Abriria a caixa-preta das finanças, mostraria os interesses bem delimitados e parciais que a elas atendem, apesar da aparência (robusta) de representarem o interesse geral da nação.

A economia brasileira começou sua liberalização financeira nos final dos anos 1980. A abertura de canais legais, particularmente em 1992, para que o país recebesse e pudesse enviar grandes volumes de recursos ao exterior explica a ocorrência de seis crises cambiais – as de 1999 e 2002 tiveram origens internas, e as de 1995, 1997, 1998 e 2001 ocorreram por efeito contágio das crises cujos epicentros foram, respectivamente, o México, diversos países asiáticos, a Rússia e a Argentina (potencializada por diversos outros acontecimentos, entre eles, atentados terroristas, falsificação de balanços nos EUA etc.).

O ingresso do país na globalização financeira ainda não gerou os benefícios econômicos (crescimento e bem-estar social) prometidos pelos teóricos da liberalização (ver, por exemplo, Fischer, 1998). Desde que o BCB e o CMN tomaram a iniciativa de abrir a conta de capital do balanço de pagamentos brasileiro e, portanto, integrar o sistema financeiro brasileiro ao sistema financeiro internacional, o país teve taxas de crescimento muito baixas.

O CMN e o BCB mantêm o país na rota da liberalização financeira, cada dia mais acentuada. As novas medidas reafirmam e consolidam a

estratégia liberalizante e, além disso, indicam o próximo passo: o fim da cobertura cambial nas exportações. Há duas crenças que sustentam a convicção nessa estratégia. A primeira é a de que os especuladores são capazes de estabilizar a taxa de câmbio em momentos críticos, o que já foi refutado pela experiência recente. A segunda é a de que, se os benefícios advindos da integração financeira ainda não chegaram, é porque é preciso aprofundar a liberalização, o que a experiência futura jamais poderá refutar — porque sempre será possível aprofundar a liberalização e, então, esse argumento poderá ser repetido indefinidamente.

parte III

O boato e sua função no mercado financeiro

CAPÍTULO 1

AS CARACTERÍSTICAS DOS BOATOS

1.1 O boato

Entendemos comunicação interpessoal como o conceito gerador dos boatos, posto que implica a idéia de uma comunicação por interação, contato ou intimidade.

Segundo Siegfried Hoyler, “do vasto campo das comunicações, convém termos em mente, a fim de diagnosticá-las e, mais do que isso, a fim de evitá-las, as comunicações malsãs ou patológicas¹²⁰. Dentre elas, pontificam, pela freqüência – e não raro pela gravidade das conseqüências –, os boatos” (Hoyler, 2002: 59).

Entendemos como boato a notícia que, embora nem sempre corresponda à realidade, é de difícil comprovação e, além disso, de grande interesse, o que determina sua intensa circulação entre as pessoas.

Boato seria, enfim, o processo de comunicação oral caracterizado pela repetição de uma notícia que carrega um relato narrativo formal e um comentário pessoal e tendencioso e que será reproduzido de boca em boca, conforme a vontade e escolha do narrador (Caribe, 2007: 36).

Por outro lado, outra definição, que se utiliza da palavra “rumor”, diz que:

¹²⁰ O termo “patológico” é usado no sentido de desvio ou interrupção de uma comunicação adequada.

[...] rumores são ondas noticiosas disformes que circulam ao gosto das contribuições coletivas, segundo uma ética bem definida e uma estética muito desenhada, capaz de conter uma variada gama de produtores/fruidores (lasbeck, 2001: 164).

Em conversas cotidianas, recebemos e transmitimos vasta lista de boatos, nem sempre inofensivos. Chamaremos de boato ocioso aquele que faz parte das falas ordinárias e cujo objetivo não é outro se não trocar gentilezas com amigos ou conhecidos. Ao repassar um boato ocioso, não se pretende mais do que se pretende com um simples “bom dia, que bela manhã, não é verdade?”.

Contudo, a prática social que nada expressa em particular, salvo vagos sentimentos de cortesia para com o interlocutor, substituindo um incômodo e embaraçoso silêncio, é só uma das formas por que se processa a troca de boatos.

Longe de ser ociosos, muitos boatos são rigorosamente intencionais¹²¹. Apontam fins determinados e servem a importantes objetivos emocionais¹²². Nem o receptor, nem o transmissor saberiam dizer qual é a natureza exata desses fins, mas sabem que o boato lhes é interessante – de alguma maneira, lhes convém. De forma até certo ponto misteriosa, parece acalmar-lhes uma incerteza intelectual e uma ansiedade pessoal.

Reumaux (1999) comenta algumas variantes de boatos e, entre seus possíveis sinônimos, adota a palavra “rumor”; quanto a “ruído”,

¹²¹ A intencionalidade é uma das principais características do boato financeiro, como veremos.

¹²² A emotividade do boato será trabalhada quando de sua análise psicológica.

afirma o autor que foi a maneira pela qual “os letrados dos séculos XVII e XVIII definiram o rumos” (1999: 28). Assim, boato, rumor e ruído seriam equivalentes, e, neste estudo, se empregará preferencialmente a primeira.

O boato pode disseminar histórias corriqueiras e sem qualquer relevância, assim como pode obter grande repercussão e causar furor.

No percurso entre a partida e a chegada de um dito, existe outro fator peculiar: o interesse pela divulgação de boatos ligados às próprias pessoas a quem se os conta. Assim, a cada repetição, o boato ganha mais força e poder de convencimento, pois cada um seleciona a seu modo o quê e para quem o transmite. As características comuns a todos os boatos são a propagação pessoa a pessoa e sua assombrosa velocidade de circulação.

A classificação de Reumaux (1999: 18) postula ainda dois elementos que compõem o boato, o relato da “notícia” exposta num contexto e a narração ou o comentário pessoal que o relato suscita no momento em que é reproduzido. É este segundo elemento que permite a introdução de um relato-notícia em que se propaga um boato – a colocação simultânea de um relato e de uma narrativa problematiza a questão de se chegar ao esclarecimento de uma possível verdade.

Acrescentemos também o boato eletrônico, aquele que se propaga pela rede mundial de computadores, a internet. Os boatos midiáticos incluem todos os que se veiculam em meios de comunicação impressos, eletrônicos etc.

Por tratar dos boatos transmitidos pela mídia é que escolhemos, além da observação em campo, estudar alguns registrados jornalisticamente pela imprensa em meios de comunicação social. São boatos noticiados nas partes especializadas dos jornais. É o estudo do boato e de sua repercussão no mercado financeiro.

Os boatos são muito variados. Às vezes, dão um certo colorido a uma conversa ociosa; outras, desencadeiam torrentes de violência. Às vezes, circulam em âmbito restrito; outras vezes, entre milhões de pessoas. Às vezes, surgem e logo se desgastam; outras, desafiam o tempo, cristalizando-se em lendas imorredouras. Quer seja, porém, fugaz ou duradouro, limitado ou abrangente, o fato é que o boato, como fenômeno essencialmente social, existe em qualquer cultura¹²³.

Os imperadores da antiga Roma reconheciam a importância dos boatos a ponto de nomear “delatores” cuja missão era se misturar com a “gente da rua” e levar ao palácio imperial a voz do povo. As histórias do dia eram tidas como excelente barômetro dos sentimentos populares. A qualquer momento, os delatores podiam lançar uma contra-ofensiva de boatos, para atender aos objetivos dos imperadores. Vê-se que a guerra psicológica não é tão nova assim!

O episódio do incêndio de Roma, no ano de 64 de nossa era, proporciona-nos um exemplo interessante. Segundo análises das provas históricas, a plebe admitiu e difundiu o boato de que Nero, soberano

¹²³ Ele expressa uma forma de comunicação presente em todas as civilizações e pode ser considerado “a mais antiga mídia do mundo”, de acordo com Kapferer (1993).

certamente não muito popular, se não tinha dado início ao incêndio, tinha pelo menos cometido a aberração bárbara de se deleitar com ele, compondo uma ode às chamas devoradoras. De nada valia a Nero o fato de que o boato fosse infundado. Em sua defesa, lançou mão do contraboato, fazendo circular a notícia de que os cristãos, talvez ainda mais aborrecidos do que ele, é que tinham ateado fogo à cidade.

O boato levou Sócrates à morte, acusado de perverter os jovens de Atenas e incitá-los à rebelião. Durante a Idade Média, as guerras religiosas – as cruzadas – eram sustentadas por relatos exagerados de milagres, feitiçarias, pilhagens e boatos.

A comoção ocasionada por um boato às vezes é tanta, que o descontrole acerca da situação informacional de um povo pode atingir estágios irreversíveis de alcance. Isso se dá porque o boato é um processo diferente de reação e pertenceria ainda ao mundo do imaginário verbal (Reumaux, 1999: 26).

As situações de guerra apresentam excelentes condições para a disseminação de boatos¹²⁴ (Allport, 1948). A natural reserva das autoridades em revelar planos táticos e estratégicos, a dúvida generalizada sobre os números e fatos apresentados pela imprensa, o natural estado de excitação de toda a população, sua maior integração, em face de perigo iminente, a infiltração inimiga e muitos outros fatores fazem das situações de guerra ocasiões propícias ao surgimento e ao desenvolvimento de boatos.

¹²⁴ O início do estudo sistematizado do boato nos EUA se fez sobre os campos da II Guerra Mundial (Allport e Postman, 1948).

1.2 As causas dos boatos

Não são, porém, só as situações de guerra que fecundam o solo para a germinação de boatos. Eles não respeitam nem mesmo o campo dos eruditos, ou seja, a área das ciências. Os boatos são freqüentemente usados também como estratégia nos muitos ramos da política, desde a interna de uma empresa até a internacional: reduzem o valor e o prestígio de outro grupo ou nação, ou criam ameaças e propõem vinditas, ou ridicularizam ou hostilizam, segundo o gosto malsão de seus urdidores.

Muitos boatos surgem em consequência de frustrações e outros, do medo, mas há os que se criam por “profissionais do boato”¹²⁵. É conhecida, por certo, a atuação dessas pessoas – trata-se de uma minoria que se compraz em aproveitar-se com rara maestria de situações de emergência, criando boatos, frustrando o grupo, cultivando animosidades etc.

Sabemos que as pessoas se alimentam das emoções que o grau de importância do evento lhes suscita para disseminarem um boato e, assim, sentem-se e se tornam, enfim, seus enunciadores (Greimas e Courtés, 1979), desde que ele as atinja.

O boato é um tema que desperta as atenções e, por suas grandes dimensões, é um campo riquíssimo para estudos de qualquer natureza. Embora aqui se tenha optado por investigar o boato financeiro, cumpre notar que todos são passíveis de investigações interessantes.

¹²⁵ As diversas faces dos boatos atendem a anseios psicológicos diversos e são usados como instrumento de manipulação comunicacional.

As interferências dos boatos se dão no âmbito da oralidade, que envolve seus enunciadores e receptores, os motivos destes e também a dúvida – sempre presente – acerca de sua veracidade:

O boato percorre um caminho que vai ao encontro de seu esclarecimento derradeiro. Por ser território de utilização do imaginário verbal, da angústia dos sentimentos envolvidos, da dramatização, da ansiedade, da discordância ou da reciprocidade, espera, por fim, em algum momento do ato de recepção, ser esclarecido ou pelo menos discutido (Caribe, 2007: 39).

CAPÍTULO 2

OS PRINCIPAIS ESTUDOS SOBRE O BOATO

2.1 A Escola Francesa

2.1.1 O boato na concepção de Kapferer

De acordo com Kapferer:

A essência do boato é ser uma palavra à margem da palavra oficial, ela é um contrapoder. O boato está em todos os lugares e em todas as esferas de nossa vida social. Ele é o mais antigo dos meios de comunicação de massa. Antes mesmo de existir a palavra escrita, o ouvir-dizer era o único veículo de comunicação nas sociedades. Apesar do avanço das mídias, o público continua a buscar informações através do ouvir-dizer (Kapferer, 1993: 35).

A vida cotidiana é repleta de exemplos de boatos, rumores etc. Existem até canais institucionalizados para difundi-los, como as colunas sociais dos jornais e revistas “especializadas”¹²⁶. Num boato, há uma grande variedade de mensagens cujos conteúdos expressam diversos tipos de intenções, objetivos e significados. “Falar de boato significa falar de comunicação, isto é, de interação entre as pessoas”¹²⁷ (Martins, 2006: 15).

Kapferer propõe um estudo do fenômeno por uma análise que privilegia seu ciclo desde o surgimento, passando por sua permanência e

¹²⁶ As revistas que exploram a vida pessoal de “celebridades” são destacadamente as mais conhecidas, criando “notícias” e deturpando outras com a finalidade de causar alvoroço.

¹²⁷ O boato como comunicação verbal obtêm importância de acordo com a intenção entre as pessoas e sua atenção em relação ao fato/acontecimento relatado. (Martins-2006).

até que se dissipe. Estabelece uma forma de se interpretarem os boatos através de sua mensagem, exemplifica com boatos de diversos setores da vida social e se pergunta pela possibilidade de se acabar com eles, além de explorar minuciosamente as maneiras de se prevenir contra um boato, de se desmenti-lo ou transfigurá-lo.

O boato como forma de comunicação e informação não verificada está no cerne da definição como fenômeno e como veículo capaz de engendrar aspectos intrínsecos discutidos por Kapferer:

As definições de boato que insistem no caráter não verificado da informação se inscrevem num período histórico em que a desconfiança em relação a eles é bastante grande. Estas não satisfazem, na medida em que, diz-se, o critério de não verificação é subjetivo e não distingue o boato da divulgação oral de uma informação lida, por exemplo, de manhã, no jornal. Nós transferimos a outros a tarefa de verificar, embora não tenhamos as provas formais de sua realização. Como ele se apresenta como o discurso de uma testemunha direta, o boato tem os mesmos critérios de verificação que qualquer outro mídia (Kapferer, 1993: 9).

Entretanto, apesar da consideração de que o boato pode ser como qualquer outra mídia, Kapferer minimiza a dificuldade de se manter o boato sob controle, preservando-se as características da informação e a fidedignidade dos detalhes e relegando sua permanência, bem como seu caráter de preservação da memória e dos acréscimos psicológicos impregnados nos partícipes dos fatos.

O caráter de não verificação do boato remete a uma conclusão precipitada sobre a falsidade de seu conteúdo¹²⁸. No entanto, essa proposição não pode e não deve ser considerada, como mostra Kapferer:

Na realidade, o boato incomoda porque ele pode se revelar verdadeiro. Em tempo de guerra, o inimigo e sua orelha mítica – a quinta coluna¹²⁹ – poderiam perceber alguma verdade oculta através do boato. Isso basta para provar que o boato nem sempre é infundado (Kapferer, 1993: 7).

Em outro momento, ele aprofunda essa visão sobre seu caráter eventualmente verídico e o desconforto que provoca nas pessoas:

Acredita-se neles justamente porque têm um fundo de verdade, fato comprovado pelos vazamentos de informação e segredos políticos divulgados. Os boatos incomodam porque são um tipo de informação que o poder não pode controlar. Diante da versão oficial, surgem outras verdades: a cada um, a sua (Kapferer, 1993: 9).

A análise do boato e sua configuração têm como fulcro a percepção do modo como ele se constitui, levando-se em conta as influências que causa, em suas diversas manifestações, estando a veracidade ou não de seu conteúdo intimamente ligada à real intenção da mensagem e dos agentes envolvidos em sua produção, reprodução e recepção¹³⁰.

Kapferer credita ao sociólogo norte-americano Shibutani a mais conhecida definição de boato – segundo sua dinâmica –, e aponta:

¹²⁸ É justamente essa dificuldade de se assegurar a veracidade que torna desafiador seu estudo. Os boatos podem se revelar verdadeiros e a dúvida permanecer na cabeça do ouvinte.

¹²⁹ Trata-se de um destacamento militar que compõe as tropas de um determinado exército.

¹³⁰ O modelo comunicacional de produção, reprodução e recepção sofre o impacto do boato em toda a sua dimensão, principalmente na reprodução, onde ocorrem os acréscimos e as personificações.

Os boatos são notícias improvisadas que resultam de um processo de discussão coletiva. Segundo Shibutani, na gênese do boato há sempre um acontecimento importante e ambíguo. Ele considera o boato como uma ação coletiva que pretende dar um significado a fatos inexplicados. A evolução do conteúdo do boato não se explica pelas distorções da memória, mas pela evolução e o acréscimo de comentários ao longo da formação do boato (Kapferer, 1993: 10).

A deformação da notícia, que gera entendimentos diversos e distorções de conteúdo, é tributária da lógica pretensamente racionalista¹³¹ do boato, admitindo-se que ele seja usado em segmentos sensíveis a informações diagnosticadas e às suscetibilidades da dinâmica do setor financeiro.

As estilizações e os símbolos na representação lingüística da comunicação engendram situações propícias ao surgimento de boatos, por sua característica interpretativa e sua ambivalência.

Outro aspecto muito explorado é a falta de explicações para determinados fatos ou situações, instigando os agentes a procurarem-nas. A esse respeito, diz Kapferer que “Existe boato desde que o público queira compreender algum fato mas não receba respostas oficiais. O boato é o mercado negro (clandestino) da informação” (Kapferer, 1993: 11).

Ao explorar a temática do boato, somos levados a procurar sua origem, sua fonte e os motivos que levam as pessoas a emitir julgamentos de valor sobre a veracidade ou não da informação e suas implicações. O que podemos afirmar é que o boato tem uma estrutura

¹³¹ Assim como toda atividade humana, o boato se pretende racional e atende às necessidades humanas de maneira supostamente lógica.

com elementos passíveis de análise e considerados míticos¹³², que povoam a mente das pessoas.

Suas características mais singulares são provir de fontes não oficiais¹³³, circular espontânea e secretamente nos meandros do corpo social, ser efêmero e estar vinculado a algum acontecimento recente. Por isso ele é considerado um “contrapoder” (Kapferer, 1993).

O aspecto mítico do boato está na busca de sua fonte e na intencionalidade de sua criação e divulgação – quase sempre se considera que ele tenha sido fabricado propositalmente.

A gênese do boato não é fator preponderante para sua análise, mas a preocupação geral com as possibilidades e pessoas envolvidas na produção do fenômeno contribuem para essa mitificação.

2.1.2 O boato segundo Edgar Morin

Edgar Morin é um dos teóricos que procuraram sistematizar os estudos sobre o boato através da análise de um caso prático, verídico, ocorrido em Orleans, cidade do interior da França. Preocupado com a influência de um certo fenômeno na comunidade local, resolveu investigar a veracidade de informações a respeito do desaparecimento de jovens em provadores de lojas de departamentos, coincidentemente, de proprietários judeus.

¹³² A natureza mítica está contida na construção do fenômeno, como mostraram Allport e Postman (1948:15).

¹³³ A fonte oficial tem o compromisso de emitir mensagens verdadeiras e com a chancela de comprovação. Já as fontes não oficiais expressam comunicação de todos os tipos, inclusive sem comprovação.

Para tanto, ele acompanhou o fenômeno e analisou suas origens e suas razões e a função que tais informações exerciam na sociedade local. Um primeiro passo foi o estabelecimento de três fases: incubação, propagação e metástase¹³⁴. O acontecimento durou cerca de dois meses e acirrou o sentimento de xenofobia na região.

Na fase de incubação, o assunto surge, se mantém restrito a alguns grupos específicos e atinge a população local, tornando-se assunto corrente. No caso em tela, o autor identifica seu público-alvo:

Nós consideramos praticamente certo que o início da incubação tomou lugar entre jovens e garotas adolescentes e muito rapidamente estendeu-se para todo o grupo de sua categoria: estudantes, vendedoras e outras trabalhadoras, secretárias e operárias (Morin, 1971: 25).

Na fase de propagação, o assunto atinge a maioria da população, chegando ao conhecimento dos diversos grupos sociais e sendo colocado como um perigo iminente:

Parece ter sido em torno de 20 de maio o surgimento do mito, enquanto continuava a estender-se entre as adolescentes, e também adentrar o mundo adulto. A garota contou ao garoto, o aluno passou para o professor, a filha, para os pais, um empregado, para o outro. O rumor estende-se não unicamente entre grupos de pessoas jovens, mas nas famílias, escritórios, lojas e fábricas (Morin, 1971: 27).

A terceira fase, a metástase, é mais precisamente a tomada de medidas e a retomada da vida normal, com a permanência de pequenos resíduos dos acontecimentos vividos. Para dissipar o rumor, foram necessárias algumas medidas para acalmar os ânimos, como a

¹³⁴ Essa classificação indica que Morin analisou o fenômeno da perspectiva da patologia, passível de tratamento médico-psiquiátrico.

declaração pública do Presidente da Comunidade Judaica sobre o despropósito dos rumores, entre outras.

Em 30 de maio, depois das queixas e da intervenção do Presidente da Comunidade Judaica, tanto na Prefeitura como na entrada da cidade, alertas foram divulgados, mas, uma vez que se traduziu o assunto em termos políticos, adiaram-se as ações até o dia seguinte às eleições (Morin, 1971: 34).

Morin aborda aí a construção do mito que abarca o acontecimento, analisando as fases do fenômeno e a conseqüente evolução mitológica criada na mente das pessoas da cidade:

Isso é o porquê de nós podermos falar do contínuo processo de criação do mito: mantinham as escravas brancas nutridas, e a prisão tem correlação autêntica com o que está correndo em paralelo; assim, aquela moda ilógica manteve características do processo mitológico (Morin, 1971: 27).

Tendo em conta que os rumores de Orleans não tinham fundamento, Morin se propõe analisar o boato por dois critérios, para captá-lo em estado puro:

- a) os fatos relatados não ocorreram, ou seja, nenhum fato pode servir de pista ou de apoio ao boato;
- b) a informação sempre circula oralmente, fora do circuito da imprensa, do *outdoor*, do panfleto ou mesmo do grafite.

Essa abordagem consiste em tomar uma parte dos discursos engendrados que se transmitiram oralmente e considerá-la a única representante do fenômeno do boato¹³⁵. A definição de Morin pode ser

¹³⁵ Por ser circunscrita a um fenômeno real, a análise de Morin pode ser considerada isoladamente. Assim, os critérios de identificação propostos não servem para captar os boatos, sobretudo os financeiros.

considerada uma psiquiatrização do boato, por seu caráter limitador de reduzir o boato às histórias sem fatos justificativos, constituindo-se uma imagem de doença mental do corpo social, o que se vê pelos temas usados: germe, patologia, foco de infecção etc.

Em dois meses, o rumor completou o total ciclo de vida em Orleans. Ele saltou das profundidades subterrâneas do inconsciente e, devido ao rumo, retornou para lá mesmo. Proliferou para o germe – nós podemos determinar ambos, a dupla origem mitológica e a atual fonte de fantasia –, passou pelo período de incubação (10-20 maio), entrou virulenta e rapidamente na fase de expansão (20-27 maio), rompeu a tremenda metástase (29-31 maio) e se desintegrou sob a pressão do contra-ataque (2-10 junho), regressou em fantasia e mini-rumor, e finalmente se cobriu em amnésia, deixando somente germes e fragmentos residuais para trás (Morin, 1971: 42-43).

A psiquiatrização do boato funda-se numa base teórica sociológica, ao transmutar a caracterização da anomalia do tecido social para a sistematização e estruturação do boato. Conceituam-se o boato e suas manifestações por analogia a características da loucura, da alucinação coletiva e da crença geral levadas pela irracionalidade do momento.

O tráfico de mulheres brancas em Orleans em maio de 1969 se difundiu na França e reforçou a idéia de que as pessoas são suscetíveis a acreditar nos boatos, apesar de eles serem depois desmentidos, mostrando que recebem atenção das pessoas e ocupam posição de destaque em seu imaginário.

Segundo Kapferer (1993), Morin é responsável por introduzir a concepção de falso e verdadeiro na definição científica do boato, o que permite análises que privilegiem o boato como invenção psicológica ou a abordagem pragmática da confirmação de um acontecimento.

2.2 A Escola Norte-americana

2.2.1 O boato na concepção de Allport e Postman

Allport define boato como “uma proposição específica de verdade, transmitida de pessoa para pessoa, geralmente de forma verbal, não contendo seguros sinais de evidência” (Allport, 1947: 11) e começa o prefácio de seu livro dizendo que grande parte das conversas sociais são denominadas rumor ou difusão de boatos. Classifica parte deles como superficiais, inúteis, vazios e sem propósito se não o de passar o tempo e preencher silêncios embaraçosos. Mas nem todos seguem esse modelo – boa parte é profundamente intencional ou proposital e serve a importantes finalidades emocionais¹³⁶, que os interlocutores não estão aptos a explicar¹³⁷. Ao contrário do que se pensa, a distorção do boato produzida por lembranças, esquecimentos, imaginação e racionalização é o mesmo processo que se encontra em muitas outras formas da comunicação humana¹³⁸.

A análise de Allport é feita com base em fatos passados durante a participação dos EUA na II Guerra Mundial, que é em si uma situação

¹³⁶ Esse ponto identifica a análise do boato, na visão do autor, como fenômeno psicológico.

¹³⁷ Allport entende que as pessoas fogem das explicações do boato por elas terem aspectos de difícil aferição e por lidarem com elementos subjetivos.

¹³⁸ As expressões da comunicação verbal têm essas características.

propícia ao surgimento e à disseminação de boatos: “as situações de crise são as mais favoráveis para o aparecimento de boatos” (Allport, 1948: 18).

O boato se difunde em função da importância que os fatos têm para a vida das pessoas, quando as notícias recebidas são incompletas e/ou ambíguas ou quando envolvem a incapacidade dos indivíduos de entendê-las ou aceitá-las, justamente por não serem claros ou serem apresentados em versões conflitantes.

Outra importante fonte psicológica de boato é a vontade que o indivíduo tem de entender e simplificar eventos sucessivos e/ou muito complicados. Através do boato, as pessoas buscam a simplificação e o entendimento dos eventos, esforço que Allport (1948: 6) chama de “busca do entendimento ou da simplificação”.

Um dos pilares de sua análise é a deformação¹³⁹ que o rumor sofre em sua circulação e a racionalização que as pessoas procuram fazer, o que influi significativamente nas relações sociais. Duas condições são necessárias para o surgimento e a circulação do rumor: a importância que o assunto deve ter para despertar a atenção das pessoas e a ambigüidade da informação repassada, que produz ansiedade e interpretações diversas.

Allport considera que, para o rumor adquirir conotação de informação e ser possível medir sua intensidade, deve-se admitir a fórmula: “ $R = i \times a$, em que R representa o rumor, i , o grau de importância

¹³⁹ O boato atende aos anseios do indivíduo de personalizar a informação e acomodá-lo em seu campo de domínio.

do assunto para as pessoas afetadas e a, a ambigüidade da prova do fato ocorrido” (1948: 2). Note-se que a fórmula propõe a multiplicação – e não a mera adição – dos aspectos considerados¹⁴⁰.

Segundo o autor, o elemento que representa a importância define os motivos da circulação dos rumores, em que o interesse sexual¹⁴¹ ocupa boa parte da mente: a ansiedade e o medo se ocultam atrás de histórias macabras e de maus presságios; a esperança e o desejo, dos rumores “benignos”; e o ódio, dos acusatórios e caluniosos.

O rumor tem suas bases fundamentais na circulação dentro de um meio social homogêneo¹⁴², onde pessoas com mentalidades semelhantes permitem que ele cresça e se propague com avidéz.

Apesar de o rumor estar intimamente ligado aos anseios, sentimentos e desejos humanos, procuramos racionalizar os acontecimentos de forma a torná-los compreensíveis, passíveis de explicação e dotados de significado: “E o empenho na busca de explicação abarca muito mais que nossa tendência impulsiva para prover espúrias bases racionais e justificar nossos estados de ânimo contingentes” (Allport, 1947: 6).

O esforço de racionalizar o rumor cumpre o objetivo de descarregar as tensões emocionais e prover uma saída verbal capaz de

¹⁴⁰ Essa fórmula é utilizada por Marison Cardoso (1996) na análise da rádio-peão empresarial, conforme veremos adiante.

¹⁴¹ É típico que o interesse sexual povoe o imaginário das pessoas, atendendo a necessidades psicológicas e emocionais, como aponta Gaiarsa (1978).

¹⁴² A homogeneidade do grupo faz com que a comunicação se faça pelo compartilhamento de símbolos e significados comuns.

dar alívio aos indivíduos. A presença desse traço psicológico do rumor serve de conforto e proteção para os estados de ânimo do indivíduo.

Ao cumprir seu papel de extravasamento no âmbito psicológico, entende-se que o rumor, além de fenômeno social, tem um aspecto atuante no sujeito para conter seus instintos intrínsecos e seus estados emocionais.

Analisando os aspectos psicológicos do rumor, Allport define:

O rumor é lançado e continua sua trajetória em um meio social homogêneo, em virtude de ativos interesses dos indivíduos que intervêm em sua transmissão. A poderosa influência desses interesses exige que o rumor sirva amplamente como elemento de racionalização: isto é, explicar, justificar e atribuir significado ao interesse emocional atuante. Às vezes, o vínculo interesse-rumor é tão íntimo, que nos permite descrever o rumor como a projeção de um estado emocional completamente subjetivo (Allport, 1947: 11).

Um aspecto muito expressivo na abordagem de Allport diz respeito à deformação provocada pela emoção do indivíduo que, ao receber a informação de determinado acontecimento, procurará racionalizá-la, simplificá-la e justificá-la com base em seus valores e princípios, além de interpretá-la de acordo com a percepção e sensibilidade ao fato e ao meio ambiente.

Esses aspectos envolvidos na análise do rumor acabam por construir um mito sobre ele e sobretudo sobre sua circulação e os motivos que lhe dão origem. Tem papel preponderante no estudo do rumor a constituição das clínicas de rumor por Allport, que eram laboratórios para diagnosticar os rumores em sua essência, estabelecer-

lhes uma anatomia, classificá-los segundo sua incidência, estudar a estrutura sobre a qual se alicerçam e descobrir os motivos que influenciam sua interpretação, além de propor alternativas e maneiras de se os evitar ou mesmo desmentir. Diversos experimentos foram levados a cabo e comprovaram a tese desenvolvida pelo autor¹⁴³.

2.2.2 A experiência de John Kenneth Galbraith

Em seu livro *O colapso da bolsa*, o economista norte-americano John Kenneth Galbraith analisa profundamente o grande *crash* da bolsa de valores de Nova York em 1929, que teve conseqüências desastrosas para os EUA.

O autor descreve a atmosfera que rondava a bolsa de valores de Nova York e suas imediações, movida pelas crescentes elevações nas cotações dos papéis negociados, que ultrapassavam os valores das companhias, de sua capacidade de gerar riquezas e da efetiva procura do mercado.

O colapso do mercado acionário norte-americano tem início com a desenfreada onda especulativa que tomou conta de Wall Street¹⁴⁴, com a falta de uma regulamentação adequada, que inibisse atitudes irresponsáveis, e sobretudo com a ganância dos investidores. Além disso, havia o otimismo superficial propagado pelas autoridades¹⁴⁵. A história do colapso da bolsa de valores de Nova York habitou o

¹⁴³ Allport conclui que “a existência dos elementos psicológicos e emocionais interfere determinadamente na constituição do ciclo do boato” (1948:120).

¹⁴⁴ Wall Street é a rua onde fica a bolsa de Nova York (NYSE).

¹⁴⁵ Os condutores da economia norte-americana, principalmente os vinculados à bolsa, garantiam a segurança dos investimentos, decididamente estimulando as pessoas.

imaginário das pessoas e, na época, havia um *boom*¹⁴⁶ do mercado acionário norte-americano, com aumentos assustadores das cotações das ações e uma crença inabalável nos valores de mercado. Acreditava-se irrestritamente na lógica de mercado e na infalibilidade da bolsa de valores. Segundo Galbraith:

A crônica dos mercados competidores pinta a bolsa de valores como o mais impessoal dos mercados. Nenhuma doutrina é defendida com maior zelo pelos profetas e defensores da bolsa de valores. A bolsa é um mercado onde os preços refletem a lei básica da oferta e da procura, é o que com firmeza diz de si mesma a bolsa de valores de Nova York (Galbraith, 1988: 13).

A crença nas leis de mercado aliada ao *boom* do mercado acionário engendrou uma ilusão de ganho inesgotável. Mas a queda das cotações era iminente e aconteceu – deveu-se às próprias leis de mercado, ou seja, à grande oferta de papéis quando se percebeu que eles sofreriam uma grande desvalorização.

Os participantes do mercado acionário fizeram um esforço hercúleo para manter a valorização dos papéis, mas foi em vão. O colapso sobreveio. Nessas situações de crises, a falta ou o excesso de informação somados ao anseio, ao medo e à angústia das pessoas provocam reações tipificadas e inesperadas, levando os sujeitos ao estado de loucura. A ânsia por notícias otimistas e animadoras passa a ser o desejo dos investidores e das corretoras e, quando elas não se vêm ou são desanimadoras, o ambiente toma contornos indescritíveis: “Não era de admirar, pois no correr do dia circulou na bolsa um boato

¹⁴⁶ Crescimento rápido e desordenado de um segmento da economia.

estorrecedor: longe de procurar estabilizar o mercado, o fundo dos banqueiros estava vendendo suas ações” (Galbraith, 1988: 102).

Esse tipo de informação sem verificação é típico de momentos de crise. Segundo Allport, ela provoca o pânico, o medo e a depressão nos indivíduos. No caso do colapso da bolsa de Nova York em 1929, muitas fortunas e reputações foram comprometidas e perdidas devido à avidez da especulação excessiva.

O inesperado da situação, aliado aos efeitos devastadores, permitiu o surgimento e a propagação de diversos boatos durante o colapso, confundindo os atores e atuando como mola propulsora de angústias e anseios retidos. Quando da estabilização do mercado, circulou um boato de que muitos, ao se verem na ruína, se atiravam das janelas dos edifícios, para não ter que pagar suas dívidas ou para não envergonhar sua família. No entanto, Galbraith diz que não foi comprovado esse excesso:

A onda de suicídios que teria ocorrido nos Estados Unidos em seqüência ao colapso no mercado acionário também faz parte das lendas que marcaram para a história o ano de 1929. Essa onda, na realidade, não existiu. Antes de 1929, por vários anos, o índice norte-americano de suicídios vinha se elevando gradativamente (Galbraith, 1988: 115).

Galbraith não propôs uma teoria do boato como manifestação de comunicação e interação entre as pessoas, mas mostrou a existência do boato num acontecimento ímpar, e seus delineamentos em situações de crise, explicitando sua manifestação. Essa colaboração é imprescindível para o raciocínio que se desenvolve aqui.

2.3 O estudo do boato no Brasil

2.3.1 José Ângelo Gaiarsa

Para entender o boato, deve-se distingui-lo da fofoca¹⁴⁷, também muito conhecida das pessoas, e trata de assuntos corriqueiros e muito arraigados na imaginação. Segundo o psicanalista José Ângelo Gaiarsa (1978), estudioso da fofoca, ela é a informação ou o comentário tendencioso sobre um terceiro ausente. A tendenciosidade se manifesta de dois modos complementares: a fala e as expressões que a acompanham. A fala, por sua vez, pode ser decomposta em transmissão alterada da notícia ou interpretação tendenciosa dos motivos.

Ao passar de pessoa para pessoa, a notícia sofre alterações, conforme descreve Gaiarsa:

Mais importante, porém, do que essa modificação na notícia é a interpretação que o fofocheiro faz das ações ou ditos de sua vítima. Os estudos não dão ênfase suficiente a esse fato, limitando-se ao primeiro. Importante, portanto, é a interpretação, é o atribuir de intenções as piores possíveis às ações e ditos do fofocado. Este, porém, e por sua vez, ao praticar ou dizer o que fez ou disse, sentia-se sempre movido dos mais límpidos e dignos propósitos (Gaiarsa, 1978: 30).

A mudança do comportamento e da postura¹⁴⁸, bem como os gestos típicos de uma conversa reservada e eivada de comentários condenáveis são aspectos do ritual da fofoca:

¹⁴⁷ Embora sejam manifestações comunicacionais de mesma vertente (verbal), elas têm elementos e intenções distintas.

¹⁴⁸ A mudança do comportamento é típica da reação a um ato que condenamos mas não assumimos como expressão inadequada.

De outra parte, as expressões de rosto, de mão ou de corpo inteiro que acompanham a fofoca verbal são muito características. Se observarmos com um binóculo alguém distante que esteja fazendo fofoca, teremos no ato a certeza do fato, mesmo sem ouvir nada da fala. Portanto, em matéria de fofoca, a forma é a mensagem¹⁴⁹ (Gaiarsa, 1978: 30).

Nessa descrição, nota-se que o fofoqueiro não tem consciência das alterações fisionômicas que passa a demonstrar, e tampouco da postura corporal e do olhar que denunciam suas más intenções¹⁵⁰ para com o ausente.

O elemento visual da fofoca vai além. Com freqüência, o olhar desdenhoso, o muxoxo de desprezo, o gesto de pouco caso das mãos ou o modo de olhar de cima para baixo são toda a fofoca. Por aí se vê que o elemento visual é mais importante do que o verbal, porque um pode existir sem o outro, mas vice-versa não (Gaiarsa, 1978: 30).

As intenções secretas do fofoqueiro expressam seu aspecto desprezível e expõem seu orgulho de explicitar más opiniões sobre terceiros. Pode-se considerá-lo frustrado com a própria condição, diminuindo ou desrespeitando outros.

Gestos e olhares da fofoca visual são complexos. Há segredo: tendência ao cochicho, ao abaixar de voz, ao esconder da boca com a mão. Há malícia: olhar de cumplicidade, risinho satânico. Há orgulho: jeito de quem se exhibe, face e sobranceiras que se levantam. Há inveja: o risinho satânico é um quase nada esverdeado, o olhar desdenhoso é também perplexo, quiçá despeitado (Gaiarsa, 1978: 30).

¹⁴⁹ A expressão “a forma é a mensagem” empregada por Gaiarsa remete à consagrada expressão “o meio é a mensagem”, de McLuhan (1998: 37).

¹⁵⁰ Na grande maioria das vezes, a conversa gira em torno de temas que entendemos como reprováveis. É improvável que se faça uma fofoca positiva.

A fofoca é constituída também por elementos ligados ao conteúdo da narrativa, mas sobretudo pelos aspectos visuais que permitem a identificação dessa forma de comunicação, atingindo indistintamente os atores sociais.

A fofoca visual goza de uma prioridade especial, muito usada pelas mulheres e pelos superiores. Ela pode ser feita na presença da vítima e a vítima não tem jeito de protestar, nem de provar que foi vítima de uma depreciação. Não é possível demonstrar que a fofoca visual existiu, porque ela aconteceu em um instante apenas, sob a forma de um olhar ou de um sorriso. Quando a vítima, que quase sempre percebe, protesta contra o fato, logo ouve: – Que idéia! Não foi nada disso que eu disse! Não tive a menor intenção!

No entanto, um filme mostraria com clareza o fato que existiu durante um instante, e logo passou (Gaiarsa, 1978: 30).

Sem cunho pessoal e íntimo, a fofoca não teria graça nem sentido¹⁵¹. Quem a faz e quem a ouve são cúmplices num crime comum. São conspiradores que trançam uma rede em que apanham alguém que fez ou disse coisas contrárias “à moral ou aos bons costumes”.

Normalmente, a fofoca gira em torno de aspectos individuais e pessoais de indivíduos conhecidos ou famosos, e tratam de assunto de interesse interior das pessoas. Os temas mais corriqueiros são a doença de alguma pessoa importante, algum acontecimento que se oculta porque poderia ser mal entendido e o assunto preferido – o sexo: quem tem envolvimento erótico com quem¹⁵².

¹⁵¹ A intenção da fofoca é desnudar uma intimidade pessoal normalmente recriminável. O objetivo é compartilhar visões de condenação a um terceiro, e isso acaba entretendo as partes.

¹⁵² Devido ao imperativo religioso, a imaginação humana tem o sexo como aspecto pecaminoso, sobretudo quando é praticado fora do âmbito conjugal.

Esses assuntos são frutos da imaginação humana e despertam a curiosidade das pessoas, que, por sua vez, satisfazem uma necessidade psicológica de exteriorizar o que seria uma necessidade interior, mantendo certa correlação com o rumor estudado por Allport (1948).

O boato pode assumir o papel de uma informação que tem as mesmas ramificações que a fofoca, mas trata também de assuntos outros, comumente mais importantes¹⁵³, sobre os quais exerce uma influência eficaz e poderosa.

Kapferer trabalha a distinção entre as comunicações da seguinte maneira:

Etimologicamente, boato, rumor e fofoca são efeitos: sons de intensidade e duração variáveis. Boato e rumor não se referem ao efeito sonoro, mas à causa mesma desse efeito. Estes se distinguem não por sua fonte, mas pela amplitude do processo: boato e rumor provêm de fontes não oficiais. A primeira remete a um processo de difusão em cadeia, a uma força de propagação, a uma amplitude cujo resultado é o som audível que se eleva de todas essas vozes, do qual se pode seguir o rastro: ele corre. O rumor refere-se a um processo desconexo, rasteiro, hesitante, bastante limitado localmente: é normal que não se ouça nada, no caso de um leve rumor. “Isso é apenas um boato” significa que o som é quase imperceptível, que a mensagem não tem verdadeiramente existência concreta, definida: não se ouve mesmo. O rumor é insignificante (Kapferer, 1993: 18).

Em suas origens, a palavra mexerico ou fuxico, referia-se à fonte e ao efeito de uma comunicação. Hoje, ela corresponde ao conteúdo e ao

¹⁵³ O boato é uma forma de comunicação que pode intervir nos rumos de um segmento mercadológico, numa organização ou no destino de uma pessoa. Já a fofoca não atinge uma dimensão tão impactante, pois, embora possa causar danos irreparáveis aos envolvidos, limita-se a eles.

objeto da comunicação: são histórias sórdidas, quase calúnias, divulgadas a respeito de uma pessoa. Essas histórias não engrandecem aquele que as divulga, mas antes o aviltam. O fuxico é, portanto, um juízo subjetivo sobre o conteúdo do boato ou do rumor. A fofoca se refere ao objeto do boato ou do rumor e se dirige às pessoas: relata as chances e as desgraças, pequenas ou grandes, que nos cercam.

Em geral, a fofoca não é perversa e se consome, essencialmente, pelo prazer de se digeri-la: ela é fugaz e deve ser substituída por outra ainda mais saborosa.

2.3.2 A abordagem de Marison Cardoso

Marison Cardoso (1996) desenvolve trabalho na área de administração de empresas enfocando a rádio-peão¹⁵⁴ no contexto das empresas e seus mecanismos, as tipologias e os efeitos dos rumores. O estudo faz uma revisão da teoria existente sobre o assunto e inclui uma tipologia dos boatos, segundo seus aspectos sociais e psicológicos.

O autor desenvolve uma análise predominantemente empresarial da comunicação informal, considerando o universo organizacional, os indivíduos inseridos nesse contexto e a necessidade dos canais alternativos de comunicação. Emprega os conceitos fundamentais do tema e faz um recorte de acordo com a existência de um fato.

¹⁵⁴ A chamada rádio-peão refere-se aos comentários extraprofissionais que circulam num dado ambiente de trabalho e se disseminam por meio de boatos, rumores e mesmo fofocas. Convém ressaltar que o fenômeno é circunscrito a segmentos funcionais, o que restringe sua propagação.

Pela intensidade dos contatos, pela proximidade dos fins que se propõe, pela igualdade de condições e pela dependência de planos e objetivos entre as pessoas, a vida empresarial também é um campo fértil para os boatos, que, se num primeiro momento ocupa as mentes e parece uni-las em torno de um novo interesse, logo em seguida cobra seu preço – quase sempre alto –, em desgaste do moral do grupo.

Através da ocorrência dos fatos, as pessoas passam a interagir, compartilhando uma interpretação particular e contribuindo para o nascimento do boato. Ao estabelecer o fato como ponto fundamental e por meio dele desenvolver a interação entre as pessoas, o autor postula uma divisão propositiva:

Nessa interação, três outros fatores do ato comunicativo se farão presentes: o primeiro deles é o fator importância, isto é, o valor que tem aquele fato para a vida dos agentes em interação; o segundo é o fator informação, ou melhor, que nível de informação tem esses agentes sobre aquele fato; o terceiro é o fator julgamento, ou a interpretação dada pelos agentes do fato em si, que varia conforme a experiência, o repertório e também a cultura na qual estão inseridos esses agentes ou indivíduos (Cardoso, 1996: 3).

Essa análise tem como referência uma aproximação com a Semiótica, e dá uma interpretação do boato sob a seguinte forma:

boato a fato = informação + importância + julgamento

Nesse esquema, “fato” pode ser real ou índice ou a combinação de ambos, “informação” significa o nível de informação disponível (formal ou não), “importância” significa quanto o fato afeta ou pode vir a afetar a vida

pessoal ou funcional dos agentes, e “juízo” é a visão social e cultural pela qual os agentes vêem o fato.

Com essa fórmula, Marison procurou mostrar o caráter dinâmico do boato e da interação que alimenta o processo. Além de observar a dimensão psicológica do boato, trabalhada por Allport (1948), o autor aborda sua natureza social, examinando o fenômeno sob o enfoque do grupo, e envereda por sua natureza motivacional, para encontrar os elementos constitutivos da rádio-peão.

Depois, com base em autores como Allport, Mishra, e McGregor, ele propõe uma classificação dos boatos segundo sua natureza psicossocial ou motivacional.

A concentração da temática nas organizações permite que o autor desenvolva uma análise da propagação e difusão das informações no interior das empresas, segundo quatro tipos: a cadeia simples, a fofoca, a cadeia aleatória e a cadeia ramificada, cumprindo cada uma delas um papel na difusão da mensagem, em que as ramificações oficiais reproduzem a voz da direção da organização e as não oficiais dialogam espontaneamente com os membros da empresa, independentemente de cargo, escolaridade ou função.

Como outros veículos de comunicação empresarial, a rádio-peão está sujeita à transformação, à distorção ou à confirmação das mensagens, devendo ter a preocupação de tratar a informação com cuidado e seriedade, dados o caráter mítico dos boatos que ali circulam e as necessidades humanas em que essas informações interferirão.

A análise de Marison da rádio-peão e de suas principais implicações no cotidiano das organizações – principalmente pelo conteúdo e pelas características das mensagens – é uma importante contribuição para a produção brasileira na área. O autor concluiu que a rádio-peão é um canal de comunicação insubstituível na organização, que ela é movida por informações coletadas no ambiente do trabalho e do trabalhador e se vale do boato como forma de comunicação.

2.3.3 A contribuição de Homero Fonseca

O jornalista Homero Fonseca (1996) contribui para a teoria do boato no Brasil levantando a pergunta: O que seria o boato – uma verdade que se materializou ou uma mentira plausível? Em seu livro *Viagem ao planeta dos boatos*, analisa as razões e as conseqüências de um episódio de histeria coletiva na capital pernambucana, ocorrida em 21 de julho de 1975, provocado pelo rumor do rompimento da barragem de Tapacurá.

De acordo com sua descrição, foram cenas de pânico absoluto. Milhares de pessoas correndo, ensandecidas, pelas ruas, guardas abandonando seus postos, gente pisoteada, todos desesperados com a informação de que havia ruído a grande barragem que deveria proteger a capital.

Depois de mais de uma hora de tumulto generalizado, a descoberta: era boato. Fonseca, testemunha¹⁵⁵ do episódio, narra-o com riqueza de detalhes, traça um paralelo com fenômenos semelhantes em outros países e momentos históricos e discute as causas que levam uma cidade inteira a perder o bom senso. O autor se vale dos referenciais teóricos de Allport e Postman, Kapferer e Gaiarsa, entre outros, com conceitos fundamentais análogos aos apresentados até aqui.

¹⁵⁵ Outras testemunhas foram o então deputado federal Jarbas Vasconcelos (posteriormente prefeito da cidade) e o escritor Ariano Suassuna, entre a multidão que sofreu com o tumulto nas ruas.

CAPÍTULO 3

O BOATO NA BOVESPA

3.1 A influência do boato nos agentes da bolsa

Num ambiente extremamente competitivo e estressante como o da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), o negociador depara com a restrição do tempo, devido à competição existente no mercado e à rapidez necessária para a elaboração das transações. De modo geral, o estado de crise é típico da atividade de uma bolsa¹⁵⁶. A excitação e a tensão criadas por essa crise permanente, além do cansaço e do nervosismo que provocam entre os profissionais, preparam o terreno para a divulgação de inúmeras informações, e não há tempo para se procurar sua origem¹⁵⁷, de avaliar seu grau de exatidão ou se questionarem as diversas fontes. É preciso agir, isto é, decidir no meio das incertezas¹⁵⁸. A rapidez das decisões a tomar alimenta a avidez dos agentes por informações.

Por tudo isso, o boato no mercado financeiro é um fenômeno mítico para o público externo. Quem diz “finanças” imagina imediatamente operações espetaculares de controle na bolsa, perdas estrondosas ou fenômenos de informação privilegiada, reveladores da rapidez da constituição das fortunas monumentais. É verdade que a

¹⁵⁶ As alterações repentinas e a mudança de posição dos investidores interferem drasticamente, causando constante desconforto nos agentes.

¹⁵⁷ As informações são efêmeras e, ademais, podem ser a condição de aceitação ou de perda do negócio.

¹⁵⁸ Naturalmente, as incertezas são ponderadas e os riscos assumidos são previamente calculados.

bolsa é tida como um pequeno mundo fechado, completamente opaco e misterioso: ela se presta a todas as projeções de sonhos e imaginário. A presença dos investidores normais e dos especuladores torna o mercado ainda mais inconstante, sobretudo pela oscilação imprevisível e pelo caráter de jogo que lhe subjaz, representado pelas apostas e pelos palpites dos especialistas¹⁵⁹.

O estudo dos boatos financeiros traz alguns problemas particulares como, por exemplo, a memória dos fatos, a necessidade da presença testemunhal, a possibilidade de perda ou distorção de detalhes e a influência da interpretação pessoal. Tudo isso torna o estudo, paradoxalmente, difícil e atraente. Aqui, o boato é localizado e fugaz. Ao contrário da palavra na linguagem escrita (registro), o boato não permanece: ele se eleva, se espalha e some. Por isso a tarefa de manter um histórico recapitulativo dos boatos é tão atraente. Assistimos, portanto, a um aumento de boatos de curta duração, logo esquecidos, como os que ocorrem na bolsa de valores e mantêm um caráter constante ou aleatório.

Acrescentamos que, para ser usada no mercado financeiro, uma informação não deve ser conhecida de todos, porque, se for, será incorporada na cotação do dia. Tanto a bolsa como qualquer outro mercado de valores é um universo que se pretende racional, onde os profissionais dispõem de informações instantâneas e podem, portanto, agir racionalmente.

¹⁵⁹ Os especialistas emitem opiniões acerca dos mercados, do comportamento de determinada empresa, da atuação do governo e de qualquer interferência externa.

O aparecimento de boatos financeiros é freqüente. É evidente que os profissionais são preparados, mas, aqui, a antecipação da informação tem um valor monetário. Para se ter uma idéia da enorme incidência e importância do boato, as quintas-feiras são, na Bovespa, o chamado “Dia do Boato”, o que explica a “quinta-feira negra” do colapso da bolsa de Nova York:

[...] o dia 24 de outubro, quinta-feira, é o primeiro daqueles que a história relacionada com o assunto identifica com o pânico de 1929. Medida pela desordem, pelo medo e pela confusão que assinalou, essa data merece ser assim considerada. (Galbraith, 1988: 88).

3.2. O problema da quantidade de informação

Nos mercados financeiros, os agentes vivem sobrecarregados de informações: diz-se tudo e nada. Sabe-se que o boato nasce como subinformação, mas o inverso também ocorre. Esse setor é movido por informações privilegiadas, dicas, informações que deveriam ser mantidas em segredo mas que circulam apesar disso, influenciando a performance de muitas empresas, beneficiando algumas e destruindo outras.

Há inúmeros exemplos dessas performances no noticiário a respeito da privatização ou não de empresas com papéis negociados em bolsa. Um caso paradigmático foi o do sistema de telefonia, muito divulgado, na época.

No entanto, a enorme quantidade de informações produzidas, a complexidade de entendimento e acompanhamento existentes no mercado financeiro e o alto grau de volatilidade desse mercado, aliados

às inconstâncias do mercado internacional influenciado pela globalização e à internacionalização das economias mundiais fazem com que o mercado financeiro seja considerado o grande alicerce da estabilidade mundial, um setor estratégico e de suma importância para a economia brasileira. Nesse contexto, o boato como meio de comunicação nesse segmento é fenômeno de grande poder.

Kapferer analisa as características do boato que circula no mercado financeiro e seus efeitos. Para o autor, o universo das bolsas de valores é pretensamente racional, e ele apresenta a contrapartida:

A noção de boato financeiro introduz a hipótese de uma certa irracionalidade dos comportamentos dos operadores financeiros. Ela permite também supor que nem todo mundo se beneficia da mesma informação. Por essas duas razões, o fato de estudar os boatos financeiros já é em si um ato incômodo (Kapferer, 1993: 186).

O mercado financeiro trabalha com a perspectiva de acerto futuro, e a antecipação da informação premiará o grau de acerto atingido, concretizando-se em lucros e melhores posições acionárias. Os movimentos dos operadores são calculados e rapidamente avaliados, na busca de se atingir o intento; sua precisão é medida e sua performance é fundamental para o êxito do negócio: “o importante é fazer a previsão antes dos outros. O boato é a consequência natural dessa problemática permanente” (Kapferer, 1993: 186).

Assumindo que o intermediário financeiro representado pelo operador atua sob uma tensão muito forte, com a restrição do tempo e com a angústia de atender aos resultados esperados, aliado ao típico

estado de crise existente em uma bolsa de valores, aceitaremos que o boato financeiro está intrinsecamente ligado a um grau de risco que o distingue, na tipologia dos boatos corriqueiros da vida cotidiana¹⁶⁰.

Por movimentar vultosas somas de recursos, as bolsas de valores não deveriam estar sujeitas a informações que lhe abalasses as estruturas ou permitissem ganhos acima do normal, através de sua manipulação¹⁶¹. Entretanto, isso estimula o uso de informações que deveriam ser mantidas em segredo e, assim, surgem os boatos que povoam esse ambiente:

Esses rumores são naturais: a necessidade de uma previsão justa, o cuidado de agarrar a oportunidade fugaz cria uma busca de informação permanente. Os boatos preenchem uma parte disso. Pode-se, entretanto, tentar conservá-los, até mesmo provocá-los. O boato põe em relevo, então, a intenção maligna daquele que tem interesse em divulgá-lo para obter um movimento sobre as cotações (Kapferer, 1993: 192).

Ao analisar o boato que circula nas bolsas de valores, o autor toma como referencial as bolsas dos mercados desenvolvidos e numa época de baixa dinâmica dos mercados, devido à incipiente comunicação integrada, e com fraca influência do capital especulativo¹⁶².

No caso brasileiro e, em particular, na Bovespa, podemos nos contrapor à análise de Kapferer, sobretudo pela completa mudança do

¹⁶⁰ Como demonstramos, ele circula em todas as esferas da vida social, com diferentes propósitos.

¹⁶¹ O poder econômico exerce forte influência “plantando” informações ou causando movimentos em determinados papéis, o que caracteriza manipulação.

¹⁶² Atualmente, nem mesmo os mercados desenvolvidos estão protegidos das freqüentes oscilações das bolsas, sobretudo devido à inter-relação dos mercados.

cenário, hoje caracterizado pela velocidade de transformação que vêm sofrendo os mercados.

Sobretudo pela agilidade da comunicação, o mercado financeiro integra o mundo inteiro, permitindo a circulação espontânea dos recursos que se tornaram extremamente voláteis com a inserção de novas economias estimuladoras do investimento especulativo.

Outra diferença muito significativa em relação ao contexto analisado por Kepferer está relacionada ao mercado nacional subdesenvolvido e com pouca maturidade para atuar adequadamente sobre os preceitos das finanças acionárias. Finalmente, é visível e concreta a presença maciça do capital estrangeiro com alta concentração de capital especulativo de curto prazo, que acaba provocando uma instabilidade na economia, devido a seu fluxo inconstante e incerto, de acordo com as condições de investimento.

3.3. As crises empresariais causadas pelos boatos

Entretanto, é certo que os boatos não atuam só nas bolsas, mas também na vida das empresas, e podem pôr à prova sua capacidade de gerenciar adequadamente o surgimento de um boato que deponha contra seus interesses. De acordo com Maria Tereza Garcia:

[...] muitas vezes, uma crise é desencadeada por um boato, não é preciso que haja um fato comprovado para que a história se alastre, e todo mundo sabe que, quando uma notícia ruim atravessa as portas de uma empresa e ganha o conhecimento público, torna-se uma crise, mesmo que não haja nenhuma consistência nas informações divulgadas (Garcia, 2002: 58).

E a autora prossegue citando Alexandre Caldini, que descreve os estágios de uma crise gerada por um boato:

[...] no primeiro estágio, acontece a simplificação, com o resumo da história, no segundo estágio é a vez do exagero, onde os detalhes são aumentados para ganhar dramaticidade, já no terceiro estágio, o boato é interpretado pela opinião pública de acordo com seus valores, é nesse momento que os efeitos podem ser devastadores, caso a crise não tenha sido gerenciada (Garcia, 2002: 72).

Conclui-se que a interferência de um boato pode ser nefasta para a sobrevivência de uma entidade, uma vez que pesa a possibilidade de ele vir ou não a ser confirmado pelos fatos. O boato constitui um importante componente da comunicação empresarial e seu tratamento merece todo o cuidado.

CAPÍTULO 4

AS INFLUÊNCIAS DO BOATO NO MERCADO FINANCEIRO

4.1 A análise empírica

Na presente pesquisa, a metodologia e a abordagem exploratória adotadas facilitaram aos atores explicitarem espontaneamente suas experiências e opiniões, sobretudo no que tange às funções e atividades de cada um.

As entrevistas foram conduzidas de maneira aberta, nos locais de trabalho e em encontros informais – os famosos *happy hours* –, em que os agentes falaram mais à vontade. Quanto às entrevistas, havia uma pauta, mas ela foi antes um guia do que um formato, dando aos agentes maior liberdade para exporem histórias, angústias, pressões e mesmo os segredos da profissão. Somados aos gráficos de evolução/desempenho dos elementos selecionados para análise e às informações colhidas em jornais e *sites*, os relatos desses profissionais nos permitiram inferir as características básicas e específicas do boato no mercado financeiro.

4.2 A anatomia dos casos analisados

O referencial metodológico baseou-se em entrevistas não padronizadas ou dirigidas com os agentes envolvidos com o mercado financeiro e na análise e no acompanhamento do mapa de desempenho das cotações e oscilações do dólar norte-americano durante o mês de janeiro de 2008 e do índice da bolsa de valores de São Paulo (ibovespa).

Para tanto, usamos informações colhidas nos jornais *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S.Paulo* e *Valor Econômico* e em seus respectivos *sites* na internet. Assim, as notícias explicam os picos ou vales dos gráficos e as informações veiculadas justificam a performance observada. Esse procedimento nos levou a observar diariamente o comportamento do mercado, os fatores que influenciaram sua performance e o papel desempenhado pelos agentes participantes do mundo financeiro.

Coligindo os dados em estado primário, procuramos obedecer à metodologia de modo a sistematizá-los valendo-nos das informações dispostas e sobretudo da importância que elas tinham para o mercado, assim como de suas diversas análises.

Os veículos de comunicação foram selecionados de acordo com sua credibilidade no segmento financeiro, da existência de equipes técnicas, de sua tiragem e periodicidade, além da segmentação específica da temática financeira. O uso desses tradicionais veículos comunicacionais permitiu também a confirmação das informações através de seus respectivos *sites* na internet pelo cotejo entre o conteúdo comunicado e sua fonte.

O fato de os jornais buscarem informações na mesma fonte (agências de notícias) unifica sua divulgação e suas análises, embora algumas vezes se as apresentem de formas diferentes.

A escolha do estudo para ilustração obedeceu ao seguinte raciocínio:

a) o boato incidente na oscilação do índice ibovespa, formado pelos principais papéis mais negociados durante determinado período, e a tentativa de detectar a tipologia do boato que afeta toda a bolsa, podendo ser considerado um boato de conjuntura, composto de elementos como a variação do dólar, o risco-Brasil e o comportamento da taxa de juros interna, entre outros;

b) a monitoração do desempenho do dólar norte-americano, que afeta a economia como um todo, com reflexos claros sobre a bolsa de valores e os resultados das companhias.

4.3 O ibovespa

A escolha do índice ibovespa contempla algumas situações específicas do mercado financeiro e sua importância para a economia, ao mesmo tempo em que atua como termômetro do desempenho e da capacidade de adaptação a novos cenários.

O ibovespa é constituído pela média variável dos papéis mais negociados durante o período de três meses e espelha a significância e a representatividade dessas empresas; além de ser um indicador consistente, compõe-se de papéis cuja volatilidade não é muito grande.

Na ocorrência de algum boato sobre o ibovespa, a tendência é que ele afete a bolsa como um todo, podendo originar-se na repentina variação de algum papel significativo de sua composição ou na conjuntura interna ou externa. Se houver mau desempenho de uma empresa de porte com ações cotadas na bolsa, isso pressionará o índice

ibovespa para baixo, mostrando um descompasso com os demais indicadores, que podem estar num momento propício ao bom desempenho. Por exemplo, a Petrobras¹⁶³ tem um peso significativo na Bovespa e, assim, qualquer acontecimento de porte que a envolva afeta a bolsa como um todo e principalmente seu indicador (ibovespa).

A conjuntura interna tem papel preponderante no desempenho do ibovespa, pois, pela adoção de determinadas medidas econômicas ou políticas, as empresas tenderão a apresentar resultados bons ou ruins, afetando a composição do índice. Entre as medidas que podem afetar direta ou indiretamente a conjuntura interna, estão a cotação do dólar, o sinalizador do risco-Brasil, o patamar da taxa de juros do Banco Central (selic), a taxa de inflação projetada etc. No cenário externo, há o nível de aquecimento ou desaceleração da economia norte-americana¹⁶⁴, a taxa de juros internacional, práticas protecionistas que espelham a expressão das políticas dos países desenvolvidos e o desempenho dos países emergentes, entre outros.

4.4 A oscilação do dólar

Finalmente, ao selecionar a variação do desempenho do dólar norte-americano, tentamos mostrar as circunstâncias em que a moeda de troca internacional afeta a economia brasileira em particular e o mercado

¹⁶³ Em novembro de 2007, a Petrobras divulgou o descobrimento de um magacampo petrolífero em Santos. Essa informação elevou radicalmente a cotação de seus papéis, interferindo diretamente no ibovespa.

¹⁶⁴ Esse fator tem influenciado decisivamente o desempenho das bolsas mundiais, devido à significância da economia norte-americana. Cerca de 20% de tudo o que é produzido no mundo tem como destino os EUA. A atual crise tem diminuído os níveis de consumo e, conseqüentemente, criado desconforto e preocupação mundial.

financeiro e provoca diversas manifestações imediatas na sociedade nacional.

Por ser uma variável fundamental na economia globalizada¹⁶⁵, o dólar tem suas raízes no exterior e é referência para a tomada de decisões e comparações entre países e empresas internacionais. Seu comportamento procura seguir as correlações externas e uma política definida pelos EUA. Além disso, há fatores internos que afetam a cotação do dólar, principalmente pelos interesses envolvidos em sua oscilação:

a) os interesses dos exportadores nacionais, que em sua maioria trabalham com produtos considerados *commodities* e se beneficiam da alta da cotação do dólar;

b) por outro lado, os importadores que compram matérias-primas e diversos componentes para a constituição de seus produtos finais têm um melhor resultado com a baixa do dólar.

Portanto, a pressão exercida no mercado por esses dois grupos, aliados a parceiros poderosos representados pelos bancos, visa o controle da variação da moeda e, conseqüentemente, uma melhor posição mercadológica. Esses segmentos movimentam grandes somas e alteram substantivamente a cotação do dólar.

A internacionalização das economias tem aproximado as economias nacionais e provocado uma dependência inextricável. Outro

¹⁶⁵ Cabe lembrar que as reservas cambiais da maioria dos países são feitas em dólar norte-americano, o que afeta o mundo todo e faz com que as variações bruscas dessa moeda causem problemas.

elemento importante é a instabilidade política internacional¹⁶⁶, resultante da incerteza no que concerne ao desenrolar da paz mundial e à conseqüente fluidez da moeda norte-americana.

Quanto ao índice da Bovespa e às respectivas explicações para o seu comportamento, podemos concluir que seguem uma lógica análoga à dos pressupostos consagrados na economia financeira. O desempenho do ibovespa esteve durante todo o período atrelado ao comportamento da cotação do dólar, 90% da incidência da amostra coletada. Salvo algumas informações pontuais, essas amostragens procuraram evidenciar que a temática que dominou o período em tela ligava-se a fatores externos que afetaram a arena nacional e acabaram por impactar as valorizações do dólar, provocando uma reação em cascata e influenciando a performance de todo o mercado.

A inter-relação existente no mercado financeiro fica evidente quando confrontamos a oscilação da cotação do dólar e o desempenho dos papéis negociados no pregão. A procura pela moeda norte-americana está diretamente ligada às cotações das ações negociadas e atesta a dependência do mercado com a paridade cambial.

Para deslindar e delimitar a circunscrição do boato no mercado financeiro, tentaremos mostrar que a inter-relação dos mecanismos da economia forma uma dinâmica que realimenta o ciclo.

¹⁶⁶ A emergência de conflitos políticos na África, a chegada ao poder de lideranças mais à esquerda na América Latina e a problemática no Oriente Médio podem desestabilizar a economia mundial e gerar reflexos perniciosos.

4.5 O risco-Brasil

O elemento de maior impacto no comportamento do mercado financeiro é a divulgação do risco-país¹⁶⁷, que mede as chances de o Brasil não pagar seus compromissos com os investidores e indica os juros cobrados do país para conseguir empréstimos no exterior. Quanto mais alto, pior.

Quando sobre o risco-Brasil, aumentam a cotação do dólar, devido à desconfiança com relação à capacidade do país de honrar seus compromissos, e a procura pela moeda norte-americana, que é o modo de os investidores se protegerem de um provável não pagamento da dívida. Assim, o ibovespa tende a recuar, sobretudo pela necessidade das grandes empresas e dos bancos de comprarem dólares para fazer frente às suas despesas externas, como resultado do esforço dos analistas de guiarem os investimentos internacionais por meio de indicadores.

Os indicadores favoráveis carregam inversões e aplicações, e os desfavoráveis provocam a fuga dos investimentos. Por se tratar de um risco da tendência macro de uma nação envolvendo diferentes variáveis, não só as econômicas, mas também a flutuação do indicador é mais lenta ou com menor mobilidade do que o indicador de um papel ou de um determinado segmento de negócios. O que se tem observado é uma flutuação excessiva – para mais ou para menos –, não condizentes com a magnitude de seu objeto.

¹⁶⁷ Indicador criado e medido pelas agências de classificação de risco, para orientar os investidores a minimizarem seu grau de exposição.

Conseqüentemente, somos levados a assinalar aqui – justamente num elemento com grande interferência de analistas – um grande espaço para manipulação, num momento em que investidores ou especuladores podem, independentemente do contexto real, induzir movimentos de capitais que podem desestabilizar – no caso do ibovespa – o frágil equilíbrio entre a cotação do dólar, as taxas de juros, a inflação e a cotação dos negócios acionários.

Logo, o risco-Brasil se torna uma fragilidade da presença do Brasil nos negócios globalizados, criando-se um ambiente ideal para boatos, com endereço certo para se determinarem ganhos ou perdas.

Analogamente, quando se observa uma elevação do dólar por sua interdependência com o risco-Brasil, registra-se uma elevação também nos indicadores que medem a inflação do país, devido à indexação cambial de grande parte da economia, representada pela importação de insumos e matéria-prima para abastecimento da economia ou componentes constituintes de produtos acabados. Desse modo, com a perspectiva de uma elevação da inflação, o governo eleva a taxa básica de juros da economia (selic), para barrar a saída de investimentos do país, que serve para balizar as demais taxas praticadas pelos agentes do mercado e resulta num aumento da dívida pública nas esferas federal, estadual e municipal. Esse aumento causa receio no investidor quanto à capacidade das esferas públicas de honrarem seus compromissos e provoca uma elevação do risco-Brasil, realimentando o processo e fechando o ciclo da dependência econômica.

4.6 O boato e as variações do mercado

Cada uma dessas fases – definição do risco-Brasil, elevação do dólar, queda do índice ibovespa, aumento da inflação, elevação da taxa de juros interna e elevação da dívida pública – é permeada por boatos ou rumores.

Os boatos não ocorrem apenas nas fases do ciclo econômico, mas antes mesmo da divulgação de qualquer fator que provoque a mudança de posição na economia e principalmente no interregno entre as etapas.

O aspecto essencial para o funcionamento da economia – e, conseqüentemente, do mercado financeiro – é a interdependência pendular existente entre a cotação do dólar e o ibovespa. Quando o dólar se valoriza, a tendência predominante é que se registre uma queda do ibovespa. Analogamente, quando há desvalorização do dólar, o ibovespa tende a subir, como se vê nos gráficos abaixo:

Variação do dólar norte-americano



Varição do ibovespa



As justificativas dessa relação se assentam na seguinte lógica: a valorização do dólar eleva a taxa de juros, que converge para uma procura maior por títulos do governo, em detrimento dos investimentos em bolsa; igualmente, quando há uma queda na cotação do dólar, reduz-se a taxa de juros, e os títulos públicos não atraem o investidor, que migra seus recursos para a bolsa. Naturalmente, esses não são os únicos fatores que caracterizam o comportamento do mercado financeiro, mas, segundo nossa avaliação, a variável mais significativa é a exposta acima.

4.7 Os analistas financeiros e o boato

O fenômeno do boato tem seus principais agentes nos analistas financeiros, que se utilizam de diversas fontes para divulgar suas previsões, emitindo opiniões que podem ou não coincidir com suas convicções acerca dos fatos e muitas vezes têm a intenção exclusiva de

maximizar suas carteiras de investimentos, segundo depoimentos de especialistas ouvidos.

Os analistas financeiros estão ligados às corretoras, e os mais renomados do mercado estão vinculados às corretoras dos grandes bancos e conglomerados nacionais, os maiores agentes investidores do mercado financeiro. Além de considerar as análises de dados estáticos das empresas, e o cenário das economias nacional e internacional, os analistas concebem as opiniões e recomendações dos bancos de investimentos e das agências de classificação de riscos e aconselhamento externos. Essas agências externas recomendam a seus investidores determinadas posições, que entretanto estão freqüentemente sujeitas a alterações.

De modo geral, os analistas brasileiros concordam com essas agências de aconselhamento e, por vezes, opinam de maneira imprópria ou errada com relação a certos acontecimentos que inquietam o mercado financeiro.

Baseadas em conceitos objetivos e de acordo com os cânones científicos das análises técnicas, as opiniões dos analistas financeiros aliam leituras de cenários e concepções e previsões de agências externas e internas para dar sugestões a seus investidores.

Essas sugestões têm muitos aspectos divergentes da realidade constatada posteriormente, mostrando a relatividade de seu grau de exatidão, ou seguem interesses nem sempre conhecidos do mercado ou de seus investidores.

Essas posturas não são divulgadas com veemência, sobretudo pelos riscos e impactos que podem causar no equilíbrio do mercado.

Essas situações confirmam que, em casos de excesso ou de falta de informações, o ambiente se torna propício ao surgimento e à fecundação de boatos que direcionarão os investidores e o mercado como um todo.

As raízes dessas informações desconstruídas, duvidosas ou falsas estão nos analistas financeiros e em suas intenções, tornando-os agentes de extrema importância na dinâmica financeira e na consecução do boato como fenômeno localizado.

4.8 Características do boato financeiro na Bovespa

O boato financeiro pode ser entendido a partir da tipologia e das origens nas condicionantes apresentadas no estudo do boato psicossocial. O boato também está ligado a fatores emocionais, pelo mecanismo psicológico que fundamenta sua crença na projeção, estado em que o indivíduo ansioso tende a tomar seus desejos por realidade.

Outra característica do boato financeiro – e que mantém correlação com os demais – é a espontaneidade ou não de seu surgimento. Pode-se considerar espontâneo o boato em que se expressam desejos dissimulados, positivos ou negativos, distinguindo-o do boato pré-fabricado, divulgado intencionalmente, com a finalidade de propaganda ou de contrapropaganda, como é o caso do boato financeiro.

Além desse, existe o aspecto sociológico, que diz respeito à difusão do boato. Expressando disfarçadamente desejos inconscientes, ele só será percebido por pessoas que tiverem as mesmas referências simbólicas, espelhando o ambiente da Bovespa.

De acordo com Monique Augras, “a difusão do boato faz-se num meio homogêneo, com a mesma linguagem e com os mesmos interesses” (Augras, 1970: 82).

Esses elementos constitutivos do boato e as condições propícias para seu surgimento encontram terreno fértil no mercado financeiro, dadas a ansiedade e a tensão características, assim como a ambigüidade das informações veiculadas. Augras sintetiza a questão de maneira conclusiva:

Em suma, o boato expressa as tendências inconscientes de um grupo, desde que esse grupo se encontre numa situação de insegurança, de tensão emocional, de incerteza no tocante às informações. Quanto maiores forem as tensões, em particular quando a própria sobrevivência do grupo estiver em jogo, mais facilmente aparecerão boatos, mais difícil será desfazê-los, porque serão fundamentalmente arraigados em motivos inconscientes (Augras, 1970: 82).

O período de duração do boato financeiro normalmente se limita a um dia – entre a abertura e o fechamento do movimento financeiro, nascente do boato, mas, dependendo de sua tipologia, estrutura e importância, há os que perduram alguns dias ou mesmo semanas. A curtíssima vida do boato financeiro é sua principal característica. As fases de seu ciclo mantêm um paralelo com o estudo proposto por Edgar Morin (1971), mas se distinguem justamente por sua brevidade.

Outra característica do boato financeiro é sua diversidade diária – a cada dia, podem surgir inúmeros novos boatos. Eles emergem de todas as formas e invariavelmente têm correlação com fatores que influenciarão o desempenho do mercado e, mais especificamente, da Bovespa.

Além da duração, o boato financeiro reflete constantemente a temática da informação com valor monetário e envolve personalidades capazes de movimentarem a economia do país. A aposta financeira transforma o boato no elemento propulsor da bolsa de valores e, de acordo com depoimentos dos agentes do mercado, enseja a especulação. Ele se apresenta predominantemente em duas modalidades:

- 1) o boato espontâneo, resultado da própria dinâmica do mercado financeiro, que trabalha com grande quantidade de informações;
- 2) o boato manipulatório, produzido por fontes interessadas em determinadas posições de mercado.

Essas especificidades do boato financeiro o inserem numa tipologia própria, que articula aspectos atinentes à proposição de uma nova abordagem epistemológica do objeto e, conseqüentemente, é o embrião teórico de um fato natural constatado, passível de estudo científico.

Considerando-se as condições expostas, o boato no mercado financeiro tem propriedades que o particularizam, tornando esse fenômeno de comunicação, como manifestação espontânea surgida sob

bases fundamentais de tensão, estresse e pressão, uma categoria ímpar de estudo, localizada e com sólidos pilares teóricos.

O boato financeiro se coloca como uma perspectiva de estudo das expiações humanas (a exemplo da fofoca) e da explicitação das angústias e das sensações psicológicas (rumor), com adornos de manifestações inerentes ao descolamento entre o capital especulativo e a produção, refletindo as disparidades originárias da globalização desigual dos mercados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal proposta deste trabalho foi desvendar algumas situações em que o boato opera como comunicação no universo do mercado financeiro, em particular na Bovespa, e entender seu ciclo, sua função e sua necessidade ao funcionamento do mercado: “o mundo financeiro é regido pela lei do acaso” (Singer, 2000: 10).

Escolhemos a Bovespa por sua característica de refletir as instabilidades decorrentes de alterações bruscas nos rumos da economia, provenientes do cenário externo e interno, além de fatores ligados à política. Essa instabilidade está intimamente ligada à sensibilidade às informações, que provocam a alta ou a queda das cotações, resultando no que podemos considerar como a volatilidade dos papéis e dos indicadores.

Essa volatilidade impõe condições difíceis para a operacionalização por parte dos agentes: operadores, corretores, investidores e analistas, que trabalham à mercê das mínimas alterações de posições e de “seus pensamentos que influenciam ativamente os eventos de que participam” (Soros, 1998: 38), e afeta tanto os papéis como os indicadores financeiros como um todo.

Esse clima enseja o surgimento e a propagação de boatos, que influenciam a tomada de decisões. Os boatos mais comuns são os operacionais, que circulam durante as fases da transação, os boatos oficiosos, que têm origem nas agências de aconselhamento, cujas

diversas opiniões alteram e chegam a abalar as condições de mercado, e os boatos fortuitos, baseados em fatos inusitados ou em incidentes de proporções capazes de mudar o humor do mercado.

Por ser um setor extremamente sensível às informações e por se tratar de um mercado de valores, o mercado financeiro é um universo que se pretende racional, onde os profissionais dispõem de muitas informações instantâneas e procuram, portanto, agir de modo racional.

No mercado financeiro, o tempo é computado rigorosamente, daí a importância da efemeridade do boato que surge, cumpre seu ciclo de vida e muitas vezes reaparecem com nova roupagem. Devido à competição e à rapidez exigida na consecução das transações, o profissional se depara com a restrição do tempo, e o estado de crise é típico dessa atividade. A excitação e a tensão criadas por essa permanente tensão preparam o terreno para a divulgação de boatos sobre a situação do mercado, das empresas, das autoridades etc.

Entretanto, não há tempo para se procurar a origem da informação, avaliar seu grau de exatidão e questionar fontes oficiais de especialistas. A rapidez das decisões a tomar alimenta a avidez por informações. Todo boato financeiro encerra um risco, e este pode causar muitos prejuízos, caso se tomem decisões incorretas.

Podemos afirmar que o boato tem características que o distinguem das demais formas de comunicação, sobretudo a transitoriedade, a volatilidade e a dificuldade de se conservar uma memória dos acontecimentos. Essas dificuldades são intrínsecas à sua verbalidade e

decorrem especialmente da potencial deformação dos fatos pela simplificação, racionalização ou justificação.

Concluimos que o boato no mercado financeiro é uma variável previsível mas incerta, geralmente externa à Bovespa, o que não exclui a possibilidade de surgimento interno, inscrita na rede que articula as instituições e seu comportamento operacional rotineiro. Ele surge sobretudo junto aos analistas financeiros, principalmente os mais renomados, que, por ter acesso a informações tratadas tecnicamente e à leitura de cenários e tendências econômicas internas, além dos relatos das agências de aconselhamento (classificação de riscos e bancos de investimento), emitem suas projeções, sugestões e palpites sobre as melhores decisões a tomar. Essa postura influencia diretamente muitos investidores e, conseqüentemente, forma uma espécie de opinião pública.

Assim, apesar de suas especificidades, o boato financeiro cumpre a função de mola propulsora do mercado, e sua existência é tida como certa por todos os agentes financeiros, resultando no que se pode chamar de variável estruturante e institucional. Por isso afirmamos tratar-se de um tipo de comunicação, com raízes nos agentes institucionais do mercado.

O processo de divulgação dos boatos começa com os analistas financeiros, que os repassam para veículos de comunicação de prestígio (servindo como fonte jornalística), que os transmitem a seus consumidores (os multiplicadores de opinião), que os divulgam entre os

setores com menor capacidade de avaliar a validade do que é transmitido.

Pretendemos aqui perceber que, no mercado financeiro, à margem do discurso oficial, que reforça sua alegada racionalidade, existem os componentes da comunicação e do comportamento do agente (Soros, 1998), que engendram o boato, que tem uma função primordial na engrenagem dos negócios, apesar de ser às vezes relegado à condição de fofoca.

Sendo alimentado pelo próprio meio e pelos agentes investidos em suas funções ordinárias, concluímos que o boato pode ser considerado institucional e é um dispositivo presente no mecanismo do sistema financeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLPORT, Gordon W.; POSTMAN, Leo. **Psicologia del rumor**. Buenos Aires: Editorial Psique, 1947.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graas, 1985.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ARBEX JR., José. **O jornalismo canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder**. São Paulo: Casa Amarela, 2003.

_____ **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

AUGRAS, Monique. **Opinião pública: teoria e processo**. Petrópolis: Vozes, 1970.

BAITELLO JR., Norval. **A era da iconofagia**. São Paulo: Hacker, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____ **Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____ **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____ **As estratégias fatais**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

_____ **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____ **Globalização: as conseqüências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____ **Modernidade e ambivalência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

BERNSTEIN, Peter L. **Desafio aos deuses: a fascinante história do risco.** Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

BITTI, Pio Ricci; ZANI, Bruna. **A comunicação como processo social.** Lisboa: Editorial Estampa, 1983.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade.** São Paulo: Cultrix, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **La noblesse d'état: grandes écoles et esprit de corps.** Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.

BOYER, Robert. **La croissance début de siècle.** Paris: Albin Michel, 2002.

BRAGA, José Carlos de Souza. **A financeirização da riqueza: a macroestrutura financeira e a nova dinâmica dos capitalismo centrais.** Texto para discussão. Fundap, 1991.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias.** São Paulo: Boitempo, 2004.

CALLON, Michel. **The Laws of the Markets.** Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

CANETTI, Elias. **Massa e poder.** São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

CARDOSO, Fernando Henrique. **A arte da política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CARDOSO, Marison S. **Na dúvida?** Ligue-se na rádio peão. *Revista Transinformação*, v.8, n.2, mai/ago, 1996.

CARIBÉ, Yuri Jivago Amorim. **Comunicação boca a boca**: processos de transmissão e recepção. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Curso de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____ **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAZELOTO, Edílson. **A inclusão digital e a reprodução do capitalismo contemporâneo**. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Curso de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CHANCELLOR, Edward. **Salve-se quem puder**: uma história da especulação financeira. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 2006.

_____ **Simulacro e poder**: uma análise da mídia. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHESNAIS, Francois. (org.). **A finança mundializada**: raízes sociais e políticas, configuração, conseqüências. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____ **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

_____ **A globalização e o curso do capitalismo de fim-de-século.**

In: Economia e Sociedade. Campinas, dez 1995.

COHN, Gabriel. **Sociologia da comunicação: teoria e ideologia.** São Paulo: Pioneira, 1973.

COSTA, Edmilson. **Para onde vai o capitalismo?** Notas sobre a globalização neoliberal e a nova fase do imperialismo (1997). Disponível em <<http://sites.uol.com.br/globalization/paraondevai.htm>>. Acesso em 11.ago 2007.

DE FLEUR, Melvin. **Teorias da comunicação de massa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIMAGGIO, Paul. **The Twenty-first-century Firm: changing economic organization in international perspective.** Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso.** São Paulo: Editora Unesp, 2006.

DURANDIN, Guy. **As mentiras na propaganda e na publicidade.** São Paulo: JSN, 1997.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados.** São Paulo: Perspectiva, 1998.

EICHENGREEN, Barry. **A globalização do capital: uma história do sistema monetário internacional.** São Paulo: Editora 34, 2000.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FIORI, José Luís (org.). **O poder americano.** Petrópolis: Vozes, 2004.

_____ **Globalização, hegemonia e império.** In: TAVARES, Maria da Conceição, FIORI, José Luís (orgs). O poder e dinheiro: uma economia política da globalização. Petrópolis: Vozes, 1997.

FLIGSTEIN, Neil. **The Architecture of Markets:** na economic sociology of twenty-first-century capitalist societies. Princeton: Princeton University Press, 2001.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta:** ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FONSECA, Homero. **Viagem ao planeta dos boatos.** Rio de Janeiro: Record, 1996.

FONTENELLE, Isleide Arruda. **O nome da marca.** São Paulo: Boitempo, 2002.

FORTUNA, Eduardo. **Mercado financeiro:** produtos e serviços. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

_____ **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANK, Thomas. **Deus no céu e o mercado na terra.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

FREITAS, Jeanne Marie Machado de. **Comunicação e psicanálise.** São Paulo: Escuta, 1992.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão.** In: Obras Escolhidas. São Paulo: Imago, 1974.

_____ **O mal-estar na civilização.** In: Obras Escolhidas. São Paulo: Imago, 1974.

_____ **Psicologia de grupo e análise do eu.** In: Obras Escolhidas. São Paulo: Imago, 1974.

GADE, Christiane. **Psicologia do consumidor.** São Paulo: EPU, 1980.

GAIARSA, José Ângelo. **Tratado geral sobre a fofoca:** uma análise da desconfiança humana. São Paulo. Summus, 1978.

GALBRAITH, John Kenneth. **1929:** o colapso da bolsa. São Paulo: Pioneira, 1988.

GARCIA, Maria Tereza. **Relacionamento entre empresas e imprensa:** inimigos ou parceiros em momentos de crise. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mercado) – Curso de Pós-graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOLDENBERG, Ricardo. **Política e psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____ (org.). **Goza!** Capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997.

GONÇALVES, Luiza Helena Pinheiro. **O discurso do capitalista.** São Paulo: Via Lettera, 2000.

GORZ, André. **O imaterial:** conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Sémiotique:** Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1979.

GUÉX, Stewart O. **La politique des caisses vides**. État, Finances Publiques et Mondialisation. Actes de la recherche en sciences sociales. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003.

GUTFREIND, Cristiane Freitas; SILVA, Juremir Machado. **Guy Debord: antes e depois do espetáculo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

HAUG, Wolfgang Fritz. **Crítica da estética da mercadoria**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.

KAPFERER, Jean-Noel. **Boatos: o mais antigo mídia do mundo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

KINDLEBERGER, Charles P. **Manias, pânico e crashes: um histórico das crises financeiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

KOTLER, Phillip. **Marketing para o século XXI: como criar, conquistar e dominar mercados**. São Paulo: Futura, 1999.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KURTZMAN, Joel. **A morte do dinheiro: como a economia eletrônica desestabilizou os mercados mundiais e criou o caos financeiro**. São Paulo: Atlas, 1995.

KURZ, Robert. **A virtualização da economia:** mercados financeiros transnacionais e a crise da regulação. In: Caderno Mais!, *Folha de S.Paulo*, 23.mai 1999.

LACERDA, Antônio Corrêa de. **O impacto da globalização na economia brasileira.** São Paulo: Contexto, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção.** Barueri: Manole, 2007.

_____ **O império do efêmero:** a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em comunicação.** São Paulo: Loyola, 1990.

MAGALHÃES, Davidson. **Globalização do capital e os Estados nacionais.** São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **A linguagem da sedução:** a conquista das consciências pela fantasia. São Paulo: Com-Arte, 1985.

MARTINS, Valdir. **Boato financeiro:** o rumor na Bovespa. São Paulo: Academia Editorial, 2006.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação.** São Paulo: Loyola, 1999.

MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação.** Bauru: Edusc, 2002.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1964.

MIRANDA, Orlando. **Tio Patinhas e os mitos da comunicação**. São Paulo: Summus, 1976.

MORIN, Edgar. **Rumor**. In: Orléans. Pantheon Books. A Division of Random House. New York: 1971.

NEGRI, Antônio; HARDT, Michael. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

NEIVA JR., Eduardo. **Comunicação: teoria e prática social**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PEIRCE, Charles S. **Escritos coligidos**. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural. 1983.

POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens da nossa época**. São Paulo: Campus, 2001.

POWELL, Walter W. **Nuevo institucionalismo en el análisis organizacional**. Madri: Fondo de Cultura, 2001.

POYARES, Walte. **O carisma da comunicação humana: o fenômeno humano da comunicação**. São Paulo: Elevação, 1998.

PRADO, José Luiz Aidar. **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hacker, 2002.

REGO, Francisco Gaudêncio Torquato do. **Comunicação empresarial, comunicação institucional: conceitos, estratégias, sistemas, estrutura, planejamento e técnicas**. São Paulo: Summus, 1986.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REUMAUX, Françoise. **Um rito oral urbano:** o rumor. In: Projeto História/Campo e Cidade: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, n.19, São Paulo: Educ, 1999.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **Magia e capitalismo:** um estudo antropológico da publicidade. São Paulo: Brasiliense, 1995.

RUDGE, Luiz Fernando; CAVALCANTE, Francisco. **Mercado de capitais.** Belo Horizonte: CNBV, 1998.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução às teorias da cibercultura:** perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SALECL, Renata. **Sobre a felicidade:** ansiedade e consumo na era do hipercapitalismo. São Paulo: Alameda, 2005.

SANCHES, Rodrigo Daniel. **O homem-placa e o pixman:** uma análise de duas ferramentas publicitárias que utilizam o corpo como suporte midiático. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Curso de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SANTAELLA, Lúcia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

_____ **Semiótica aplicada.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

_____ **A teoria geral dos signos:** como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Guazzelli, 2000.

_____ **O que é semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, José Evaristo dos. **Mercado financeiro brasileiro: instituições e instrumentos**. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SCHUMPETER, Joseph A. **The Economics and Sociology of Capitalism**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1991.

SCHWARTZ, Gilson. **O capital em jogo: fundamentos filosóficos da especulação financeira**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

SECURATO, José Roberto. **Decisões financeiras em condições de risco**. São Paulo: Atlas, 1996.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru: Edusc, 1999.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.

SILVA, Dinorá Fraga da; FRAGOSO, Suely. **Comunicação na cibercultura**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

SINGER, Paul. **Para entender o mundo financeiro**. São Paulo: Contexto, 2000.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOROS, George. **A crise do capitalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

STORTTI, Maurênio. **Globalização: mitos e verdades**. Porto Alegre: SENAC/DR/RS, 1995.

SWEETZ, Paul M. **Teoria do desenvolvimento capitalista: os economistas**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

TAVARES, Maria da Conceição; FIORI, José Luís (orgs.). **Poder e dinheiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

TEIXEIRA, Marcus do Rio. **Vicissitudes do objeto**. Salvador: Ágalma, 2005.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____ **Velocidade e violência: dromocracia como regime transpolítico da cibercultura**. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *A incompreensão das diferenças: 11 de setembro em Nova York*. Brasília: IESB, 2002. p. 257-272.

_____ **O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

_____ **Glocal: para a renovação da crítica da civilização mediática**. In: FRAGOSO, Suely; SILVA, Dinorá Fraga da (orgs.). *Comunicação na cibercultura*. São Leopoldo: Unisinos, 2001. c.p. 61-104.

VIRÍLIO, Paul. **Cibermundo: a política do pior**. São Paulo: Teorema, 2000.

_____ **Estratégia da decepção**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

_____ **A bomba informática**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

_____ **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____ **A arte do motor.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WEATHERFORD, Jack. **A história do dinheiro.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1989.

WEIL, Pierre, TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala:** a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. Petrópolis: Vozes, 1986.

WERTHEIN, Jorge. **Meio de comunicação:** realidade e mito. São Paulo: Nacional, 1979.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real!** São Paulo: Boitempo, 2003.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)